ESPECIAL O SUCESSO DA FERRAMENTA CHATGPT LEVANTA UM DEBATE SOBRE OS LIMITES DA INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

Editora ABRIL
edição 2826 - ano 56 - nº 4
1º de fevereiro de 2023

O MUNDO DE LULA

Em sua primeira viagem internacional, o presidente fala em priorizar a América Latina, revitalizar o Mercosul e investir dinheiro do BNDES em países amigos. Embora essas escolhas tenham algum simbolismo (além de tristes lembranças), seus efeitos econômicos são restritos. O Brasil precisa de muito mais

PROGRAMAÇÃO

ABERTURA

MICHEL TEMER
Presidente do Brasil
(2016-2018)

MODERADOR

MERVAL PEREIRA
Escritor, Colunista de
O Globo e Comentarista
político da GloboNews

EXPOSITORES

3 de fevereiro
"INSTITUCIONALIDADE E COOPERAÇÃO"

BRUNO DANTAS
Ministro Presidente
do TRIBUNAL DE CONTAS
DA UNIÃO (TCU)

CLÁUDIO CASTRO
Governador do Estado
do RIO DE JANEIRO

RICARDO NUNES
Prefeito da Cidade
de SÃO PAULO

RAFAEL GRECA
Prefeito da Cidade
de CURITIBA

GILMAR MENDES
Ministro do SUPREMO
TRIBUNAL FEDERAL (STF)

RICARDO LEWANDOWSKI
Ministro do SUPREMO
TRIBUNAL FEDERAL (STF)

LUÍS ROBERTO BARROSO
Ministro do SUPREMO
TRIBUNAL FEDERAL (STF)

ALEXANDRE DE MORAES
Presidente do TRIBUNAL
SUPERIOR ELEITORAL (TSE)
e Ministro do SUPREMO
TRIBUNAL FEDERAL (STF)

HUMBERTO MARTINS
Ministro do SUPERIOR
TRIBUNAL DE JUSTIÇA (STJ)

4 de fevereiro
"ECONOMIA, MERCADO E TECNOLOGIA"

SIMONE TEBET
Ministra do Planejamento
e Orçamento - BRASIL

RAIMUNDO CARREIRO
Embaixador do BRASIL
em PORTUGAL

ABILIO DINIZ
Presidente do Conselho da
PENÍNSULA PARTICIPAÇÕES

LUIZ CARLOS TRABUCO CAPPI
Presidente do Conselho
do BANCO BRADESCO

LUIZA HELENA TRAJANO
Presidente do Conselho
do MAGAZINE LUIZA

ISAAC SIDNEY
Presidente da FEBRABAN
Federação Brasileira
de Bancos

GUILHERME NUNES
CEO do CAPITUAL GROUP
- Portugal

GIORGIO MEDDA
CEO da AZIMUT GROUP
- Europa

MIGUEL SETAS
Chairman da EDP
Brasil - Espanha

ÀS SUAS ORDENS

ASSINATURAS

Vendas
www.assineabril.com.br

WhatsApp: (11) 3584-9200
Telefone: SAC (11) 3584-9200

De segunda a sexta-feira, das 9h às 17h30

Vendas Corporativas, Projetos Especiais e Vendas em Lote
assinaturacorporativa@abril.com.br

Atendimento
minhaabril.com.br

WhatsApp: (11) 3584-9200
Telefones: SAC (11) 3584-9200
Renovação 0800 7752112
De segunda a sexta-feira, das 9h às 17h30
atendimento@abril.com.br

Para baixar sua revista digital:
www.revistasdigitaisabril.com.br

EDIÇÕES ANTERIORES
Venda exclusiva em bancas, pelo preço de capa vigente. Solicite seu exemplar na banca mais próxima de você.

LICENCIAMENTO DE CONTEÚDO
Para adquirir os direitos de reprodução de textos e imagens, envie um e-mail para: licenciamentodeconteudo@abril.com.br

PARA ANUNCIAR
ligue: (11) 3037-2302
e-mail: publicidade.veja@abril.com.br

NA INTERNET
http://www.veja.com

TRABALHE CONOSCO
www.abril.com.br/trabalheconosco

Fundada em 1950

VICTOR CIVITA (1907-1990) ROBERTO CIVITA (1936-2013)

Publisher: Fabio Carvalho

Diretor de Redação: Mauricio Lima

Redação e Correspondência: Rua Cerro Corá, 2175, lojas 101 a 105, 1º e 2º andares, Vila Romana, São Paulo, SP, CEP 05061-450

VEJA 2 826 (ISSN 0100-7122), ano 56/nº 4. VEJA é uma publicação semanal da Editora Abril. **Edições anteriores:** Venda exclusiva em bancas, pelo preço da última edição em banca mais despesa de remessa. Solicite ao seu jornaleiro. **VEJA** não admite publicidade redacional.

IMPRESSA NA PLURAL INDÚSTRIA GRÁFICA LTDA.
Av. Marcos Penteado de Ulhôa Rodrigues, 700, Tamboré, Santana de Parnaíba, SP, CEP 06543-001

IVC | GoRead | SIP

www.grupoabril.com.br

VOLTA ÀS AULAS
CAPRICHO
NO BAD DAYS
don't kill my vibe
CHEGOU UM DOS MOMENTOS MAIS ESPERADOS DO ANO PARA ELA!
APONTE O SEU CELULAR PARA ESTE QR CODE E CONHEÇA A COLEÇÃO DE MOCHILAS

***MUY* AMIGOS** Lula com Fidel, em 2003: opção pela esquerda reforçada na Argentina, onde o repórter Caio Saad, de VEJA, entrevistou Fernández

PARA ALÉM DA IDEOLOGIA

AO LONGO DE cinco décadas de existência, VEJA sempre manteve um olhar atento em torno das chacoalhadas pelas quais atravessou o planeta. Reportagens de envergadura ajudaram a lançar luz sobre a redefinição de fronteiras, o desdobramento de conflitos e as mudanças de forças no tabuleiro mundial, ressaltando o papel do Brasil em um mapa-múndi cada vez mais complexo. Na extensa história de coberturas da revista, destacam-se, entre outras, a da Guerra do Golfo e a do desmonte da União Soviética, no início dos anos 1990, e a da nova revolução de comportamento e política da China, no início dos anos 2000, quando o país começava a pôr suas afiadas garras de fora com o objetivo de ultrapassar os Estados Unidos como a maior de todas as potências — tema que rendeu uma matéria especial conduzida por cinco jornalistas em campo durante quase um mês.

Na segunda-feira 23, o presidente Lula fez a primeira incursão internacional desta sua terceira temporada no poder com uma viagem à Argentina, trajeto inaugural que outros presidentes já percorreram em sua estreia, até por se tratar do principal parceiro do Brasil na região. Para acompanhar de perto um evento de relevância, a reunião de cúpula da Celac (Comunidade dos Estados Latino-Americanos e Caribenhos), VEJA enviou a Buenos Aires o repórter Caio Saad. "Lula foi uma espécie de superstar do encontro, o centro das atenções", relata Saad, que também entrevistou o presidente esquerdista Alberto Fernández *(leia a reportagem na pág. 22)*. Depois de Buenos Aires, Lula foi ainda ao Uruguai de Luis Alberto Lacalle Pou, presidente de centro-direita.

Nessa viagem internacional, Lula deu o primeiro passo a caminho de ocupar a liderança, que está vaga e que acha que lhe cabe, nos rumos da América Latina, uma região na qual hoje a esquerda — embora multifacetada e com distintos propósitos — se espalhou com sucessivas vitórias eleitorais. Trata-se de uma atitude semelhante à adotada em seus dois mandatos anteriores, quando enveredou por uma trilha de intenso conteúdo ideológico, alinhada com a chamada Cooperação Sul-Sul. Seguindo essa estrada (de forte cunho simbólico, mas pouco pragmático), o governo brasileiro enfatizou os laços não somente com as nações vizinhas, mas também com países da África. Alinhou-se, sem contrapartida alguma, com o cubano Fidel Castro (1926-2016), com quem esteve em cinco ocasiões oficiais e a quem homenageou ao comparecer a seu enterro, e estabeleceu um elo especialmente firme — e desnecessário — com o venezuelano Hugo Chávez (1954-2013). O problema que não é detalhe: ambos, Castro e Chávez, maltrataram a democracia, e o mínimo que se esperava seria um olhar crítico, que nunca houve.

A ideologia, portanto, pautou muitas das decisões do presidente nas encarnações anteriores. Agora, espera-se que Lula III consiga deixar os matizes comezinhos de lado — e que faça o que dele se espera, e que Jair Bolsonaro também não soube fazer: que defenda os interesses econômicos do Brasil acima das questões políticas. A diplomacia, cujas raízes estão fincadas na era das luzes do Renascimento italiano, é a arte de defender um país na forma de um discurso coeso e fundamentalmente sensato, trazendo oportunidades e abrindo mercados para suas empresas e cidadãos. Chances para desempenhar tal papel, ele terá. Na agenda de Lula, depois da confraternização latino-americana, está planejada uma viagem aos Estados Unidos de Joe Biden, em fevereiro, seguida de outra à China de Xi Jinping, provavelmente em março. O mundo mudou desde que Lula se elegeu pela primeira vez, em 2002 — é essencial que ele também mude, de mãos dadas com o andar da história. ■

A POLARIZAÇÃO ATRAPALHA

O novo ministro da Educação diz que, para o país virar a página do mau ensino, é preciso um pacto nacional movido a metas, meritocracia e mais dinheiro, este um grande desafio

MONICA WEINBERG

LUIS FORTES/MEC

NO PERÍODO da transição entre governos, muito se especulava sobre quem assumiria na gestão Lula a espinhosa pasta da Educação, polpuda em verbas, mas assombrada por estatísticas que põem o país no pelotão de trás do ensino no mundo. Costura daqui e dali, e eis que a cadeira acabou nas mãos de Camilo Santana (PT), 54 anos, cujo grande cartão de visita é ter sido governador do Ceará entre 2015 e 2022, anos em que o estado sedimentou sua trajetória de sucesso na sala de aula, sendo alçado ao topo do ranking nacional. Engenheiro agrônomo nascido em Crato, cidade encravada no "oásis do sertão", Santana estreou na política há dezesseis anos, no secretariado de Cid Gomes, irmão de Ciro (sobre quem prefere não emitir opinião), e chegou a senador no último pleito. Alojado na Esplanada, onde guindou para cargos-chave nomes cearenses de sua confiança, ele já se enroscou em um embate com estados e municípios em torno do aumento de professores e está debruçado sobre um plano nada fácil para fazer a educação decolar. "Lula tem pressa", diz na entrevista a seguir, dada em seu gabinete em Brasília.

O senhor recebeu um relatório do Tribunal de Contas da União sobre programas e obras tocados com verbas do Ministério da Educação. Ele aponta fraudes? O relatório levanta muitos questionamentos, sobretudo em relação à dinheirama do FNDE *(o bilionário fundo do ensino*

básico), repassada via orçamento secreto sem nenhuma transparência. E, sim, há ali vários indícios de fraudes, o que uma auditoria da Advocacia-Geral da União está aprofundando a meu pedido. Para mim, ficou claro que altos recursos foram canalizados atendendo a interesses políticos.

Está disposto a abrir essa caixa-preta mesmo que nomes graúdos da República apareçam na auditoria? A partir do momento em que as informações forem comprovadas, as pessoas serão responsabilizadas e isso virá a público, não importa quem sejam os envolvidos.

O senhor promete retomar 100% das obras paradas na educação, cerca de 4 000 ao todo, operação que envolve um lamaçal burocrático e verbas. Já tem uma equipe cuidando disso? Há uma área à frente da missão no FNDE, mas a verdade é que ainda estamos formando o time do ministério. É como trocar o pneu com o carro andando. Para se ter uma ideia, consegui hoje, semanas depois da posse, nomear uma parte de meus secretários.

A Confederação Nacional de Trabalhadores em Educação, aliás, se manifestou contra a escalação de seu secretariado, afirmando ser pró-mercado e afinado com instituições privadas. Faz sentido? Nenhum. São todos profissionais com longa estrada na academia, na educação pública e, assim como eu, defendem e trabalham pelo avanço da qualidade. Esse tipo de crítica é um equívoco.

Como conviver com fileiras mais militantes e radicais na educação, onde estão presentes quadros do próprio PT? Precisamos desarmar as pessoas nestes tempos de polarização e parar para conversar. Diferenças existem e são salutares. O inadmissível é a falta de diálogo e a intolerância com quem não pensa rigorosamente igual a você.

“Estamos discutindo a reformulação do Enem, que deve estar em sintonia com o novo modelo de escola que vem sendo implantado. As mudanças já podem valer em 2024”

A reforma do ensino médio já em curso lança as bases para transformar escolas públicas e particulares, ao oferecer trajetos acadêmicos distintos para alunos com diferentes gostos e ambições. Uma ala do PT é contra. E o senhor? Acho que a ideia contém aspectos positivos — amplia a carga horária, dá espaço ao ensino profissionalizante e torna o currículo mais flexível, o que pode ser um atrativo para tantos jovens que andam desinteressados da sala de aula. Mas há ponderações que precisamos observar: municípios mais pobres terão condições de fazer uma mudança tão profunda?

O senhor considera então rever o novo ensino médio? Sou a favor de avaliar os resultados desse modelo. Sei que está bem no princípio e precisamos de mais dados. O fato é que nem esse nem qualquer outro debate podem ser pautados pelo filtro ideológico, que acaba por ofuscar a visão. O melhor caminho é sempre consultar as pesquisas e ouvir o que diz a ciência.

E o Enem, que mexe com a vida de tanta gente, vai mudar, afinal? Vamos repensar a fórmula do Enem e adianto aqui que esse remodelamento já está sendo discutido. O exame precisa estar afinado com o novo ensino médio vigente, baseado em diferentes itinerários dentro da escola.

Falava-se em uma prova mais enxuta igual para todos e outra específica, que variaria conforme a área escolhida pelo aluno. Será algo nessa linha? Estamos iniciando os trabalhos com um grupo de estudos debruçado justamente sobre o teor da prova. O que dá para dizer hoje é que as mudanças já podem valer para quem fizer o Enem em 2024.

Uma de suas anunciadas metas é implantar em escala nacional um programa de alfabetização na idade certa, inspirado no bem-sucedido exemplo cearense. O governo Dilma Rousseff implantou algo bem parecido e não deu certo. Por que funcionaria agora? No governo Dilma, faltou estabelecer um pacto com estados e municípios, articulação e base legal. Também não se viu um ponto vital ao sucesso do programa: prover estímulos, inclusive financeiros, àqueles que alcançam as metas, que devem ser muito bem definidas. A esfera federal, e aqui fica uma promessa, vai liderar com vigor o programa. Não podemos aceitar que apenas um terço das crianças aprenda a ler e a escrever na idade esperada. Se a base é frágil, prejudica todo o percurso escolar.

Outro de seus objetivos é fazer com que todas as escolas funcionem em tempo integral, o que requer uma bolada de dinheiro. De onde ela sairá? Essa é uma boa pergunta. Ainda não sabemos. O que eu sei é que o tema

precisa ser posto à mesa, já que a medida é imprescindível para uma mudança de patamar. O Congresso não resolveu tirar o Bolsa Família do teto de gastos? Temos de pensar em todas as alternativas.

Mal havia assumido o posto, e o MEC entrou em rota de colisão com os municípios depois que o senhor anunciou o aumento do piso dos professores. Faltou conversar com quem paga a conta? O que eu fiz foi obedecer a lei, que prevê aumento do piso dos docentes em janeiro. Sobre o valor do reajuste, paira de fato um vácuo legal desde 2020 e, por isso, me ancorei num parecer técnico da AGU recomendando que seguisse a regra anterior a essa data. É justamente sobre esse ponto que os municípios se queixam, dizendo não haver respaldo para os quase 15% concedidos. Olhando à frente, precisa vir do Congresso ou do próprio Poder Executivo uma proposta para regulamentar o aumento do piso.

Quando Bolsonaro elevou em 33% o piso dos docentes, a oposição disparou críticas, afirmando que a motivação era política. E agora, não é? A questão com o governo Bolsonaro é que, ao alardear o aumento, eles bateram o bumbo capitalizando um ato que é previsto por lei e cuja conta, como já dissemos, acaba no colo de estados e municípios. O problema não foi com a decisão, mas com o gesto.

Qual seu plano para fazer o modelo do Ceará ser reproduzido na dimensão e complexidade do território brasileiro? Vou pregar em prol dele em todos os estados, mostrando evidências científicas do que funcionou, dando estímulos e tentando dissolver o clima de polarização, que só atrapalha. Quero firmar pactos com os 27 governadores. Minha ideia é que os que fizerem bem a lição de casa, cumprindo metas, vão receber mais. Isso é eficaz. Quero ainda traçar um plano para além dos meus quatro anos nesta cadeira, como ocorre em tantos países. A falta de uma cultura de planejamento é um freio para o Brasil.

Em que medida? Nas últimas décadas, o Brasil vem demonstrando essa lacuna claramente, sem parar para se indagar: onde queremos estar daqui a dez, quinze anos? E o que é preciso fazer agora para chegar lá mais tarde? Não se veem governos nem partidos — e me refiro a todos os que passaram recentemente pelo poder, inclusive o PT — elaborando planos embalados por uma visão de longo prazo.

O presidente Lula disse que quer todas as escolas conectadas à internet até 2026. Ninguém discorda de que a iniciativa é meritória, mas a experiência global mostra que é desperdício de dinheiro disponibilizar computadores e tablets sem uma ideia clara do que fazer com eles. O senhor tem? Ainda precisamos construir um projeto pedagógico, mas tenho clareza de que a conexão é essencial e abre a crianças e jovens a oportunidade de ter uma escola mais atraente e que não se encerre no turno escolar — o que, aliás, pode ser importante ferramenta para ajudar a sanar as lacunas deixadas pela pandemia.

"Falta ao Brasil uma cultura de planejamento. Não se veem partidos nem governantes que passaram nas últimas décadas pelo poder embalados por uma visão de longo prazo"

A ministra Anielle Franco avalia que é necessário ampliar as cotas no país. O senhor concorda? Sou um defensor da política de cotas, mas não discutimos isso ainda.

E as escolas cívico-militares, uma das bandeiras da era Bolsonaro, o MEC vai manter? Estou esperando receber um relatório sobre o tema e vou avaliar. Por princípio, prefiro modelos em que a criatividade seja mais estimulada e que estejam em consonância com as diretrizes do MEC. Não é o caso das escolas cívico-militares, ligadas às Forças Armadas e funcionando em um sistema próprio, à parte.

A histórica aliança PT-PDT no Ceará foi rompida nas últimas eleições. Ciro Gomes, que concorreu à Presidência pelo PDT, diz que o senhor se afastou porque Lula lhe prometeu um ministério. Procede? Não, e prefiro não falar sobre Ciro. Só digo que a população deixou claro o que pensava sobre ele nas urnas.

A repugnante afronta à democracia na invasão das sedes do poder em Brasília, em 8 de janeiro, é um sinal de que falta boa educação a uma parcela da população brasileira? Acho que sim. Escolas e universidades são espaços para pavimentar as bases de um bom cidadão, que é alguém tolerante e aberto à diversidade de ideias, avesso aos extremismos e preparado para o pleno exercício da democracia. ■

"É TRAGÉDIA APÓS TRAGÉDIA"

FORAM DOIS massacres em apenas três dias. Em 21 de janeiro, um homem de 72 anos de origem asiática matou onze pessoas e deixou outras nove feridas em um estúdio de dança de salão em **Monterey Park,** na Califórnia, onde a comunidade local celebrava o Ano-Novo lunar do Oriente. O criminoso foi depois encontrado morto dentro de uma van. **A vigília à luz de velas** em homenagem aos corpos caídos, no dia 24, coincidiu com uma outra barbaridade na véspera — o assassinato de sete ex-colegas de trabalho de um senhor de 67 anos, na cidade costeira de Half Moon Bay, todos sino-americanos. O acusado foi preso. As investigações avançam rapidamente. Os inaceitáveis episódios iluminam um drama: apenas em 2023, em todos os Estados Unidos, houve 37 ataques a bala. "É tragédia após tragédia", resumiu o governador da Califórnia, Gavin Newsom. Mas a melhor definição — que chama a atenção para uma catástrofe global, e não apenas americana — está nas palavras de um cartaz da noite de luto: **"O problema são as armas".** Nos Estados Unidos, desde a extinção da lei que proíbe fuzis de assalto em 2004, que não foi renovada por falta de um acordo entre os partidos Republicano e Democrata, o que se instalou foi uma guerra. Nesse período, a indústria armamentista faturou mais de 1 bilhão de dólares. O espanto é uma boa lição para o Brasil. É excelente, para dizer o mínimo, que o país comece a recuar nesse campo, depois da liberalidade dos últimos quatro anos. ■

Simone Blanes

MARIO TAMA/GETTY IMAGES

THE PROBLEM IS GUNS!

LOUIE BANKS

SUPERAÇÃO Shania: ela alcançou a cura após quase dez anos e várias cirurgias

"É UM MILAGRE VOLTAR A CANTAR"

Aos 57 anos, a mais bem-sucedida cantora de música country da história conta como superou uma grave doença que afetou sua voz, fala do retorno aos palcos e celebra a nova geração de cantores pop

***Queen of Me*, seu novo disco, é o segundo desde que enfrentou a doença de Lyme *(infecção transmitida por carrapatos, comum na América do Norte)*. Após quase dez anos sem cantar, está bem?** Eu me recuperei totalmente, mas minha voz jamais será a mesma. Após as cirurgias que fiz nas cordas vocais devido às sequelas da doença, ela ficou diferente: consigo emitir sons altos potentes, mas nem tanto os tons suaves. Estou grata, de qualquer forma, por poder voltar a cantar. Ainda posso me expressar por meio da música, algo que há alguns anos não tinha certeza se conseguiria de novo.

A senhora já disse que pensou em parar de cantar devido à doença. Como se sentiu quando enfim retornou? De fato, pensei que jamais voltaria a cantar. Senti como se tivesse perdido uma parte muito preciosa do meu corpo e, de repente, eu a recuperasse. É admirável. Mas a jornada para superar a doença não foi nada simples, foi lenta e difícil. Agora, olhando para trás, vejo que é um milagre subir aos palcos.

Depois do problema, a senhora fez uma bem-sucedida turnê em Las Vegas. Como a cidade a ajudou no retorno aos palcos? Las Vegas foi o primeiro desafio vocal ao vivo que aceitei fazer desde que me curei. Apesar de estressante, eu também tive a chance de exercitar minha voz ao cantar diante de uma plateia novamente. Ao assumir esse desafio, senti que ficou mais fácil superar a doença, graças à rigorosa disciplina que tive de manter.

Há alguns meses, a senhora assistiu a um show da brasileira Anitta na Suíça, onde vive, e depois foi conhecê-la no camarim. Já pensou em fazer uma parceria com a cantora? É uma excelente ideia. Eu adoraria. Ela é muito divertida e eu amei conhecê-la. Fiquei feliz por você plantar essa semente. Em qual idioma deveríamos cantar? Talvez em inglês ou um misto de português e inglês? Seria divertido.

Harry Styles e Taylor Swift, duas das maiores artistas pop da atualidade, disseram que a senhora foi uma das principais influências deles. Como avalia sua influência sobre a nova geração? Quando comecei, jamais imaginei que faria tanto sucesso. E menos ainda que muitos artistas iriam crescer me ouvindo e mais tarde se tornariam grandes estrelas do nosso tempo. É um círculo que se fecha. A palavra certa para descrever tudo isso é: surreal. ■

Felipe Branco Cruz

A GUITARRA DE UMA GERAÇÃO

A carreira do guitarrista **David Crosby** se confunde com a popularização da música folk nos Estados Unidos e no mundo. Como membro fundador do Byrds, ele ajudou a moldar o que se tornaria o folk-rock dos anos 1960, atalho que abriria a avenida eletrificada e ruidosa de nomes como Bob Dylan. Mas foi com a banda Crosby, Stills & Nash, formada ao lado de Stephen Stills e Graham Nash, que ele ganhou notoriedade global. O álbum *Déjà Vu*, lançado em 1970, é uma obra-prima incensada pela cultura hippie, regada a sexo e drogas, com clássicos como *Teach Your Children*, *Woodstock* e *Almost Cut My Hair*, uma ode à contracultura ("quase cortei meu cabelo / aconteceu outro dia / está ficando meio longo").

Anos depois da primeira formação da lendária banda, Neil Young entraria para o grupo, adicionando mais um sobrenome à banda. A união dos músicos, no entanto, não durou. Mais recentemente — e sem nunca deixar de compor — Crosby foi às redes sociais para apoiar o boicote contra a plataforma Spotify, que durante a pandemia hospedou um podcast contra a vacinação, gravado por um defensor fanático de Donald Trump. Ele morreu em 18 de janeiro, aos 81 anos, de causas não reveladas.

BURAK CINGI/REDFERNS/GETTY IMAGES

PIONEIRISMO David Crosby: popularização do estilo folk-rock

LONGE DO GARRAFÃO

O recurso das cestas de 3 pontos é uma das grandes marcas do basquetebol moderno, sobretudo nas partidas da NBA, a fenomenal liga americana. Atualmente, Stephen Curry, do Golden State Warriors, é o grande gênio do fundamento, recordista histórico, para quem a quadra parece sempre encolher. A regra que autorizou a jogada, e revolucionou a modalidade, foi criada apenas na temporada de 1979 e 1980. Coube ao armador **Chris Ford,** do Boston Celtics, levar para dentro do aro a primeiríssima bola de 3 pontos, em outubro de 1979, numa partida contra o Houston Rockets. O feito foi imediatamente celebrado, dado o pioneirismo que pavimentaria a trajetória de jogadores em todo o mundo, como Oscar Schimdt, o "mão santa". Depois de abandonar as quadras como atleta — apenas razoável —, Ford começou a trabalhar como treinador do clube que o revelou, o Celtics. Ele morreu em 17 de janeiro, aos 74 anos, na Filadélfia, de causas não reveladas pela família.

FOCUS ON SPORT/GETTY IMAGES

CHUÁ! O americano Chris Ford: o primeiro a marcar uma cesta de 3 pontos

CORAGEM NA AVENIDA

O paulistano Kaká Alberto Polycarpo, conhecido como a drag queen **Kaká Di Polly,** era um dos grandes ícones da comunidade LGBTQIA+ do Brasil. Em 1997 foi corajosa ao se deitar no asfalto da Avenida Paulista, em São Paulo, no início da primeiríssima Parada Gay — como a polícia insistia em não liberar a via, o gesto foi decisivo. Naquele tempo, o país ainda engatinhava na defesa da diversidade. Di Polly morreu em 23 de janeiro, aos 63 anos, de parada cardíaca. ■

DIVERSIDADE Polycarpo: a mais conhecida drag queen

INSTAGRAM @KAKADIPOLLYOFICIAL

FERNANDO SCHÜLER

A LIÇÃO DE TOCQUEVILLE

"SUPER-RICOS pedem para pagar mais imposto", li em uma matéria. Achei que era brincadeira, mas não. Era uma carta assinada por mais de 200 endinheirados, que causou frisson nos dias festivos de Davos, na Suíça. "Vocês, nossos representantes, tributem a nós, os ricos, e agora!", diziam nossos "milionários patriotas", como o grupo se autodenominou, em meio àquele enorme congestionamento de jatinhos, limusines e pregações contra a desigualdade e o aquecimento global. O mais interessante foram as premissas sustentando a ideia. A primeira foi exposta por Owen Jones, um jornalista pop inglês, dizendo que, "em vez de filantropia, os ricos deveriam dar seu dinheiro ao governo, que sabe melhor o que fazer com ele". Outra era a crença de que dar mais dinheiro ao Estado seria a melhor maneira de "diminuir a desigualdade", como constava na carta dos bilionários.

LEEMAGE/CORBIS/GETTY IMAGES

MÉRITO Alexis de Tocqueville: ideia do benefício do "autogoverno em pequena escala"

Quando lia essas coisas, pensei no Brasil. Fiquei imaginando se vinte bilionários brasileiros (temos 56, na lista da *Forbes*) tivessem decidido doar 1 bi, cada um, para o governo. O pessoal lá em Miami, meio entediado, entre uma Pol Roger e outra, lendo o artigo de seus colegas globais, e, num lance de entusiasmo, manda recolher um DARF extra de 1 bi, cada um, para o Tesouro Nacional. Nosso sábio governo agora tem 20 bilhões a mais para reduzir a desigualdade. É basicamente o valor previsto para as emendas de relator, declaradas inconstitucionais pelo STF. Quando isso aconteceu, achei que o Congresso e o novo governo iriam abater o valor das emendas do rombo fiscal aprovado na PEC da Transição. Ledo engano. O dinheiro continuou lá, indo para a conta do déficit público. Como resultado, cada deputado terá 32 milhões em emendas individuais para distribuir. Nossos gabinetes parlamentares funcionarão como pequenos ministérios, direcionando uma montanha de recursos públicos para os municípios de suas bases eleitorais. Podem ser kits de robótica, unidades de saúde, estradas asfaltadas pela metade, um ginásio de grandes proporções para uma cidade de pequeno porte, ou um show sertanejo na festa da cidade. Os exemplos não são inventados. Talvez eles atendam às esperanças de Owen Jones e nossos felizes bilionários de que o governo "sabe o que está fazendo", mas desconfio que seja apenas uma ilusão.

Outro ponto que me chamou a atenção na carta dos milionários foi a ideia de que, além de reduzir as desigualdades, com mais dinheiro para os governos, seria possível melhorar a "qualidade da democracia". Novamente me lembrei do Brasil. No finalzinho do ano, nossos parlamentares decidiram não apenas se autoconceder um generoso aumento, como aumentar também o vencimento dos ministros do STF, que serve como teto salarial do funcionalismo. O valor vai a mais de 46 000 reais. A votação foi "simbólica", isto é, sem que ninguém saiba quem votou contra ou a favor. Quanto custará? Há quem fale em 2,5 bilhões de reais. Há quem diga que tocar nesses assuntos é mesquinharia.

"Tem de pagar bem mesmo", me diz um colega. Não discordo. Só tem um detalhe: temos o Parlamento proporcionalmente mais caro do planeta, cada parlamentar custando 528 vezes a renda média do trabalhador brasileiro, como mostrou a pesquisa feita por Luciano de Castro, do IMPA, e outros pesquisadores. E somos também o país que mais põe dinheiro em partidos e campanhas eleitorais. Nas últimas eleições, torramos 5 bilhões de reais no fundão eleitoral. Candidatos à reeleição, em regra caciques partidários, com ampla estrutura de campanha, receberam, em média, 1,7 milhão de reais; os novatos, pouco mais de 200 000 reais, e a grande maioria, muito menos. Tudo para gerar maior "equidade" na disputa eleitoral, como por vezes escuto. Os dados são reveladores. Andamos a 1% do PIB acima da média latino-americana em desonerações fiscais. Coisas

■ *Os textos dos colunistas não refletem necessariamente as opiniões de* VEJA

que vão da Zona Franca de Manaus ao subsídio à compra de caminhões, com todas as consequências sabidas, da tabela do frete à ainda recente "bolsa caminhoneiro", a um custo de 5 bilhões de reais. Cada cifra dessas nos conta a história do "país da meia-entrada", na expressão de Marcos Lisboa. Tenho dúvidas sobre se nossos milionários patriotas, lendo essas coisas, perderiam seu ânimo em pedir mais impostos, ao menos no Brasil. Talvez apostassem no autoengano.

Antes de falar em dar mais dinheiro aos governos, o melhor é perguntar como os governos estão gastando o dinheiro de que dispõem. Nosso maior orçamento setorial é o da saúde, mas se você tiver um problema complicado no joelho vai levar em média quatro anos para uma avaliação cirúrgica pelo SUS. O segundo é o da educação, e nossos alunos da escola pública ocupam as últimas posições no PISA, a cada três anos. Então é preciso cuidado. Antes de fazer graça em Davos, seria interessante saber se a ação do governo, fora do mundo retórico, está mesmo reduzindo a desigualdade.

"Por que esperar que o Estado resolva todos os nossos problemas?"

Outra questão: por que esperar que o Estado resolva todos os nossos problemas, em vez da tomada de iniciativa pelos cidadãos? Eduardo Lyra criou o Gerando Falcões desde o zero, e hoje tem uma capacidade ímpar de transformar comunidades pobres. Ele poderia ter ido reclamar do governo. Talvez tivesse virado um político. A questão vale especialmente para nossos bem-intencionados milionários. Em vez de correr atrás do governo, por que não fazer como Andrew Carnegie, no século XIX: usar o dinheiro e a inteligência para produzir mudanças. É o que nos diz uma das lições de Alexis Tocqueville, em sua famosa viagem à América. Ele se surpreendeu com o que chamou de "autogoverno em pequena escala". A incrível capacidade que as pessoas tinham em se associar. "Os americanos", ele diz, associam-se para "fundar escolas, igrejas, difundir livros, construir prisões e hospitais". Assistiu a milhares de americanos, preocupados com o alcoolismo, conectando-se para promover a abstinência às bebidas. E provocou: "Na França, eles teriam ido exigir que o governo vigiasse as tabernas". Lá se vão 200 anos, e parecemos não ter aprendido a lição.

No Brasil, porém, há sinais positivos. Tempos atrás conheci o Inteli, uma faculdade de alta tecnologia, em São Paulo, sem fins lucrativos, criada pela iniciativa de dois líderes empresariais, com a maior parte de alunos bolsistas. Eles teriam feito melhor indo ao governo exigir mais impostos? Não creio. Os exemplos estão aí. O Museu do Ipiranga foi recuperado com mais de 180 milhões de reais oriundos do setor privado, o mesmo acontecendo com a nova fábrica de vacinas do Butantan. O valor somado das doações é menor do que o subsídio dado pelo governo estadual para sustentar pedágios no ano passado. Doações, de um lado; "racionalidade política", de outro. Deveríamos aprender. Evitar o autoengano do Estado e as ilusões da política. E de quebra dar escala às iniciativas da sociedade civil. De forma que também possamos ser uma terra de doadores, na qual a "arte da associação", como sugeria Tocqueville, em sua viagem, seja vista como uma virtude, e cultivada desde a formação que todos recebemos. ■

Fernando Schüler é cientista político e professor do Insper

SOBE

PIX
Sucesso de aceitação popular desde que foi lançado, em 2020, o sistema de pagamentos movimentou 10,9 trilhões de reais em 2022, o dobro do ano anterior (5,2 trilhões de reais).

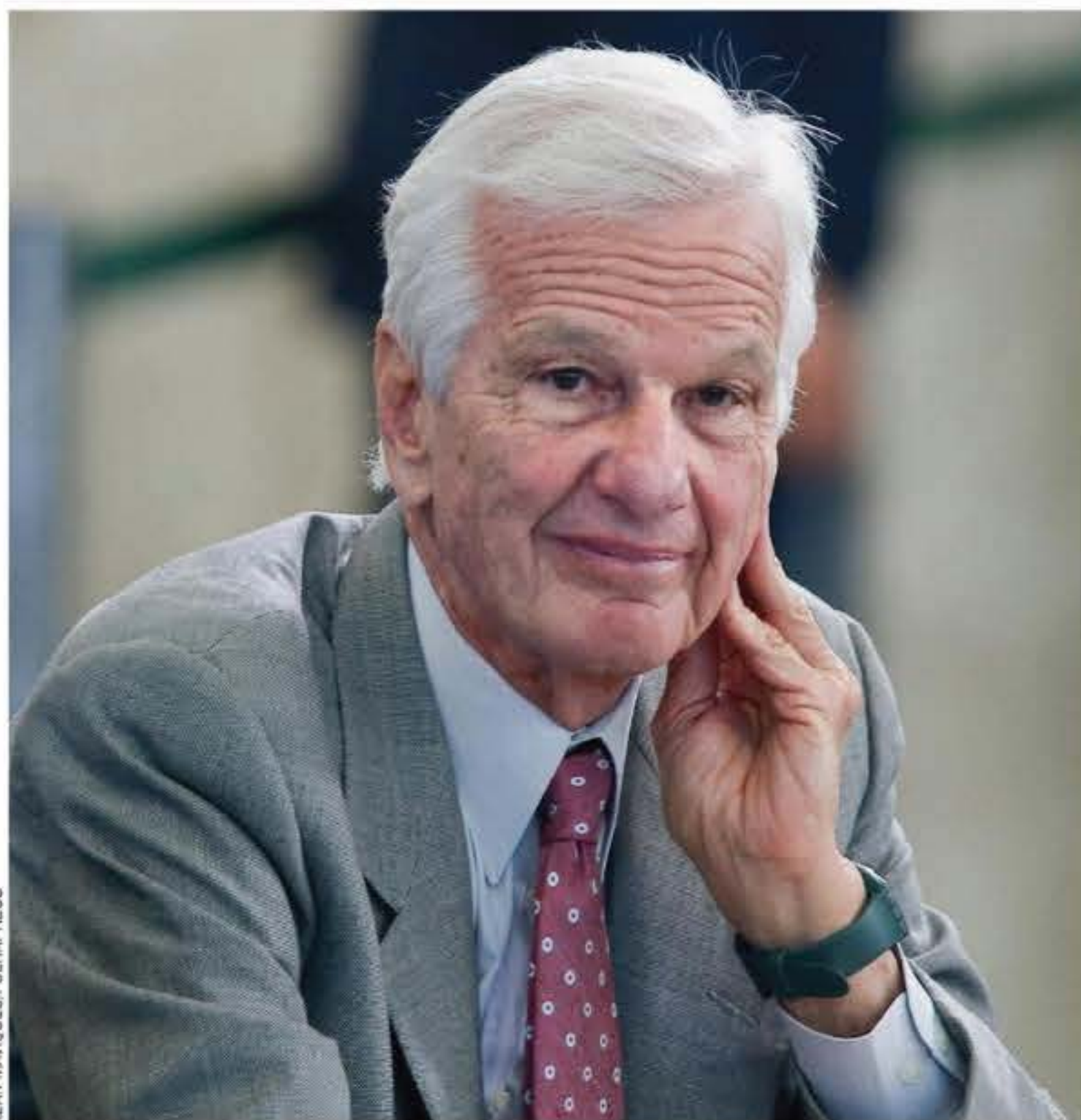
LOTERIAS
A Caixa cravou novo recorde ao receber 23,2 bilhões de reais de apostadores no ano passado — salto de 25% em relação a 2021.

ASIÁTICOS NO OSCAR
A região terá o seu maior número de indicados na história (21), com destaque à malaia Michelle Yeoh *(Tudo em Todo Lugar ao Mesmo Tempo)*, a primeira nascida na Ásia a concorrer a melhor atriz.

DESCE

VALE
A mineradora brasileira, a alemã Tüv Süd e dezesseis executivos dessas companhias viraram réus pelo acidente que deixou 270 mortos em Brumadinho (MG) em 2019.

BETO SICUPIRA
Um dos acionistas de referência da Americanas, o bilionário viu a sua credibilidade virar pó no mercado depois do desastre envolvendo a companhia.

JORGINHO MELLO
O governador catarinense colocou a estrutura do estado para defender golpistas presos em Brasília e virou alvo de investigações por improbidade no MP, no TCE e na Assembleia.

ALAN MARQUES/FOLHAPRESS

"Lamentamos profundamente as perdas sofridas pelos investidores e credores, lembrando que, como acionistas, fomos alcançados por prejuízos."

JORGE PAULO LEMANN, em parceria com Marcel Telles e Carlos Alberto Sicupira, acionistas das Lojas Americanas, em nota oficial, a respeito do escândalo contábil de 20 bilhões de reais da varejista. Houve espanto com o comunicado – como se os três principais bilionários investidores do negócio tivessem sido vítimas de uma armadilha coletiva

"Todo mundo o pressiona: fãs, rivais, árbitros... A verdade é que não sei por que isso acontece, porque ele se dedica a brincar. Ele se afeta, mas é jovem e certamente vai melhorar nesse aspecto. Ele é um rapaz muito sensível e falo com ele para que esteja concentrado. Queremos que seja mais respeitado."

CARLO ANCELOTTI, treinador italiano do Real Madrid, pedindo respeito a Vinicius Jr., alvo de sucessivos ataques verbais – muitas vezes racistas – de torcedores das equipes adversárias e mesmo dos madrilenhos

"Ser homossexual não é crime, mas é pecado. Tudo bem, mas primeiro vamos distinguir entre um pecado e um crime."

PAPA FRANCISCO, em entrevista

"Big Alex."

DO JORNAL *THE NEW YORK TIMES*, numa reportagem sobre o ministro do Supremo Tribunal Federal Alexandre de Moraes, o "Xandão"

"Agora ou nunca."

FUMIO KISHIDA, primeiro-ministro do Japão, ao anunciar benefícios para quem tiver mais de um filho, em luta contra a queda de natalidade de um país envelhecido e, portanto, muito caro para a Previdência

"O Congresso votou a favor. O STF decidiu que essa era a forma correta de organizar o Banco Central. A autonomia no banco central será resiliente de agora até o fim do meu mandato."

ROBERTO CAMPOS NETO, presidente do BC até 2024, em resposta ao presidente Lula, que criticou a independência da instituição do Executivo federal

“Sem você não teríamos feito história.”

ANGELA BASSETT, a Ramonda do sucesso da Marvel *Pantera Negra – Wakanda para Sempre*, ao homenagear o ator Chadwick Boseman, que morreu em 2020. Bassett foi indicada ao Oscar de atriz coadjuvante

“Estou saindo, porque com grandes poderes vêm grandes responsabilidades. Inclusive a responsabilidade de saber quando você é a pessoa certa para liderar e quando não é. Sei o que esse trabalho exige, e sei que não tenho mais a energia necessária para fazê-lo da melhor forma. É simples.”

JACINDA ARDERN, primeira-ministra da Nova Zelândia, ao anunciar que deixará o cargo em fevereiro – ela é um dos símbolos mundiais dos cuidados com a pandemia de Covid-19

“Não sou uma mulher sem idade #ageless. Tenho 59 anos vividos com verdade e intensidade.”

PATRICIA PILLAR, atriz, nas redes sociais, de mãos dadas com mulheres que aparecem de cara lavada, sem medo de mostrar a boa passagem do tempo

“Amor, obrigada, te amo. Abaixa esse cartaz, porque o povo atrás quer ver o show. Depois te dou um beijinho, tá bom?”

ANITTA, numa apresentação em Brasília

INSTAGRAM @IM_ANGELABASSETT

CAIO GUATELLI/AFP

DESNECESSÁRIO Janja: lista dos 3500 convidados para a posse ficou sob sigilo

Em segredo
Os brasileiros terão de esperar o fim do governo Lula para saber quem comeu e bebeu de graça no festão da posse organizado pela primeira-dama **Rosângela da Silva.** A lista dos 3 500 convidados do coquetel no Itamaraty foi colocada em sigilo pelo governo.

Mesa farta
O Itamaraty também se recusou a detalhar as despesas totais com a noitada. Diferentes chefs assinaram 26 opções do menu e quatro de sobremesas, além de bebida, muita bebida.

Já vimos esse filme
A justificativa oficial da gestão de Lula para ocultar os detalhes da festa é a mesma usada por Jair Bolsonaro em outros tempos: "As informações que puderem colocar em risco a segurança do presidente e vice e respectivos cônjuges e filhos serão reservadas".

Quer carona?
O Planalto vai gastar até 15 milhões de reais neste ano para alugar e manter uma frota de 24 carros à disposição de Lula e Geraldo Alckmin nos estados da região Sudeste.

Morde e assopra
Enquanto Lula chama Michel Temer de golpista, Alckmin se aconselha com o ex-presidente sobre propostas de governo. Eis a frente ampla.

Faz de conta
Um integrante da comitiva de Lula na Argentina tranquilizou empresários brasileiros sobre a tal moeda comum: "Só discurso. Não vai pra frente".

Tiros dentro de casa
Três conhecidos advogados lulistas estão em guerra pela cadeira de Ricardo Lewandowski no STF.

Baita patriota
Antonio Ferreira, o bolsonarista que destruiu o relógio de dom João VI no Palácio do Planalto, recebeu 5 250 reais de auxílio do governo Bolsonaro.

Mensagem de ódio
Na invasão ao plenário do Senado, um golpista deixou um recado a Alexandre de Moraes, escrito no bloco de anotações do senador Rodrigo Pacheco: "Fora cabeça de ovo Alexandre de Moraes. Você é bandido chefe do PCC".

Tudo documentado
A folha foi enviada a Moraes. "É um caso curioso de criminoso que deixa prova por escrito na cena do crime", diz um interlocutor do ministro.

Sou fiel
Um conhecido lobista procurou Celina Leão para oferecer seus serviços à governadora interina do DF — leia-se derrubar Ibaneis Rocha. Ela rejeitou e disse que será fiel ao colega afastado.

Tô de férias
Cobrado por aliados bolsonaristas a fazer campanha para Rogério Marinho na eleição à presidência do Senado, Bolsonaro abandonou o pupilo.

Me chama que eu vou
Ricardo Salles conversou com Valdemar Costa Neto nesta semana. Colocou o nome à disposição do PL para disputar a prefeitura de São Paulo.

Casa cheia
Arthur Lira tem feito reuniões lotadas na residência oficial da Câmara para pedir votos à reeleição. Só bolsonaristas e lulistas radicais não participam.

ROBSON BONIN

Com reportagem de Gustavo Maia, Lucas Vettorazzo e Ramiro Brites

Vigilância permanente

Conhecido por ser um órgão de pouca utilidade no Senado, o Conselho de Ética será instalado antes do Carnaval por Rodrigo Pacheco e terá uma grande missão: punir senadores que defendam pautas golpistas.

Mais prejuízo

O STF vai gastar 801 000 reais para substituir os computadores e monitores destruídos ou roubados por bolsonaristas no dia do golpe.

A democracia venceu

A cerimônia comandada por **Rosa Weber** no STF, na próxima semana, será um ato em defesa da democracia para 300 convidados. Cercada de simbolismos de resistência, a Corte terá as mesmas cadeiras atacadas pelos vândalos e até o mesmo carpete no plenário. Tudo foi limpo e restaurado. A lembrança do ataque também estará presente em outros salões da Corte. Obras de arte que decoram esses espaços ainda estão em restauração.

NELSON JR./SCO/STF

SIMBOLISMO Rosa: cerimônia para 300 pessoas no plenário do Supremo

Agenda cheia

De um importante industrial sobre as prioridades da Fazenda de Fernando Haddad nestes dias: "Estão na TV todo dia dando entrevista, mas dizem que não têm agenda para nos receber. Se der errado, já sabemos o porquê".

Recado dado

Na CNI, dezenove dos 29 setores da indústria manifestaram nesta semana "falta de confiança" na economia — em outras palavras, menos ímpeto para investir.

Palavra de vice

Geraldo Alckmin tem tranquilizado interlocutores do empresariado sobre um possível retorno da contribuição sindical. Garante que não vai voltar.

O óbvio ululante

Para Henrique Meirelles, Lula repete erros na gestão do BNDES: "O financiamento, pelo banco, de obras lá fora tira recursos de obras no Brasil. Temos grande deficiência em infraestrutura".

Padrinhos cariocas

Ligado a políticos conhecidos do Rio, o advogado Glauco Fonseca é nome forte para assumir o INSS.

Um pé em cada canoa

Enquanto prepara a viagem aos EUA, Lula autorizou a entrada de dois navios de guerra do Irã no país. É lá e cá.

Pacote completo

Além de oferecer condições camaradas para vender 156 blindados Guarani à Argentina — com entrega imediata de unidades —, Lula prometeu a Alberto Fernández transferir a tecnologia de fabricação do tanque brasileiro.

Acordo judicial

Demitido sem justa causa depois de um ano e meio de serviços prestados, um ex-motorista acionou a musa **Bruna Marquezine** na Justiça do Trabalho do Rio. Para não alongar a conversa, a atriz fechou um acordo com o ex-funcionário e pagou nesta semana pouco mais de 31 000 reais de rescisão. Nada que vá desfalcar o orçamento dela, claro.

INSTAGRAM @BRUNAMARQUEZINE

MOTORISTA Bruna: a musa virou alvo de ação na Justiça

Dossiê na praça

Jhonatan de Jesus, candidato de Arthur Lira ao TCU, virou alvo de um dossiê no Congresso. O papelório lista investigações de corrupção contra o deputado, afirma que "ele não possui reputação ilibada para o cargo de ministro do TCU" e é... "bolsonarista". A eleição no plenário da Câmara será no dia 2 de fevereiro. ■

DE VOLTA AO PASSADO

Em sua primeira viagem internacional, Lula fala em priorizar a América Latina, revitalizar o Mercosul e investir dinheiro do BNDES em países amigos. Alguém já ouviu essa história antes?

AMANDA PÉCHY E **CAIO SAAD,** de Buenos Aires

Diante de 33 chefes de governo e suas sempre inchadas comitivas, o presidente Lula abriu o mais aguardado discurso do encontro de cúpula da Comunidade de Estados Latino-Americanos e Caribenhos (Celac), em Buenos Aires, com uma frase emocionada: "Quis o destino que minha primeira atividade fora do país neste novo mandato fosse na Argentina, e para uma reunião da Celac". Na realidade, o destino teve pouco a ver com a ocasião. Lula inaugurou sua agenda internacional no vizinho ao Sul — um gesto, aliás, comum entre mandatários brasileiros, que assim prestigiam o maior parceiro comercial na região —, e ainda por cima no plenário de uma organização regional da qual o país fora removido por Jair Bolsonaro, por ser este o palco ideal para reiterar que as relações com a América Latina, como aconteceu nos seus dois mandatos anteriores, de 2003 a 2010, serão prioridade no atual governo.

Paparicado de todos os lados, recebido com tratamento de nobreza pelo anfitrião, seu amigo Alberto Fernández *(leia a entrevista na pág. 24)*, tratado com deferência pelos colegas, muitos dos quais discípulos do mesmo catecismo de esquerda, Lula não teve a menor dificuldade em estabelecer de imediato sua posição de liderança. A questão é: vale a pena? Economistas e diplomatas apontam que, nas condições atuais — bem diversas das de vinte anos atrás —, o Brasil tem muito pouco a ganhar instalando a ideologia à frente do pragmatismo e dando preferência aos laços com a América Latina, um pedaço do planeta que cresce abaixo da média global (1,3%, contra 1,7%, segundo o Banco Mundial) e está para lá de escanteado no cenário geopolítico mundial.

Mal começou e o terceiro mandato de Lula já é constantemente comparado aos dois primeiros — em boa parte, por incentivo do próprio presidente, que vira e mexe retoma mantras do passado como se o mundo não tivesse girado ao redor do Sol. Em seu discurso de posse em 2003, ele declarou que a prioridade de política externa seria "a construção de uma América do Sul politicamente estável, próspera e unida". Na reunião de cúpula, veio o eco: "Nossa missão é a consolidação de uma região pacífica, baseada em relações marcadas pelo diálogo e pela cooperação". Lula pediu, lá atrás, uma "revitalização do Mercosul, enfraquecido pelas crises de seus membros". Agora, em Buenos Aires, o ministro da Secretaria de Comunicação Social, Paulo Pimenta, enfatizou que o Mercosul "está enfraquecido porque perdeu a identidade e precisa ser revitalizado". Foi, em resumo, mais do mesmo. "Esse discurso, congelado há duas décadas, não foi nem um pouco animador", diz Wagner Parente, sócio da BMJ, consultoria de relações governamentais.

As estatísticas comprovam que priorizar a integração com os países latino-americanos neste momento não renderá grande coisa em termos práticos. "A região tem pouca relevância", afirma Paulo Velasco, professor de política internacional da Uerj. "Os últimos dez anos foram uma década perdida." A situação, portanto, é diversa daquela na virada do século, quando o Brasil e seus vizinhos se beneficiaram de um boom no comércio de commodities que gerou empregos, aumentou salários e multiplicou receitas públicas.

Somando a pujança do mercado internacional à estabilidade econômica herdada do governo FHC, o crescimen-

CAPA: MONTAGEM COM FOTOS DE RICARDO STUCKERT; SHUTTERSTOCK

RICARDO STUCKERT

LIDERANÇA
Lula discursa na reunião da Celac: cercado de paparicos e deferência

AVANÇO DA ESQUERDA

Comparado ao início do primeiro mandato de Lula, em 2003, o mapa político da América Latina ficou bem mais vermelho

"DEUS É ARGENTINO"

Depois de dois dias de maratona em conversas com líderes de países vizinhos, o presidente argentino Alberto Fernández, 63 anos, concedeu em um hotel de Buenos Aires a seguinte entrevista ao repórter Caio Saad.

A América Latina tem pouca relevância no cenário geopolítico. A eleição de Lula pode ajudar a reverter essa situação? Sim. Durante a era Bolsonaro, houve a decisão de trancar o Brasil e manter apenas um eixo com Donald Trump. A ausência do país nos fóruns internacionais é grave, deixa um vácuo enorme. Lula entende isso muito bem. Além de ser reconhecido no Brasil e nas Américas, ele tem voz no mundo todo.

O que a Argentina tem a ganhar nessa reaproximação com o Brasil? Como argentino, e latino-americano, preciso que o Brasil esteja ao nosso lado. É o principal sócio comercial da Argentina, inclusive nos anos de Bolsonaro. No governo dele, apesar dos maus-tratos a que fui submetido, preferi me calar e privilegiar o vínculo entre nossos países, em vez de romper com tudo.

E para o Brasil, quais são as vantagens? Brasil e Argentina formam 75% do PIB da América do Sul. A ideia é potencializar nossos esforços.

O senhor esteve pouquíssimas vezes com Bolsonaro. Houve algum diálogo marcante? Nunca tivemos uma conversa frente a frente. Na pandemia, nos falamos por videoconferência, quando passei para ele a presidência do Mercosul. Lembro que coincidia com a partida que a Argentina jogou na Copa América, e a única vez que Bolsonaro realmente me dirigiu a palavra foi ali, para antecipar que perderíamos na final. Graças a Deus isso não aconteceu.

O senhor disse que na Argentina o vandalismo golpista de 8 de janeiro não aconteceria. Por quê? As nossas instituições militares e de segurança são mais sólidas e mais comprometidas com a democracia, com a constitucionalidade. Eu tenho certeza absoluta de que eles seguem minhas ordens e que eu sou o comandante das Forças Armadas. Isso não está acontecendo no Brasil.

E qual é a razão? Ela está na existência do bolsonarismo. A complacência da Polícia Militar em Brasília e certa passividade das Forças Armadas são coisas que chamam a atenção. Mas confio muito na perícia de Lula para reverter isso.

Faltou ao Brasil ajustar as contas com o passado, como fez a Argentina? O Brasil não teve a mesma tragédia que a Argentina, felizmente. Houve anos de ditadura, de perseguição, e também prisões e torturas. Mas nada com a dimensão da Argentina, que contabiliza mais de 30 000 desaparecidos e dezenas de milhares de pessoas torturadas e mortas. Nosso país precisava se reencontrar com sua democracia e suas instituições, e isso foi feito com os julgamentos.

A direita avança no Brasil e em toda parte. De onde vem a força dessa corrente ideológica? A extrema direita, sobretudo, está crescendo em todo o mundo. Acredito que é um produto das mexidas da pandemia e de certos discursos que fazem com que alguns sintam que é possível sair de crises com uma facilidade que não existe.

A Lava-Jato teve falhas na sua condução, que acabaram invalidando o processo, mas expôs a existência de uma rede de corrupção. Há alguma comparação com o julgamento de sua vice, Cristina Kirchner? Com a situação pontual de Cristina, sim. No Brasil houve corrupção, evidentemente. Muitos declararam que haviam sido corrompidos. O que Lula e Cristina têm em comum é que as acusações contra eles foram forçadas para envolvê-los em processos

DIEGO GIUDICE

ELO Fernández celebra a visita de Lula: preocupação com o avanço da extrema direita no mundo

criminais. O ato pelo qual condenaram Lula é absurdo. O mesmo ocorre com Cristina, com uma acusação juridicamente inaceitável.

A Argentina tem engatado uma crise na outra. Quando o senhor acha que o país vai começar a respirar? A Argentina já está respirando. Batemos recorde de exportação e de crescimento do turismo. Ao final do meu mandato, pela primeira vez desde a era Kirchner o país terá crescido por três anos consecutivos.

A Argentina manifestou o desejo de receber a Copa do Mundo de 2030, com outros países sul-americanos. Não é um risco, neste momento econômico difícil? Não. Temos de promover nosso continente, e o turismo é um caminho.

Messi ou Maradona? Falei uma vez que a comparação sobre quem é melhor, Maradona ou Pelé, me irrita, e o mesmo acontece quando Messi é colocado na equação. Não dá para comparar gênios tão distintos: Messi ganha pela técnica, Maradona pela entrega. Lula comentou comigo que a final desta Copa, vencida pela Argentina, foi a melhor que já viu. Para mim, foi a mais emocionante, mas a melhor mesmo foi Brasil e Itália em 1970. Aquela era uma equipe única *(Fernández lista de cabeça toda a escalação da seleção brasileira).*

Rio de Janeiro ou Buenos Aires? É o mesmo que comparar Messi e Maradona. Buenos Aires tem um rio onde o horizonte se une ao céu, algo incomparável. Mas o Rio é o Rio, uma mescla de cidade com praias maravilhosas.

Deus é argentino ou brasileiro? Argentino, sem dúvida. Sempre que estamos mal, ele nos ajuda.

ERNESTO BENAVIDES/AFP

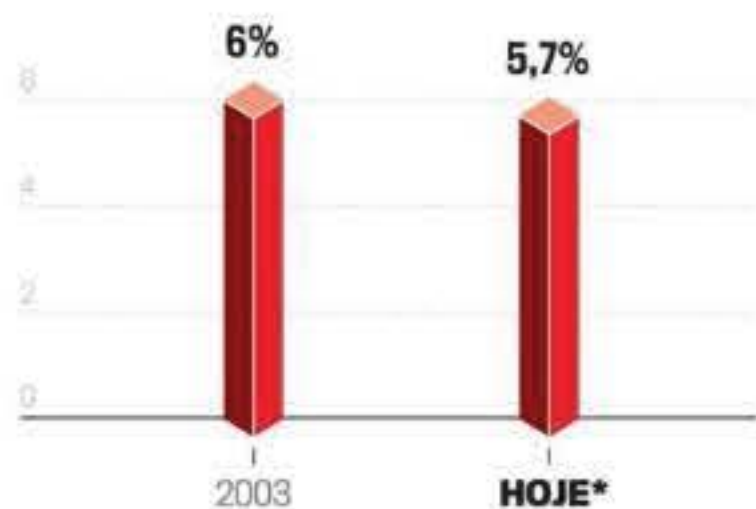
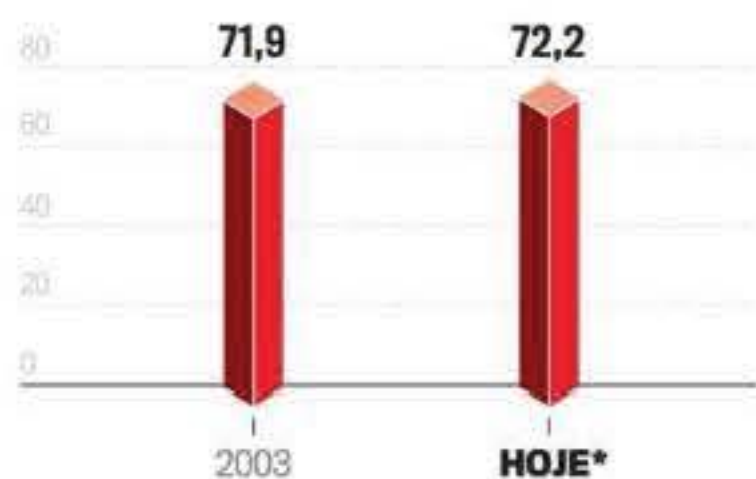
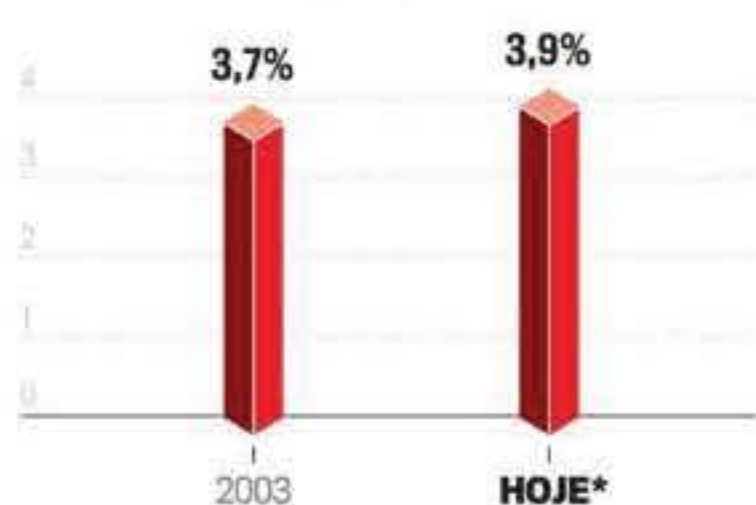
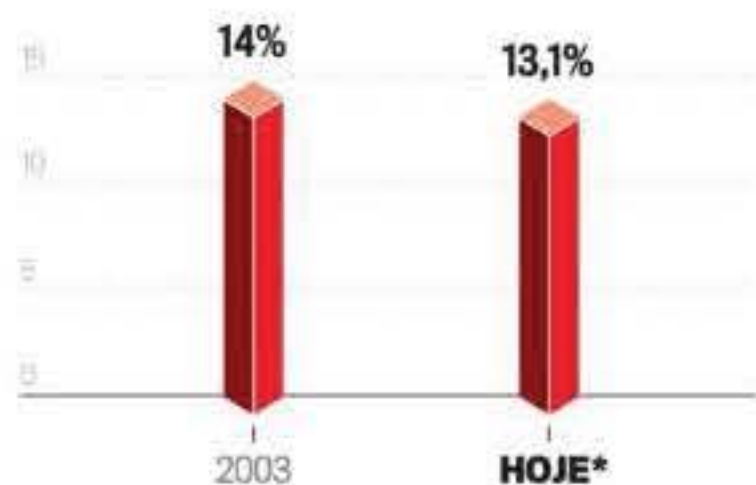
REVOLTA Protesto no Peru: a esquerda chega ao poder em versões diversas

to do PIB brasileiro passou de 1,1% em 2003 a 7,5% em 2010 e sobrava dinheiro para grandes projetos no exterior (leia-se: América Latina e África), com exportação de tecnologia e mão de obra qualificada. "Ele é o cara", disse Barack Obama em 2009 sobre Lula e seu prestígio no exterior. Foi bom enquanto durou — encolhidos os negócios internacionais e com o mundo atravessando mais uma de suas cíclicas crises econômicas, o voo das nações em desenvolvimento perdeu altura e estacionou *(veja os gráficos na pág. 26)*. A participação latino-americana no PIB global, que chegou a alcançar 8% no fim do segundo mandato petista, hoje não passa de 5,7%. "Lula voltou em um cenário diferente, que exige mudanças na abordagem", alerta Velasco.

Colocar-se à frente do bloco formado pelos países vizinhos é um caminho natural para o presidente brasileiro — dessa vez, sozinho no páreo. No passado, Lula competia ativamente com o venezuelano Hugo Chávez pela liderança regional, apesar dos abraços efusivos e elogios mútuos, também tinha de conviver com a aura de Fidel Castro, a quem prestou reverência diversas vezes, pairando sobre a esquerda latina. "O isolacionismo do governo Bolsonaro deixou a região acéfala e ninguém conseguiu preencher o papel do Brasil", diz Rubens Ricupero, diplomata e ex-ministro da Fazenda. Na liderança da região, o país ganha algum peso — melhora, por exemplo, sua chance de obter assento permanente no Conselho de Segurança da ONU —, mas, em contrapartida, atrela-se a nações de menor envergadura diplomática, o que enfraquece sua posição em certas tratativas

PARALISIA

As duas décadas que separam o primeiro mandato de Lula do atual mostram que a economia da América Latina pouco avançou

PRESENÇA NO PIB GLOBAL

EXPECTATIVA DE VIDA

INFLAÇÃO

POBREZA EXTREMA

*Últimos dados disponíveis

Fontes: *Banco Mundial e Cepal*

RAYNER PEÑA R/EFE

com as potências. Cansado de esperar que o Mercosul funcione, o Uruguai decidiu iniciar conversas bilaterais com a China. Lula, que parou em Montevidéu antes de voltar ao Brasil, tentou demover o presidente Luis Alberto Lacalle Pou, de centro-direita, da ideia, mas sem sucesso.

Se o Brasil pode tirar algum benefício político de sua opção preferencial pelos pobres, em termos econômicos qualquer ganho se desfaz no ar. Em 2022, o país exportou 77,6 bilhões de dólares para a China, 42,8 bilhões para a União Europeia e 31 bilhões para os Estados Unidos. Para a América Latina, a conta não passou de 5,1 bilhões. Mais ainda: entre 2010 e 2019, período em que as importações dos latino-americanos aumentaram 12,9% (sobretudo vindas da China), as exportações brasileiras para os vizinhos caíram 24,7% — e o naco da Argentina foi responsável por 70% desse declínio. Por outro lado, as vendas para o Brasil seguem sendo o motor mais potente da economia argentina — que demonstra claramente quem mais tem a ganhar com a definição de prioridades de Lula.

Se fosse conduzida com rigor e seriedade, a integração latino-america-

COMPAÑEROS Maduro: apoio de Lula e Fernández ao direito de implantar seu "modelo" autoritário

RICARDO STUCKERT

INIMIGOS ÍNTIMOS Com Chávez: briga pela liderança nos primeiros mandatos

na poderia trazer benefícios. Infelizmente, o quadro está longe disso. "Bem-feita, ela favorece o crescimento, explora o que cada membro tem de melhor, aumenta a eficiência", explica o economista José Roberto Mendonça de Barros. "Mas o projeto de integração tentado aqui falhou e agora é perigoso nos abraçarmos a uma região em declínio." Por trás do fracasso do Mercosul está, segundo Mendonça de Barros, a resistência do pensamento econômico regional à ideia de integração. Este naco do planeta se industrializou essencialmente para substituir importações e alavancar e proteger a produção nacional, formando um conjunto de países voltados para questões e interesses internos, refratários a abrir fronteiras para o resto do mundo. Resultado: mais de trinta anos depois da fundação do Mercosul, o que deveria ser um mercado comum não opera como tal.

O ex-ministro Ricupero avalia que Brasil, Argentina, Paraguai e Uruguai "puseram a carroça na frente dos bois" ao formarem o bloco sem criar mecanismos que assegurassem o equilíbrio macroeconômico e um sistema comum de tributação de consumo. "Era preciso ter elaborado uma área de livre-comércio eficaz", diz. A lição, pelo jeito, não foi aprendida. Na visita de Lula a Buenos Aires, Brasil e Argentina replicaram o velho sonho de um "euro" sul-americano e ensaiaram lançar uma moeda comum, o sur, para, segundo seus proponentes, evitar a dependência de câmbio estrangeiro. "É um desvario. Com tamanha assimetria entre o peso e o real, o Brasil vai sair prejudicado", avisa o economista Maílson da Nóbrega.

Em outra medida com gosto de volta ao passado, anunciou-se em Buenos Aires que o governo brasileiro planeja direcionar a linha de crédito reservada a investimentos externos para obras nos países da região. "O BNDES vai voltar a financiar projetos de engenharia para ajudar os países vizinhos a crescer e vender o resultado desse enriquecimento para o Brasil", declarou Lula. Investimentos internacionais não são, por si só, condenáveis e podem de fato ter resultado lucrativo. Mas a menção ao BNDES ressuscita o fantasma da corrupção e dos desvios cometidos pelas empreiteiras favorecidas pela generosidade petista com o dinheiro público e os seguidos calotes da Venezuela e de Cuba, entre outros.

ALEX BRANDON/AP/IMAGEPLUS

NOVO CENÁRIO Xi e Biden: vence quem tem a habilidade de se equilibrar entre os objetivos das duas potências

Até mesmo a onda vermelha que tomou conta da América Latina nas últimas eleições *(veja os mapas na pág. 23)*, facilitando a liderança de Lula, deve ser vista com cautela na formulação de uma diplomacia voltada para a região. “Essa onda gerou uma esquerda tão multifacetada que uma ação coordenada parece cada vez mais difícil”, afirma Marcos Azambuja, ex-embaixador do Brasil na Argentina. Enquanto Gabriel Boric, no Chile, condena os regimes ditatoriais de Venezuela, Nicarágua e Cuba, Gustavo Petro, na Colômbia, estendeu uma mão amiga ao venezuelano Maduro assim

JOHN STILLWELL/AP/IMAGEPLUS

BONS TEMPOS Lula na reunião do G-20, em 2009: prestígio internacional minado pela opção preferencial pela ideologia

que pôs os pés no Palácio de Nariño — atitude avalizada por Lula e Fernández, que acham injusto criticar Maduro por querer impor seu próprio "modelo" de governo, como se repressão e brutalidade fossem aceitáveis. No auge da turbulência, manifestações ocupam as ruas do Peru, contra o governo que prendeu o presidente Pedro Castillo, de esquerda, depois de uma tentativa de golpe em benefício próprio.

A boa diplomacia, ensinam Ricupero e Azambuja, parte de uma análise correta dos interesses do país e de uma visão realista do mundo para obter vantagens em termos de comércio, investimentos, tecnologia, financiamento e apoio político. Mais do que nunca, Lula precisa olhar de maneira objetiva para o tabuleiro global, aspecto crucial para o bom andamento das duas próximas viagens: Estados Unidos de Joe Biden em fevereiro e China de Xi Jinping em março.

No auge do reconhecimento internacional, quando era presença disputada em encontros multilaterais, o presidente brasileiro fincou pé na ideologia, privilegiou o elo com Pequim e perdeu espaço nas relações com Washington. Agora, o nível de rivalidade entre as duas potências se elevou e navegar entre elas requer habilidade. De um lado, Joe Biden se esforça para cortar a dependência da China estimulando investimentos nos países próximos, o chamado *nearshoring*. De outro, a China oferece troca de tecnologia e oportunidade de expandir indústrias de ponta. "A melhor estratégia para o Brasil é a de manter uma equidistância pragmática", diz Velasco, da Uerj. Se usar do bom senso e levar em conta os melhores interesses do país, o governo Lula terá de se adequar ao velho ditado: amigos, amigos, negócios à parte — sem ideologia. ■

ANTÔNIO OLIVEIRA/MINISTÉRIO DA DEFESA

GRAVE Arruda e a frase que ajudou sua saída: "Ninguém mexe com ele aqui"

BARRADO Tenente-coronel Mauro Cid: o pivô da crise

QUEBRA DE HIERARQUIA

O comandante do Exército foi demitido após se recusar a cumprir uma ordem do presidente: revogar a nomeação de um militar bolsonarista **DANIEL PEREIRA, MARCELA MATTOS** E **LARYSSA BORGES**

O GENERAL Júlio César de Arruda exerceu o cargo de comandante do Exército por apenas duas semanas, o menor período de tempo desde a Proclamação da República. Nomeado em 6 de janeiro com base no critério da antiguidade, ele acabou demitido no último sábado, 21, num desdobramento da insatisfação do presidente Lula com a participação direta ou indireta de militares na invasão e depredação das sedes dos três poderes, em Brasília. Após escolher o sucessor para o posto, Lula disse que o novo comandante, o general Tomás Miguel Ribeiro Paiva, pensava exatamente como ele, que defende a despolitização dos quartéis. Já o ministro da Defesa, José Múcio Monteiro, declarou que Arruda caiu em razão de uma "fratura de confiança". Essa expressão define bem o caso, já que o general demitido não só demonstrou resistência para cumprir uma ordem do presidente, que é o comandante supremo das Forças Armadas, como insinuou que resistiria a uma eventual decisão do Supremo Tribunal Federal (STF) no inquérito dos atos antidemocráticos. Ou seja: havia risco de fratura tanto nas relações de hierarquia como nas institucionais.

A troca de comando no Exército pegou de surpresa Arruda e foi fruto de uma pressão insistente de Lula. Na sexta-feira 20, o presidente ligou para Múcio e disse que não aceitaria a efetivação do tenente-coronel Mauro Cesar Barbosa Cid, ex-ajudante de ordens de Jair Bolsonaro, como chefe do 1º Batalhão de Ações e Comandos, sediado em Goiânia. Na manhã do dia seguinte, ele reforçou a cobrança e deixou claro que queria o caso resolvido rapidamente. Lula lembrou ao ministro que Cid era investigado no STF em um inquérito que aborda a participação do militar numa *live* na qual Bolsonaro apresentou trechos de uma apuração da Polícia Federal sobre um ataque hacker ao Tribunal Superior

ALAN SANTOS/PR

REPRODUÇÃO

ACORDO Tomás: o novo comandante negociou o pedido de afastamento de Cid

Eleitoral (TSE), com o objetivo de colocar em dúvida a segurança das urnas eletrônicas. Acossado, Múcio não teve facilidade para cumprir a missão recebida do chefe. Arruda argumentou ao ministro que a ascensão de Cid à chefia do batalhão, programada para fevereiro, havia sido formalizada em maio de 2022 com base em critérios técnicos. O tenente-coronel teria todas as credenciais para assumir por méritos a função. Por isso, não haveria razão para recuo, alegou o general, desconsiderando a vontade do presidente. Houve ainda um diálogo interpretado como ameaça de rebelião.

Na manhã da sexta-feira 20, Lula conversou com Arruda e os comandantes da Marinha e da Aeronáutica num encontro pensado para tentar aproximar os participantes e desanuviar o clima de desconfiança. Terminada a reunião, começou a circular na cúpula do Exército a informação de que haveria uma operação da Polícia Federal contra Cid, determinada pelo ministro do STF Alexandre de Moraes. Falava-se em busca e apreensão na casa do tenente-coronel e até mesmo na prisão dele. Cid mora em uma área conhecida como "Fazendinha", um condomínio exclusivo para oficiais-generais, mas que conta com uma espécie de puxadinho transformado em moradia para outros poucos privilegiados. Ao saber da possibilidade de uma operação no local, Arruda, que também mora na "Fazendinha", avisou colegas de farda e o ministro Múcio de que a Polícia Federal seria impedida de entrar no condomínio e cumprir qualquer tarefa designada por Alexandre de Moraes. "Ninguém mexe com ele aqui" e "Ninguém tira ele daqui" foram alguns de seus rompantes, conforme relato de diferentes fontes.

A VEJA, um general que pediu para não ser identificado alegou que não se tratava de uma ameaça de confronto, mas de um alerta para a necessidade de uma ação combinada entre as partes. Qualquer operação da PF teria de ser informada previamente à inteligência do Exército a fim de evitar um "problema" como o que aconteceu no mês passado quando policiais à paisana foram ao QG sem avisar, prenderam um manifestante e, cercados, só conseguiram se desvencilhar da multidão, que pensou se tratar de um sequestro, depois da intervenção de soldados. Segundo o mesmo general, os militares consideram ter autonomia sobre as áreas que ocupam, como a tal "Fazendinha". Esse entendimento explicaria a posição de Arruda e do chefe do Comando Militar do Planalto, general Gustavo Henrique Dutra de Menezes, de não aceitar que a Polícia Militar entrasse no acampamento dos bolsonaristas no quartel-general do Exército, ainda na noite do fatídico dia 8 de janeiro, para prender radicais que participaram dos ataques às sedes dos três poderes. Na ocasião, Dutra chegou

ANDRÉ BORGES/EFE

MATEUS BONOMI/AGIF/AFP

ROSINEI COUTINHO/SCO/STF

NOS BASTIDORES Múcio, Gilmar e Moraes: recado de que nomeação era inaceitável e rumor sobre busca e apreensão

a afirmar para o interventor na área de segurança do Distrito Federal, Ricardo Capelli, que poderia ocorrer um "derramamento de sangue", caso a polícia insistisse em efetuar prisões durante a noite. Houve um acordo entre as partes, e a desmobilização do acampamento ocorreu apenas na manhã seguinte.

Evidentemente, a história toda é permeada por um forte ingrediente político. Militares graduados alegam que Lula e o STF estão usando Cid como pretexto para chegar ao ex-presidente. O plano seria tornar Bolsonaro inelegível e, se possível, prendê-lo. Até aliados do presidente reconhecem que haverá um esforço para que Bolsonaro enfrente as mesmas agruras pelas quais Lula passou. "Vejo como uma maldade o que estão fazendo com o Cid, uma perseguição violenta. Ele está sendo usado para escalar *(até Bolsonaro)*", diz um oficial do Exército. Essa tese não é de todo despropositada. Horas antes da demissão do general Arruda, integrantes do Executivo, como o próprio Múcio, e do Judiciário, como o ministro do STF Gilmar Mendes, trocaram mensagens sobre a melhor maneira de impedir que o ajudante de ordens do ex-presidente assumisse a nova função, sob a alegação de que a escolha de um bolsonarista de proa para chefiar um posto estratégico a apenas 200 quilômetros de Brasília era arriscada. O Supremo, por exemplo, não aceitaria a ascensão de Cid, investigado também por disseminar *fake news*.

Ficou combinado que o Poder Executivo enviaria um pedido formal de informações ao ministro Alexandre de Moraes sobre a situação de Cid na Corte. A ideia era usar essas informações como pretexto para justificar a suspensão da nomeação do tenente-coronel ao batalhão de Goiânia. Antes de o plano ser colocado em prática, Moraes reclamou da tentativa do governo de terceirizar para ele a solução do problema, mas, mesmo assim, confirmou aos envolvidos que Cid estava enfronhado nas apurações em curso. Houve consenso de que politicamente seria melhor barrá-lo agora do que comprar uma briga com ele efetivado no posto para o qual foi designado por Bolsonaro. "A nomeação do Cid seria uma provocação ao Alexandre de Moraes. Imagine o que aconteceria se ele assumisse o batalhão e o ministro determinasse a prisão dele", declarou um assessor de Lula.

Formalizada no sábado pela manhã, a demissão de Arruda pavimentou o caminho para o governo. Tomás Paiva, o

ERALDO PERES/AP/IMAGEPLUS

CONFRONTO Acampamento golpista em Brasília: por pouco, policiais federais em missão oficial não foram linchados

novo comandante do Exército, convenceu Cid a desistir da chefia do batalhão. “Eu esperava que o Cid fizesse o que ele fez, porque ele tem de se defender. No ano que vem, ele pode comandar outro batalhão ou o próprio de Goiânia”, afirma um general que acompanha de perto o caso. Um importante auxiliar de Lula garante que, com a demissão de Arruda e a anulação da ascensão do ex-ajudante de ordens de Bolsonaro, o presidente está menos inquieto com a questão militar. Lula gostou da conversa que teve com o novo comandante do Exército, que pediu um crédito de confiança para despolitizar as Forças Armadas. Na reunião entre eles, o petista acusou militares de terem participado à paisana dos ataques ao Supremo, ao Planalto e ao Congresso. O general Tomás Paiva concordou que há adesão de setores significativos da caserna a Bolsonaro, mas que boa parte deles é legalista.

A escolha do novo comandante, aliás, partiu do próprio mandatário. Ao dizer a auxiliares que não aceitava nem a ascensão de Cid nem a resistência de Arruda para tomar providências contra o tenente-coronel, o presidente elogiou o discurso de Tomás Paiva, feito três dias antes de sua indicação, quando ainda era comandante militar do Sudeste. “Vamos continuar garantindo a nossa democracia, porque a democracia pressupõe liberdade e garantias individuais e públicas. E é o regime do povo, de alternância de poder”, disse o general na ocasião. A auxiliares, o novo comandante argumentou que o discurso não foi pensado como forma de conquistar o cargo e que, dias antes da fala, o próprio general Arruda havia pedido para que os oficiais voltassem a conversar com as tropas em busca de restabelecer os canais de diálogo. Tomás Paiva também mostrou alinhamento com o antecessor dizendo que seria uma temeridade retirar os acampamentos em frente aos quartéis-generais horas depois das manifestações e que Arruda estava sofrendo um processo de “fritura” de maneira injusta. Para ele, os ataques do dia 8 de janeiro foram uma “arruaça” e não podem ser minimizados, mas não tiveram início dentro das Forças Armadas nem resultariam em intervenção militar. Fortalecido após a baderna, Lula agora quer melhorar sua relação com a caserna e usar todo o arsenal jurídico possível para provar que Bolsonaro tem culpa no cartório como mentor do levante. A disposição do presidente sugere que a crise ainda terá muitos capítulos pela frente. ■

HORROR Indígena com desnutrição em Roraima: imagens chocaram o país e correram mundo

CONDISI-YY/DIVULGAÇÃO

DESGRAÇA ANUNCIADA

Situação calamitosa da saúde dos ianomâmis expõe o governo Bolsonaro, que foi alertado há mais de um ano e pouco fez para evitar a crise humanitária **REYNALDO TUROLLO JR.** E **LAÍSA DALL'AGNOL**

UM ANO E TRÊS MESES antes de o governo federal declarar, no último dia 20, emergência de saúde pública na Terra Indígena Yanomami, a maior do país, procuradores do Ministério Público Federal alertaram a gestão Jair Bolsonaro e pediram providências sobre a crise humanitária que se desenhava na área, com o aumento rápido de mortes de crianças, desnutrição e malária — tudo agravado pela presença recorde de garimpeiros. No ofício enviado em novembro de 2021 ao então ministro da Saúde, Marcelo Queiroga, o MPF mostrava que a taxa de mortalidade infantil saltara de 88 por 1 000 nascimentos, em 2019, para 133,3 dois anos depois — dez vezes o

CRONOLOGIA DA OMISSÃO

Alertas ao governo Bolsonaro sobre o risco de uma crise humanitária no território ianomâmi

NOV/2019
Entidades acusam Bolsonaro no tribunal penal de Haia de ameaça aos povos indígenas. Documento cita vinte medidas, oito discursos de incitação à violência e cinco casos de omissão

JUN/2020
A pedido do MPF, a desembargadora Daniele Maranhão, do TRF1, manda o governo reativar as Bases de Proteção Etnoambiental na Terra Indígena Yanomami para conter o garimpo ilegal

JUL/2020
O líder indígena Dário Kopenawa se reúne com o vice Hamilton Mourão para pedir a retirada de garimpeiros da área. Mourão contesta a estimativa de 20 000 invasores — fala em 3 500

JUL/2020
A Comissão Interamericana de Direitos Humanos exige ações para proteger o povo ianomâmi e cita invasão de garimpeiros, contaminação dos rios por mercúrio e falhas no sistema de saúde

JUL/2020
A Justiça determina que o governo crie em cinco dias um plano para retirar invasores por risco de transmissão de Covid-19 aos indígenas. Uma série de recursos barra a adoção de medidas

índice do país (13,3). Entre as crianças monitoradas, 52% estavam desnutridas, chegando a 80% em algumas áreas. Foi o primeiro grande alerta de um órgão oficial sobre a crise, que se somou a uma série de medidas contra Bolsonaro na Justiça brasileira e em organismos internacionais *(veja o quadro abaixo)* que já indicavam que havia algo de errado no extremo norte da Amazônia.

De quase nada bastaram os avisos. Nem sequer as decisões judiciais recorrentes favoráveis aos indígenas foram cumpridas. Desde 2020, por exemplo, há ordem para reinstalar três Bases de Proteção Etnoambiental, criadas entre 2011 e 2013 e desativadas nos anos seguintes. Elas dificultavam a passagem de garimpeiros — há 20 000 invasores na área, segundo o MPF. O governo chegou a criar um cronograma para reabrir os postos até outubro de 2022, mas o último deles segue desativado, justamente em uma área de avanço crítico dos criminosos e com episódios de violência contra ianomâmis. A Funai alegou "crônica limitação orçamentária e de pessoal".

Os responsáveis pela crescente expansão do garimpo, que quase triplicou sob Bolsonaro, também não tiveram com que se preocupar. Desde 2020, há decisões da Justiça Federal para que eles sejam retirados, mas mesmo operações pontuais iniciadas em 2021 acabaram abandonadas no ano seguinte. As ações tinham ciclo operacional curto, de cerca de dez dias, o que permitia o retorno depois que a repressão ia embora. "Eram operações feitas para não funcionar", diz Alisson Marugal, procurador da República em Boa Vista. Em 2022, técnicos do Ibama elaboraram um plano para ocupar a TI Yanomami com forças de segurança por seis meses, tempo suficiente para asfixiar os negócios ilegais, mas a ideia nunca foi posta em prática. Procuradores também ficaram espantados com a existência de um pelotão do Exército a poucos quilômetros de um garimpo ilegal. Os soldados assistem à movimentação dos invasores sem fazer nada, por falta de ordens do comando em Brasília. Em audiências, militares deixavam claro que só atuariam contra os invasores por decisão judicial.

A expansão da atividade garimpeira sob o governo Bolsonaro está intimamente ligada à emergência de saúde pública e à subnutrição que atinge os ianomâmis. As invasões agravaram de forma inédita problemas que esse povo vinha enfrentando, em menor escala, desde os anos 1990, quando a terra indígena foi criada. O impacto ocorre de várias maneiras. Quando o garimpo chega, parte dos indígenas é cooptada para trabalhar, abandona o cultivo na roça e passa a consumir alimentos vendidos pelos garimpeiros. Além disso, a atividade polui os rios com mercúrio, acaba com a pesca e afugenta os animais. E, por fim, há a transmissão de doenças — no ano passado houve 11 000 casos de malária. Mesmo assim, Bolsonaro sempre foi entusiasta da mineração. Em 2021, durante visita a um garimpo ilegal em outra terra indígena de Roraima, ele defendeu projeto para liberar a atividade — discurso que nenhum outro presidente havia adotado.

LALO DE ALMEIDA/FOLHAPRESS

DRAMA Crianças em UTI de Boa Vista: 570 mortes em quatro anos

Mas houve outros fatores que colaboraram, mesmo que lateralmente, para a tragédia. A região sofreu com excesso de chuvas, que ocasionaram a perda das lavouras. Em situações como essa, caberia à Funai distribuir cestas básicas às comunidades, mas, desmantelado nos últimos anos, o órgão está totalmente ausente de algumas áreas. "Talvez propositalmente, o trabalho da Funai foi se enfraquecendo, com o fechamento de postos de fiscalização e falta de investimento", afirma a deputada Joênia Wapichana, que assumirá o comando do órgão em fevereiro. Para piorar, os procuradores

AGO/2020
O STF atende a pedido da Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (Apib) e de partidos da oposição para obrigar o governo, a quem acusam de omissão, a prestar assistência de saúde aos indígenas

NOV/2020
A Hutukara Associação Yanomami envia ofícios à Funai, ao Exército e ao MPF relatando ataques violentos de garimpeiros contra indígenas e pedindo mais proteção

MAR/2021
O juiz Felipe Viana, da 2ª Vara Federal em Boa Vista, cita "risco de genocídio" e determina que a União retire garimpeiros da área em dez dias, sob pena de multa diária de 1 milhão de reais

MAI/2021
A Apib volta ao STF e fala em um "cenário desolador com crime organizado, mortes de crianças, surtos de malária, contaminação dos rios, insegurança alimentar e falta de assistência médica"

AGO/2021
A Apib reforça a acusação de genocídio contra Bolsonaro em Haia por estimular a ação de garimpeiros. Segundo a entidade, o presidente agia para criar um "Brasil sem indígenas"

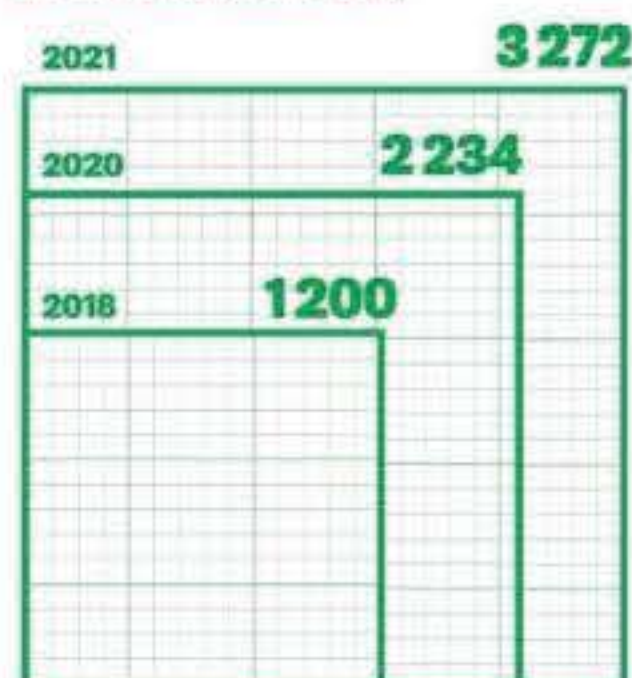
MAI/2022
A Justiça Federal em Roraima manda a União retomar as operações para expulsar garimpeiros após o MPF argumentar que a determinação do ano anterior vinha sendo descumprida

SOB AMEAÇA

Em três anos, área explorada pelo garimpo ilegal cresceu **173%**

ÁREA DA TERRA INDÍGENA:
96 650 KM², UM POUCO MAIOR QUE PORTUGAL

POPULAÇÃO:
27 723 INDÍGENAS

A evolução do garimpo na área (em hectares)

Fontes: *DSEI Yanomami, Instituto Socioambiental e Hutukara Associação Yanomami*

BRAZILPHOTOS/ALAMY/FOTOARENA

ISAC NÓBREGA/PR

APOIO Bolsonaro, após visita a garimpo ilegal em Roraima: defesa da atividade

descobriram no ano passado um esquema de corrupção que desviou dinheiro de medicamentos destinados aos ianomâmis. As fraudes envolveram 3 milhões de reais e há suspeitas de participação de servidores do Ministério da Saúde. Com o avanço da investigação, a entrega de remédios ficou suspensa e houve desabastecimento. Em consequência disso, a malária e as verminoses ganharam força, atingiram pessoas subnutridas e causaram mortes que seriam evitáveis. Nos últimos quatro anos, 570 crianças morreram. Na semana que passou, ao menos oito foram resgatadas com desnutrição crônica e levadas a Boa Vista, onde o novo secretário nacional de Saúde Indígena, Weibe Tapeba, quer implantar um hospital de campanha. A Casai (Casa do Índio), para onde os ianomâmis estão sendo levados, comporta 200 pacientes, mas tem mais de 700. "É um cenário de guerra", conta.

A comoção causada por imagens de indígenas desnutridos, que chocaram o Brasil e correram mundo, acabou acelerando a "desbolsonarização" da Funai e de órgãos de saúde pelo governo Lula, que fez demissões em

AMEAÇA Garimpeiros na Terra Indígena Yanomami: poluição de rios por mercúrio e desequilíbrio na vida local

massa na terça 24. Também abriu espaço para o petista avançar com promessas de campanha, como expulsar garimpeiros de áreas indígenas e retomar as demarcações. A mando do ministro da Justiça, Flávio Dino, a PF abriu inquérito para investigar possível crime de genocídio. Os alvos iniciais serão servidores que atuavam diretamente com ianomâmis, mas o caso pode chegar a ex-ministros e até ao ex-presidente — que até agora limitou-se a dizer no Telegram que a crise, revelada após visita de Lula à região no sábado 21, era uma "farsa da esquerda". O objetivo da PF será comprovar se houve intenção de exterminar povos tradicionais por meio de ações ou omissões de agentes públicos. Ao mesmo tempo, Bolsonaro passa pelo escrutínio de órgãos como o Tribunal Penal Internacional, em Haia, que recebeu denúncias de entidades civis apontando crimes contra a humanidade e genocídio. A Corte somente vai atuar se as instituições brasileiras falharem na missão de investigar e punir os responsáveis — o que o país certamente espera que não aconteça. ■

MURILLO DE ARAGÃO

OMISSÃO E DESUMANIDADE

A desnutrição dos ianomâmis envergonha o país

A TRAGÉDIA que ora acomete o povo ianomâmi, em Roraima, resulta de uma perversa mistura recorrente na história do Brasil: omissão e incompetência. É um vexame internacional que se soma a outros, quando se trata de questões envolvendo a Amazônia.

A mesma combinação de omissão e incompetência que acabou explodindo no delírio das invasões nos palácios dos três poderes, em 8 de janeiro, se revela agora no descaso com os ianomâmis. Nesse último caso, acrescenta-se um grau inimaginável de desprezo ao ser humano, à cultura e aos povos que habitavam o Brasil antes da colonização.

Elegantes e engajados do Brasil procuram causas humanitárias e alguns se voltam até para meritórias iniciativas no exterior. Mas nós, como tomadores de decisão e formadores de opinião, não estamos sintonizados com a questão dos povos indígenas brasileiros, nem sabemos como lidar adequadamente com a situação. Uma barreira de descaso e preconceito nos afasta do Brasil profundo e original.

A imprensa, tão vigilante para criticar, tampouco esteve devidamente atenta à tragédia que vem acontecendo há muito tempo no território em que habitam os ianomâmis. O pouco-caso com os povos indígenas é histórico em nosso país, incluindo a falta de proteção a seu hábitat e a seus costumes. Tratar do tema oscilou entre a alegoria, o paternalismo e o descaso.

Por outro lado, busca-se ampliar as áreas de reservas indígenas, que já somam mais de 13% do território nacional. Antes de simplesmente ampliar áreas, que se definam determinadas políticas públicas, e não somente para os povos originários. Que elas abranjam também caiçaras e quilombolas, por exemplo. Devemos saber o que eles querem de suas vidas, quais são as suas necessidades e aspirações. E qual o grau de comprometimento que a nação tem com os compromissos constitucionais em relação a eles.

O país, enquanto sociedade e governo, deve dar prioridade à questão. Mas ela precisa envolver todo o assunto, especialmente aspectos básicos da vida, como saúde, segurança, educação, atividade econômica, preservação do meio ambiente e da cultura. Os povos indígenas devem ser cuidados e protegidos em seus direitos. Assim como suas terras. Protegê-los é inseri-los, verdadeiramente, na agenda nacional.

> "Muitas tribos querem explorar recursos naturais e terminam seduzidas pelo lucro fácil do garimpo ilegal"

Também se deve considerar a monetização, desde que de forma sustentável, de seus recursos naturais. Muitas tribos querem explorar os seus recursos naturais e terminam seduzidas pelo lucro fácil da derrubada indiscriminada de árvores ou pelo garimpo ilegal. Essa é uma realidade que deve ser combatida — ao passo que o desenvolvimento sustentável deve ser estimulado.

A busca pela solução à questão indígena deve ser imediata. Não apenas a trágica situação dos ianomâmis. E toda a nossa elite, distante desses povos, precisa se engajar nessa tarefa, bem como as Forças Armadas, a Defesa Civil, as organizações não governamentais, os empresários e a sociedade civil. Urge acabar com essa crise humanitária e inserir a questão de forma definitiva na agenda nacional. ■

A REDENÇÃO DO "BESSIAS"

Mencionado numa conversa de Dilma Rousseff com Lula durante a Operação Lava-Jato, o novo advogado-geral da União trabalha firme para se livrar desse estigma **MARCELA MATTOS**

EM 2016, um controverso capítulo da Operação Lava-Jato gerou um terremoto na República. O então juiz Sergio Moro retirou o sigilo de interceptações telefônicas captadas pela polícia e divulgou uma série de conversas de Lula, à época ex-presidente e alvo das apurações. Um dos grampos mostrava um diálogo entre ele e a presidente Dilma Rousseff no qual, segundo os investigadores, estaria em curso uma operação para blindar o petista de um eventual pedido de prisão. Na conversa, com uma voz um tanto anasalada, Dilma avisou que estava enviando um tal "Bessias" junto com um "papel" para ser usado apenas "em caso de necessidade". O documento em questão era o termo de nomeação de Lula para a função de ministro-chefe da Casa Civil, o que lhe garantiria a proteção do foro privilegiado. Já o mensageiro citado era Jorge Rodrigo Messias, homem de confiança da presidente que trabalhava na área jurídica da Presidência.

Com base no áudio tornado público (e depois considerado ilegal), o ministro Gilmar Mendes, do Supremo Tribunal Federal (STF), interrompeu a manobra e impediu a nomeação de Lula. Dois meses depois, Dilma foi afastada em decorrência do processo do impeachment e, em 2018, o ex-presidente acabou preso pela Lava-Jato. Sete anos depois, os principais envolvidos no episódio estão de volta à cena. Lula foi eleito presidente do Brasil pela terceira vez, Dilma se tornou uma das figuras mais celebradas nos primeiros dias de governo e o servidor público que à época virou chacota por causa do sobrenome pronunciado de maneira equivocada virou o chefe da Advocacia-Geral da União (AGU) — a concorrida cerimônia de posse dele no cargo contou, inclusive, com um discurso do ministro Gilmar Mendes e da própria Dilma, que, desta vez, se referiu ao ex-assessor apenas como "meu querido".

É, sem dúvida, um tremendo recomeço para um servidor de carreira que foi obrigado a permanecer submerso durante tanto tempo em razão de circunstâncias que ele pouco ou nada ti-

RENATO MENEZES/ASCOM/AGU

POSSE Jorge Messias, o "Bessias" da Dilma: protagonismo e medidas polêmicas em um mês de governo

nha a ver diretamente com elas. Por ser eminentemente técnico, o novo cargo de Jorge Messias, embora tenha status de ministro, não costuma gerar visibilidade política, mas agrega poder e influência, na medida em que garante muita proximidade com o presidente da República por defender interesses da União e do próprio mandatário. Dada a essa relação, o posto virou uma espécie de trampolim para o Supremo Tribunal Federal. Três dos onze atuais ministros da Corte exerceram a função e foram indicados, à época, pelos presidentes Fernando Henrique Cardoso, Lula e Jair Bolsonaro, respectivamente: Gilmar Mendes, José Dias Toffoli e André Mendonça. Já Messias, ao menos por enquanto, rechaça ambicionar qualquer voo mais alto. “Entendo que, do ponto de vista profissional, cheguei ao meu auge”, disse ele a VEJA *(leia a entrevista na pág. 40)*.

O protagonismo da AGU neste primeiro mês de governo tem chamado a atenção. À frente do cargo, Jorge Messias liderou as principais ações que apuram os atos do 8 de janeiro, dia em que vândalos invadiram e depredaram as sedes do Supremo, do Congresso e do Palácio do Planalto. Para o núcleo duro do governo, o país esteve diante de uma tentativa de golpe e, por isso, era necessária uma reação à altura. Enquanto Lula determinava uma intervenção na Segurança Pública do Distrito Federal, coube ao ministro apresentar um controverso pedido de prisão de Anderson Torres, ex-ministro da Justiça de Bolsonaro que ocupava o cargo de secretário — recurso acatado pelo STF. Sem especificar outros nomes, Messias usou a mesma ação para também pedir a prisão em flagrante de todos os envolvidos nas manifestações, inclusive dos agentes públicos suspeitos de participação ou omissão. Mais de 1 800 pessoas foram detidas e conduzidas a prestar depoimento horas depois dos ataques.

Procurador concursado da Fazenda Nacional, o ministro foi além. Requereu à Justiça — e conseguiu — uma ordem para a desocupação dos acampamentos de manifestantes bolsonaristas montados nas imediações dos quartéis militares. Mais: pediu o bloqueio de 18 milhões de reais em bens de pessoas e empresas suspeitas de financiar os atos. O objetivo é que o recurso seja utilizado para ressarcir os danos causados pela destruição provocada pelos vândalos em Brasília — o valor ainda é preliminar e deve ser turbinado. Também foram solicitadas diversas medidas jurídicas

RENATO MENEZES/ASCOM/AGU

RISCO Messias: "Uma parte dos apoiadores de Bolsonaro clama pelo golpe"

"A IDEIA ERA DESESTABILIZAR O GOVERNO"

O estigma do "Bessias" o prejudicou de alguma forma? Se tivesse me atrapalhado, não estaria aqui. O Bessias foi um personagem de ficção criado pela Lava-Jato. A ideia era desestabilizar o governo. Eu tenho muita clareza disso. Acho que a sociedade teve plenamente acesso a todos os fatos, conheceu os lados da história, o Lula é hoje o presidente da República e me convidou para ser advogado-geral da União. Eu olho para a frente, tenho uma missão a cumprir aqui.

Qual era o objetivo daquele documento citado no áudio? O termo de posse serve a um único propósito: dar posse a uma pessoa. O objetivo era dar posse ao presidente como ministro. A Lava-Jato pegou uma gravação de cinco horas, cortou em dez minutos para ser manipulada pela imprensa. Se você ouvir as cinco horas de gravação, vai entender exatamente a que se prestava.

O senhor acredita que houve uma tentativa de golpe no dia 8 de janeiro? Não tenho dúvida. Havia um desejo manifesto de abolir o estado democrático de direito. Atentar contra os símbolos da República, invadindo o Palácio, o Congresso e o Supremo, era uma etapa do processo. Ali já se tinha a informação de que a ideia era entrar, quebrar tudo e ocupar.

E qual seria a próxima etapa depois da invasão? Se as sedes dos poderes estão ocupadas, não se consegue exercer plenamente os poderes constituídos. Era a tentativa deles. Desde que o ex-presidente Bolsonaro perdeu as eleições uma parte dos apoiadores dele clama pelo golpe. É bom lembrar que Brasília foi vandalizada no dia da diplomação do presidente Lula e depois se teve a descoberta de um atentado terrorista a bomba. Se tivesse explodido, seria uma tragédia inimaginável. O Afeganistão seria aqui.

Há quem diga que as prisões foram exageradas, incluindo a do ex-secretário de Segurança do DF, já que ele estava fora do país. Um secretário de Segurança viaja para fora do país sem férias oficiais e sem avisar o governador? Ele assume a secretaria e muda os principais cargos da cúpula de Segurança Pública? São questões que ele precisa responder. Eu acho que a prisão cautelar, considerando a comoção pública, vem ao encontro dessa necessidade de ele se explicar.

A AGU está chamando a atenção neste início de governo pela proatividade. Qual a razão de tantas frentes abertas? Nós estamos cumprindo o nosso dever constitucional. Estamos falando de uma sucessão de eventos que colaboraram para o dia 8 de janeiro que corroeu a imagem das instituições democráticas. É muito triste. A gente precisa explicar por que isso foi construído, foi deliberado. Não foi uma coisa à toa.

O senhor já anunciou uma frente de combate à desinformação. Como fazer esse monitoramento sem que ele se confunda com censura? Eu não vou fazer o papel da imprensa. Nós vamos, por outro lado, nos valer da atuação da imprensa. O trabalho das agências de checagem vai ser a fonte primária da nossa atuação. É um ecossistema organizado, profissional, financeirizado. Não vou ser fiscal de rede social. Não é nosso papel, nós não temos poder de polícia.

A AGU se tornou uma espécie de trampolim para a cadeira de ministro do Supremo. Essa é uma pretensão do senhor? Não. Eu estou realizado profissionalmente. Tenho quase dezoito anos de carreira como procurador da Fazenda Nacional. Entendo que, do ponto de vista profissional, eu cheguei ao meu auge. Eu sou advogado público e, como tal, estou realizado profissionalmente.

NELSON JR./SCO/STF

TRAJETÓRIA Gilmar Mendes: o decano do STF foi AGU de Fernando Henrique

ROSINEI COUTINHO/SCO/STF

TRAMPOLIM Dias Toffoli: o ministro ocupou o mesmo cargo no governo Lula

CARLOS MOURA/SCO/STF

NOVATO André Mendonça: no Supremo depois de chefiar a AGU de Bolsonaro

direcionadas às plataformas digitais, com o objetivo de colher e preservar provas contra os criminosos, e foi criado um grupo de trabalho dedicado exclusivamente a acompanhar as investigações. Sob o argumento de necessidade de reparação do patrimônio, o colegiado poderá realizar pedidos de quebras de sigilo bancário, fiscal e telefônico e de acesso a investigações em andamento — algo não corriqueiro no âmbito da AGU.

Embora o assunto seja tratado com muita reserva, existe no governo a intenção de demonstrar que o ex-presidente Jair Bolsonaro esteve diretamente envolvido ou, no mínimo, incitou as manifestações que resultaram na baderna do dia 8 de janeiro. A Polícia Federal já investiga se essa relação realmente existe, mas a AGU terá participação relevante nesse trabalho. Ao ser indagado sobre o tema, no entanto, Jorge Messias desconversa. Afirma que todos os agentes públicos que tiverem participação comprovada nos atos antidemocráticos serão responsabilizados. "Desde que o ex-presidente Bolsonaro perdeu as eleições, uma parte dos apoiadores dele reclama pelo golpe. Ali se tem as vivandeiras que foram até os quartéis se colocar numa tentativa de obstruir o desejo da maioria da população, questionando o resultado das urnas", diz.

Bessias — perdão, MESSIAS — vem trabalhando firme no novo posto. Logo ao tomar posse, o chefe da AGU surpreendeu quando anunciou a criação de uma Procuradoria de Defesa da Democracia. Um dos objetivos da repartição será combater grupos que espalham desinformação, montados, segundo o ministro, em bases profissionais, financeiramente rentáveis e com objetivo de desestabilizar as instituições. A proposta tem gerado polêmica por ainda não haver no país uma tipificação do que pode ser enquadrado como *fake news* e, diante dessa lacuna jurídica, dar margem, por exemplo, à censura em reportagens que desagradem ao governo. Pelo histórico das gestões petistas, é uma hipótese que não pode ser desconsiderada. O ministro, porém, garante que não há qualquer intenção de cercear opiniões ou a liberdade de informação e expressão. Acostumado a referir-se ao processo de impeachment de Dilma Rousseff como um golpe, ele afirma que o momento é de olhar para a frente e que o "Bessias" foi apenas um personagem de ficção criado para desestabilizar o governo petista. De agora em diante, ele quer ser lembrado apenas como um servidor de carreira que está cumprindo uma missão. Na verdade, várias missões. ■

UMA NOVA ENCARNAÇÃO

Coordenadora do MST que ficou conhecida por liderar ações extremistas será a responsável por dialogar com a sociedade civil no governo petista **HUGO MARQUES**

NA TERÇA-FEIRA 24, o *Diário Oficial da União* publicou uma portaria da Casa Civil nomeando a professora Kelli Cristine de Oliveira Mafort para comandar a Secretaria Nacional de Diálogos Sociais e Articulação de Políticas Públicas da Presidência da República. O cargo é novo, foi criado pelo presidente Lula e tem como meta estabelecer um canal de comunicação direto entre o Palácio do Planalto e a chamada sociedade civil. Através dele, representantes de movimentos poderão levar suas demandas ao conhecimento das autoridades de maneira célere. No caminho inverso, o governo pode se antecipar e resolver essas demandas antes de elas se transformarem em um problema mais sério ou em um conflito mais grave. Parece uma ideia interessante e, acima de tudo, civilizada. Chama a atenção, no entanto, o perfil da escolhida para exercer essa difícil tarefa.

Kelli é coordenadora nacional do Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra (MST), entidade que nas últimas três décadas se mostrou capaz de muita coisa, menos de dialogar. No currículo da nova secretária há episódios de ocupação de propriedades rurais, invasão de prédios públicos e bloqueio de rodovias. A professora também liderou uma das ações mais barulhentas do MST. Em 2016, cerca de 1000 pessoas entraram numa fazenda em Duartina (SP) que pertencia ao coronel João Baptista de Lima Filho, ex-auxiliar e amigo do então vice-presidente Michel Temer. Armados, os invasores renderam os funcionários, depredaram a sede, danificaram carros, furtaram equipamentos, abateram animais e espalharam excrementos nas dependências da propriedade.

Não era exatamente um protesto pela reforma agrária. "A ocupação dessa fazenda é para denunciar a intervenção do agronegócio na articulação do golpe. Estamos aqui para denunciar as ligações escusas de Michel Temer com o proprietário da fazenda e sua empresa de fachada para arregimentar propina", explicou na ocasião a líder da invasão, Kelli Mafort. O golpe em questão, segundo ela, teria sido o processo de impeachment da ex-presidente Dilma Rousseff. A professora foi indiciada por furto, dano, disparo de arma de fogo e organização criminosa — mas o caso acabou arquivado. Na época, ela forneceu como seu endereço um motel na cidade de Ribeirão Preto (SP). "Nesse estabelecimento, perguntamos na portaria e nos informaram que não tem nem nunca teve nenhuma funcionária como esse nome", anotou o oficial de Justiça que tentou citá-la.

Além de líder do MST, Kelli é graduada em pedagogia, tem doutorado em ciências sociais e leva uma vida aparentemente simples — aliás, mais que simples. De 2013 a 2021, ela foi beneficiária do Bolsa Família e do Auxílio Brasil, programas destinados a famílias carentes. Recebeu ao todo 16 000 reais em valores não corrigidos. A nova secretária tem opiniões contundentes a respeito dos temas que passaram a ser discutidos pela sociedade após o 8 de janeiro, a dia dos atos que terminaram em vandalismo e na depredação do Palácio do Planalto, do Congresso e do Supremo Tribunal Federal. Sobre bloquear rodovias como forma de protesto, ela concorda que não é um método muito simpático. "Mas, na história do nosso país, se a gente não lançar mão de métodos que chamem a atenção dos governos, a gente não consegue pautar nenhum tema", ponderou. E sobre as

ESQUEÇAM MEU PASSADO

O histórico do MST é marcado por manifestações violentas, invasões de fazendas e de prédios públicos, vandalismo e mortes

RONALDO BERNARDI/AGÊNCIA RBS

POLICIAL DEGOLADO
Em 1990, cerca de 600 militantes do movimento entraram em confronto com a polícia numa praça próxima do Palácio Piratini, em Porto Alegre. Durante o conflito, um cabo da Brigada Militar foi degolado com golpe de foice e morreu

JORGE ARAUJO/FOLHAPRESS

MASSACRE NO PARÁ
Em 1996, militantes do MST fecharam uma rodovia no extremo sul do estado. Policiais foram enviados ao local para acabar com o bloqueio. Houve um violento confronto que terminou com a morte de dezenove manifestantes e dezenas de feridos

MATHEUS COSTA/ASCOM/SG

EX-RADICAL Kelli, ao lado do ministro Márcio Macêdo: indignação com invasões e depredações — do dia 8 de janeiro

invasões de fazendas? "Invasão é coisa de elite. Ocupação é o direito legítimo dos povos de restituir aquilo que lhes foi roubado", relativizou.

Embora curioso, o perfil radical da secretária de Diálogos não significa necessariamente que a partir de agora invasões e depredações entrarão para o rol de protestos considerados legítimos pelo atual governo. O MST, por exemplo, quer mostrar que mudou. Nas redes sociais, as entrevistas de dirigentes defendendo a invasão de terras deram lugar a artigos que pregam o plantio de árvores e a distribuição gratuita de alimentos. Na campanha eleitoral, o presidente Lula ressaltou que o movimento agora é um grande produtor de alimentos orgânicos. Em entrevista a VEJA, o ministro da Agricultura, Carlos Fávaro, disse que se reuniu com as lideranças dos sem-terra antes de tomar posse e recebeu a garantia de que invasão como método para forçar a reforma agrária é coisa do passado.

A coordenadora do MST, ao que parece, também evoluiu. "Nós temos pesquisas que evidenciam que 90% dos assentamentos existentes no Brasil são resultantes de ocupações de terra", dizia ela, em 2019. Mais recentemente, em março do ano passado, a professora foi ainda mais incisiva: "Enquanto morar, viver e comer for um privilégio, ocupar é um direito". No governo, sua postura mudou. Um dia depois da repulsiva invasão e depredação dos prédios da Praça dos Três Poderes, a secretária postou a seguinte mensagem: "A polícia do DF invadiu e destruiu Brasília, contando com a colaboração de bolsonaristas extremistas e das Forças Armadas. Assim!". Kelli, pelo menos quando o invasor é de uma ideologia diferente, também fica indignada. ■

ROBERTO STUCKERT FILHO/AG. O GLOBO

FAZENDA DO PRESIDENTE
Em 2002, cerca de 500 pessoas ligadas ao movimento invadiram uma fazenda em Buritis (MG) que pertencia à família do então presidente Fernando Henrique Cardoso. Os sem-terra depredaram as instalações e defecaram sobre os móveis

ED FERREIRA/FOLHAPRESS

INVASÃO DO MINISTÉRIO
Em 2015, manifestantes do MST ocuparam a sede do Ministério da Agricultura, em Brasília. As portarias de vidro do prédio foram quebradas, as paredes pichadas e as salas totalmente vandalizadas

EDILSON DANTAS/AG. O GLOBO

TRISTE CENA Usuários de crack na região central de São Paulo: o problema desafia o poder público há três décadas

FLAGELO SEM FIM

No início de sua gestão, Tarcísio de Freitas lança ambiciosa iniciativa contra a maior cracolândia do país, uma chaga a céu aberto que já derrotou vários governantes **VICTORIA BECHARA**

A EXPRESSÃO "crack" surgiu pela primeira vez em novembro de 1985, em uma reportagem do jornal *The New York Times* que narrava como o derivado barato da cocaína havia tomado áreas expressivas da cidade e criado rapidamente uma legião de viciados. Seis anos depois, a polícia faria a primeira apreensão do produto no Brasil, no entorno da Estação da Luz, área central de São Paulo. Dali para a frente, ancorada no potencial destruidor da droga, na deterioração social dos grandes centros urbanos, na livre ação de traficantes e na inépcia do poder público, a cena dantesca de gente vagando por ruas degradadas só cresceu, a ponto de a região ganhar o triste codinome de "cracolândia". Desde então, se sucederam iniciativas estaduais e municipais, que foram da opção pela força policial — a primeira intervenção, em 1995, ordenada pelo governador Mario Covas, se chamou Tolerância Zero — à abordagem mais humanista (como o programa De Braços Abertos, do prefeito Fernando Haddad), passando por grandes projetos de revitalização urbanística, como o Nova Luz, do prefeito José Serra.

Quase sempre, essas ações foram acompanhadas de sentenças definitivas — e furadas — sobre o problema. "A cracolândia não existe mais", disse o prefeito Gilberto Kassab em 2008. "Pode escrever, a cracolândia vai desaparecer", prometeu o governador Geraldo Alckmin em 2017, mesmo ano em que o prefeito João Doria bancou: "A cracolândia acabou". Não só não acabou, como se consolidou. Pesquisa divulgada pela Unifesp em janeiro ilustra o tamanho do fracasso do poder público para resolver a questão: quatro em cada dez usuários frequentam a região há pelo menos dez anos — um porcentual parecido com os de Brasília e Fortaleza *(veja o quadro ao lado)*, também incluídas no estudo.

O problema que assombra a cidade há três décadas vai ser alvo agora de uma nova investida. Logo nos primeiros vinte dias de gestão, o governador Tarcísio de Freitas (Republicanos) reuniu o prefeito Ricardo Nunes (MDB) e representantes do Judiciário, Ministério Público, Defensoria, entidades religiosas e organizações sociais para articular uma ambiciosa intervenção, que pretende reunir políticas de saúde, urbanísticas, econômicas e de segurança para tentar equacionar o problema. O pacote prevê a

ARIS MESSINIS/AFP

ANDY BUCHANAN/AFP

ULI DECK/DPA/GETTY IMAGES

OUTRO CAMINHO Exemplos da Europa: dependentes fazem uso assistido de drogas na Grécia, Escócia e Alemanha *(de cima para baixo)*

abertura de 1 000 vagas de internação em comunidades terapêuticas, 264 leitos para desintoxicação em hospitais, contratação de 200 profissionais especializados para a abordagem de dependentes e o pagamento de uma ajuda financeira de 600 a 1 200 reais para a família que acolher o usuário de volta. O Centro de Referência de Álcool, Tabaco e Outras Drogas (Cratod) será reformulado para funcionar como uma casa de passagem, com quarenta vagas, e uma base para a atuação de membros do MP, da Justiça e da sociedade civil. O plano prevê, ainda, 700 novas moradias na área e a revitalização de espaços públicos.

Apesar de ser um militar da reserva e de ter sua base no bolsonarismo, Tarcísio não priorizou a repressão policial. Na segurança, haverá um sistema de monitoramento com 500 câmeras e a adoção da "justiça terapêutica", prevista na Lei Nacional Antidrogas, que dá ao usuário a chance de optar pela internação em vez de responder por algum crime relacionado a drogas. A internação compulsória, um tabu nesse tipo de enfrentamento, só deverá ser adotada "em último caso" e com decisão judicial, segundo Tarcísio. "Vamos partir do pressuposto de que cada pessoa é uma. Temos de ter um cardápio de opções para não perder oportunidades", afirma o governador.

Embora tenha optado por uma intervenção transversal para enfrentar um problema de fato complexo, o plano exclui uma iniciativa comum em países desenvolvidos que conseguiram algum avanço no combate ao crack. Alemanha, Noruega e Dinamarca, por exemplo, conseguiram reduzir cenas de uso de drogas com acompanhamento médico e salas para uso assistido — nelas, o usuário pode utilizar a substância em menor quantidade e com auxílio de um profissional de saúde, o que diminuiu mortes por overdose e outros danos ao evitar o compartilhamento de seringas e cachimbos. Para a pesquisadora Maria Angélica Comis, a nova iniciativa preocupa por focar a abstinência. "Parte das pessoas não adere às alternativas ofertadas. É necessária uma abordagem de baixa exigência, baseada na redução de danos, que está na lei municipal. Mas não houve nenhuma proposta nesse sentido", avalia.

O plano demonstra vontade para resolver a questão, mas os últimos anos já mostraram que isso não basta. Tarcísio fez uma aposta alta ao lançar o pacote na sede do governo e escalar o seu vice, Felicio Ramuth, para liderar o enfrentamento de um tema que sempre foi mais da alçada da prefeitura. Novato na política, arrumou um bom desafio logo na largada. Apesar do histórico desfavorável, a torcida, como sempre, é para que dê certo. ■

O RETRATO DO DRAMA

Perfil de usuários de crack em locais abertos no país

39%
dos usuários frequentam a cracolândia de São Paulo há dez anos ou mais

ESSE PORCENTUAL É DE 43% EM FORTALEZA E 37,7% EM BRASÍLIA

56,8%
dormem na cracolândia na maioria das noites*

66,3%
estão em situação de rua

73,8%
são homens, mas o porcentual de mulheres cresceu de 16,8% em 2016 para **22,5%** em 2022*

66,9%
não cursaram o ensino médio*

48,6%
das mulheres dizem já ter trocado sexo por drogas*

37 anos
é a média de idade para homens e **34** para mulheres*

* Dados da cracolândia em São Paulo

Fonte: *Levantamento de Cenas de Uso em Capitais, realizado pela Unifesp entre 2021 e 2022*

EDILSON RODRIGUES/AGÊNCIA SENADO

RELEVÂNCIA Plenário do Senado: volta do recesso parlamentar marcada por discussões sobre impostos

FOCO CONCENTR

O Congresso inicia a nova legislatura, resultado da eleição de 2022, cercado de novidades, entre elas o governo do PT, o ambiente tumultuado após os acontecimentos de 8 de janeiro e a nova correlação de forças no arranjo parlamentar. Em meio a esse cenário incomum, uma prioridade, entretanto, logo deve se impor. Para evitar desgastes e pautas de menor importância, o governo de Luiz Inácio Lula da Silva, tendo Fernando Haddad à frente do Ministério da Fazenda, vai tentar aprovar com certa rapidez a tão elusiva reforma tributária, uma pauta tão complexa como consensual. Haddad terá a seu favor o fato de a reforma ser considerada importante, de forma quase unânime, tanto para os parlamentares de sua base de apoio quanto para os bolsonaristas, uma vez que o governo anterior também tentou implementá-la. "Está muito amadurecida a discussão. A reforma das reformas é a tributária", afirmou Haddad, no último dia 17, durante o Fórum Econômico Mundial, em Davos, na Suíça.

Para o ambiente de negócios brasileiro, ela promete trazer uma simplificação para o confuso cipoal que constitui o atual regime de impostos. É algo que já ajudaria bastante o país.

WALLACE MARTINS/FUTURA PRESS

VICTOR TONELLI/OECD

MAU EXEMPLO O ministro Haddad *(acima)* e o antecessor Guedes: nova gestão planeja evitar dificuldades encontradas pela anterior

ADO

Prioridade do governo, a reforma tributária conta com amplo consenso, mas o caminho para a aprovação é tortuoso e repleto de desafios

FELIPE MENDES E **LARISSA QUINTINO**

Além disso, o PT promete tornar o sistema mais progressivo, para que os mais pobres paguem menos em relação a sua renda do que os mais ricos. As mudanças também trazem a expectativa de diminuição da carga fiscal excessiva que pesa sobre a sociedade, ainda que nesse ponto caiba atenção, uma vez que governos costumeiramente gostam de gastar. Em momentos de mudanças na estrutura de impostos tendem a, no máximo, redistribuir a carga, sem cortar os próprios custos.

Com benefícios indiscutíveis, a reforma tributária vem sendo tentada — sem sucesso — por três décadas. As iniciativas do ex-ministro da Economia Paulo Guedes para emplacar o seu texto durante o governo de Jair Bolsonaro podem servir como uma enciclopédia de equívocos a ser evitados. Se a máxima diz que o sábio aprende com os erros dos outros, en-

UM NOVO SISTEMA

Propostas em discussão para a simplificação da tributação do consumo

PEC 45

- Cria um imposto sobre valor agregado (IVA) nacional, chamado de imposto sobre bens e serviços (IBS), e um imposto seletivo
- Cinco são os tributos unificados (PIS, Cofins, ICMS, ISS e IPI)
- Não é permitida a concessão de benefícios fiscais
- Cada ente federativo fixará uma parcela da alíquota, que será cobrada de forma única com o imposto federal

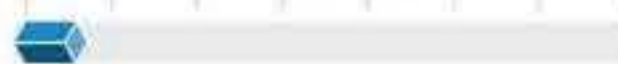
A PROPOSTA ESTÁ NA CÂMARA DOS DEPUTADOS, PARA DISCUSSÃO EM PLENÁRIO

FASE 2,5/7

PEC 110

- Cria imposto sobre valor agregado (IVA) dual, com um imposto nacional (CBS), outro para estados e municípios (IBS) e um imposto seletivo
- Cinco são os tributos unificados (PIS e Cofins no imposto federal, ICMS e ISS em imposto subnacional e o IPI em imposto seletivo)
- Há previsão de exceções para concessão de benefícios fiscais
- A arrecadação do IBS será para estados, Distrito Federal e municípios com alíquota definida por cada ente

A PROPOSTA ESTÁ NA COMISSÃO DE CONSTITUIÇÃO E JUSTIÇA DO SENADO

FASE 0,5/7

Fontes: *Câmara dos Deputados, Senado Federal e Centro de Cidadania Fiscal*

quanto o tolo, nem com os próprios, os negociadores do governo no Congresso tentarão se mostrar sábios. Do ponto de vista político, a ideia é aproveitar o começo da legislatura para aprovar o tema, já que quem passa agora para a oposição é majoritariamente reformista. "Se o governo tiver o interesse de promover uma reforma tributária, nós estaremos dispostos a nos debruçarmos sobre ela, obviamente sem abrir mão da nossa condição e de colocamos a nossa visão", afirmou a VEJA Rogério Marinho, ex-ministro de Bolsonaro, senador eleito pelo Rio Grande do Norte e candidato à presidência do Senado.

As duas PECs sobre o assunto que tramitam no Congresso — a 45, já em plenário da Câmara, e a 110, atualmente na Comissão de Constituição e Justiça do Senado — evoluíram mais por iniciativa do Parlamento do que por conta do governo anterior. A estratégia de Guedes foi garantir primeiro a reforma da Previdência, que vinha mais madura da presidência de Michel Temer. Mas, depois, perdeu a oportunidade de agilizar a tributária. O ministro levou nove meses após a aprovação da Previdência para enviar a primeira parte de sua proposta, um projeto de lei para unificar apenas PIS e Cofins, e só no último ano de gestão passou a endossar o texto que tramita no Senado.

Entre muitas idas e vindas, Guedes também insistiu num tema sem aprovação da sociedade, a criação de um imposto sob transações, nos moldes da CPMF, o que gerou um grande desgaste com a Câmara. Haddad tem deixado claro que essa ideia está "morta e sepultada" e prevê um calendário de aprovação da reforma em duas fases.

Em Davos, o ministro detalhou que o governo prevê passar no primeiro semestre a "primeira fase" da reforma, que trata da simplificação dos impostos sobre o consumo. Os técnicos trabalham para chegar a um texto que

ALOISIO MAURICIO/FOTOARENA

EMPENHO Appy: autor de um dos projetos, agora atua dentro do governo

"COMO ESTÁ HOJE, NÃO DÁ MAIS"

Em sua primeira entrevista após assumir como secretário especial para a reforma tributária, o economista Bernard Appy promete trabalho conjunto com o Congresso para tirar do papel uma das reformas estruturantes mais relevantes para o país.

Como avalia o empenho do governo para conduzir a reforma tributária? O ministro Fernando Haddad já deixou claro que o foco agora vai ser a tributação do consumo, um assunto que já está maduro no Congresso. A proposta de reforma da tributação da renda e, possivelmente, da folha de pagamentos ficará para o segundo semestre. Se fizermos uma boa reforma da tributação do consumo, teremos um efeito muito positivo.

Como a reforma pode garantir crescimento econômico? Há um consenso de que a reforma da tributação do consumo terá um impacto muito positivo sobre o potencial de crescimento do país. Estimativas apontam um aumento do PIB variando entre 4% e 20% em quinze anos.

Existe uma confiança em que essa reforma, almejada por governos anteriores, finalmente sairá do papel? Sim. Existe uma percepção generalizada de que o sistema tributário brasileiro como está hoje não dá mais. Chegou ao seu limite e se tornou extremamente disfuncional. Essa visão cresceu ao longo do tempo, está muito mais clara hoje.

unifique a PEC 45 da Câmara, inspirada em um estudo de Bernard Appy, atualmente secretário especial de Haddad para tratar desse tema, e a PEC 110, do Senado. Ambos os textos versam sobre a criação de um imposto sobre valor agregado (IVA) não cumulativo, cobrado no destino e com legislação uniforme em todo o país.

A principal diferença é que a 110 prevê um sistema de IVA dual, que cria um tributo único federal e outro para estados e municípios. Já o desenho da PEC 45 estabelece apenas um IVA nacional, que reúne todos os impostos sobre o consumo. A equipe de Haddad ainda não bateu o martelo sobre o modelo. O segundo é mais simples, mas o primeiro é mais bem-visto pelos secretários de Fazenda país afora, evitando embates políticos. "A proposta está muito amadurecida e tem como base as melhores práticas de IVA no mundo", afirma Appy *(veja a entrevista na pág. ao lado).*

Nessa primeira fase, o governo já espera encontrar resistência de alguns setores, em especial o agronegócio, que, junto com as empresas de serviços, é apontado pela Fazenda como o setor mais resistente. Já a segunda fase do projeto ficará, segundo Haddad, para o segundo semestre: a mudança na tributação de renda, assunto caro ao PT e uma promessa de campanha de Lula. Com a relevância que o tema ganhou no Congresso, o governo se encontra em uma posição bastante favorável para aprová-la, mas espera-se que não use a oportunidade para, nos meandros do processo, dar vazão a seu apetite por arrecadação. O diabo, nesse caso, mora nos detalhes. ■

Colaborou Luisa Purchio

MAÍLSON DA NÓBREGA

SEM COMUNISMO

A doutrina não tem raízes no modo de pensar dos brasileiros

"PEÇO A DEUS que os brasileiros não experimentem as dores do comunismo", disse mais de uma vez o ex-presidente Jair Bolsonaro. Era um alerta vazio contra o voto popular em Lula nas últimas eleições presidenciais. Influenciou, todavia, quem acreditava no "mito" e assustou os que nada entendiam do significado do comunismo. Segundo a *Encyclopedia Britannica*, "comunismo é uma doutrina política e econômica que visa a substituir a propriedade privada pela propriedade estatal e a economia de mercado pelo controle público dos meios de produção e dos recursos naturais da sociedade".

Robert Service, historiador e professor da Universidade de Oxford, no livro *Camaradas: uma História do Comunismo Mundial*, diz que Karl Marx e Friedrich Engels, os fundadores do marxismo, constituíram inspiração para a Revolução Russa de 1917, a qual deu origem ao comunismo e à União Soviética. Os dois se influenciaram por pensadores como Maximilien Robespierre e outros políticos radicais da Revolução Francesa. Na economia, adotaram ideias de David Ricardo e de outros estudiosos das forças do capitalismo na Grã-Bretanha. Na filosofia, sua fonte foi Georg Hegel.

> "Para as ideias de Marx e Engels vigorarem aqui, seria preciso mudar a Constituição"

Para Service, Marx e Engels queriam ser vistos como propagadores do comunismo "moderno", "científico" e "contemporâneo". Achavam "que estavam vivendo o fim da era capitalista e que a era comunista estava próxima". Rejeitavam a tese de que os verdadeiros crentes seriam recompensados com a eternidade do Paraíso. Ao contrário, "afirmavam que eles e seus sectários criariam uma sociedade perfeita aqui mesmo na Terra".

O compartilhamento de bens era considerado virtude por cristãos da época de Jesus Cristo. Outras seitas judias praticavam formas de igualitarismo. Cristo de certa forma pregava essas ideias, mas sem os meios institucionais para implementá-las. Pensadores posteriores afirmaram que o poder estatal deveria proporcionar o acesso equitativo à alimentação, à moradia e a recompensas e salários justos. Na obra *Utopia* (1516), Thomas Morus dizia que a sociedade perfeita somente seria viável mediante ordens emanadas de cima, antecipando, assim, o totalitarismo soviético.

Somente radicais da esquerda brasileira, uma minoria, têm essas visões. O comunismo não tem raízes no modo de pensar da sociedade brasileira. Para vigorar por aqui, seria preciso mudar a Constituição. Seu artigo 170 reza que a ordem econômica é "fundada na valorização do trabalho humano e na livre-iniciativa". Entre seus princípios está o da propriedade privada. Com a mudança, o governo poderia confiscar as propriedades particulares e estatizar as empresas privadas.

O sistema político rejeitaria essa alteração. Mesmo que todos os parlamentares de esquerda votassem a favor, reuniriam apenas 130 votos na Câmara e catorze no Senado. O quórum mínimo para alterar a Constituição é de 308 deputados e 49 senadores. O temor da implantação do comunismo no Brasil não faz, assim, o menor sentido. Durmamos tranquilos. ■

ÀS RUAS, CIDADÃOS

O governo francês quer acelerar a reforma da Previdência, porque a conta não fecha. É iniciativa fundamental, mas que sempre foi barrada pelo mau hábito e pelo corporativismo

ERNESTO NEVES

Quase seis anos depois de chegar à Presidência da França, em seu segundo mandato, que termina em 2027, Emmanuel Macron iniciou nesta semana sua mais ousada e impopular empreitada, a reforma do sistema de pensões. A peça fundamental do plano é o aumento da idade mínima de aposentadoria de 62 para 64 anos. Prometida por Macron durante a campanha de reeleição, no último ano, a medida é considerada vital para estancar o déficit previdenciário, problema que vem se agravando com o envelhecimento da população. “Teremos de trabalhar mais se quisermos deixar um modelo justo e duradouro para nossos filhos”, afirmou. A reação foi rápida, enfática e corporativista, bem ao gosto gaulês. Mais de 1 milhão de franceses saíram às ruas de 200 cidades. Na maior das marchas, em Paris, jovens exibiam o slogan “Aposentadoria antes da artrite”. As greves — uma outra instituição do país — se espalharam por refinarias, transportes, serviços públicos e escolas de norte a sul, afetando Lyon, Marselha, Toulouse, Nantes e Bordeaux.

Reformar a onerosa Previdência francesa é tarefa necessária, sob o risco de arrebentar os cofres, porque a conta não fecha. Mas é também tentativa inglória. Em 1995, o então presidente Jacques Chirac arquivou uma proposta depois de paralisações que duraram semanas. Anos depois, Nicolas Sarkozy tentou novamente mexer no sistema, sem sucesso. O próprio Macron lançou uma proposta, em 2019, mas teve de desistir com a eclosão da pandemia. O alto grau de proteção social é celebrado na França, que resiste ao capitalismo mais liberal de economias como o Reino Unido. Os franceses começam a receber o benefício, em média, aos 62 anos, contra 63 na Itália, 64 na Alemanha e 66 na Holanda. Graças ao aumento da expectativa de vida, os homens têm, em média, 23 anos de benefício, e as mulheres, 27. O problema é agravado pela redução no número de jovens. Em 2000, havia 2,1 trabalhadores contribuindo para cada aposentado, número que caiu para 1,7 em 2020. Como resultado, o rombo anual alcançou 10 bilhões de euros, com previsão de crescer 40% até o fim da década. O país já empre-

ALAIN JOCARD/AFP

VESPEIRO Protestos contra a medida, em Paris: dificuldade de mexer com o Estado provedor

LUDOVIC MARIN/AFP

DO LADO CERTO Macron: “Modelo justo e duradouro para nossos filhos”

ga 14% do PIB para o pagamento de pensões, bem mais que a vizinha Alemanha (10%) e os membros da OCDE, clube de nações ricas, com média de 8%. "A França está gastando muito além do que pode", resume Jean-Marc Daniel, economista da European Business School, em Paris.

A proposta acontece em momento complexo, com a economia andando de lado e intensa pressão inflacionária. Impulsionada pela guerra na Ucrânia, a escalada nos preços chegou a 7% nos últimos doze meses. E não há refresco previsto no curto prazo. Calcula-se que as tarifas de energia vão subir 15% ao longo de 2023, sobrecarregando consumidores e pequenas empresas. Pesquisas feitas nas últimas semanas atestam a rejeição quase unânime. Somente 36% declaram apoio à gestão de Macron. Na faixa entre 35 e 49 anos, 77% disseram ser contrários à reforma. A questão também obteve a proeza de unir o espectro político. Marine Le Pen, do partido ultradireitista Reagrupamento Nacional, classificou a proposta como "terrivelmente injusta". Do lado oposto, na extrema esquerda, Jean-Luc Mélenchon, do França Insubmissa, iniciou campanha em sentido inverso, de redução da idade mínima de aposentadoria para 60 anos. Em tom inflamado, ele afirmou que o buraco orçamentário deveria ser coberto com o aumento de impostos para os ricos. Uma bandeira que, segundo os críticos, tem como objetivo reverter a derrocada da esquerda observada nas últimas eleições.

Macron encara a reforma previdenciária como o principal legado de seu governo, eleito pela primeira vez em 2017 com a promessa de modernizar o pesado Estado francês. O presidente vem correndo contra o tempo para costurar uma aliança entre deputados da Assembleia Nacional, já que sua coalizão centrista, o Renascimento, conta com 250 parlamentares, 39 a menos que o necessário para obter maioria. As fichas estão concentradas numa incerta adesão do Partido Republicano, oposicionista, mas que no passado defendeu as mesmas mudanças. Outra saída em estudo é a imposição da reforma por decreto, uma possibilidade prevista pela Constituição. A jogada, no entanto, é arriscada e raramente aplicada. Isso porque pode desencadear um voto de não confiança da oposição, levando a eleições antecipadas. "Tudo vai depender do humor das ruas", diz Guy Groux, especialista em mercado de trabalho da universidade Sciences Po, de Paris. "Se as greves prosseguirem, é grande a chance de o projeto naufragar". Com nova onda de mobilização prevista para o dia 31, Macron terá de desarmar o combatente espírito dos franceses se quiser concluir seu plano. O nó: o humor das ruas não vai nada bem. ■

CINDERELA NO SAMBA

Para os não iniciados nos desfiles do Carnaval carioca, posições de destaque na concorrida passarela rendem renhidas disputas. Na folia que passou, **MAYARA LIMA,** 26 anos, ambicionava o prestigiado posto de rainha da bateria da Paraíso do Tuiuti, mas acabou apenas princesa, depois de preterida por um nome de fora da comunidade que, dizem as ferinas línguas do samba, teria pagado pela coroa. Mesmo em escalão mais baixo, cruzou a pista aplaudida de pé por fãs como Fátima Bernardes e Sabrina Sato. Agora, o cetro é dela. "Isso vai mudar a vida da minha família e abrir chances a outras meninas como eu", aposta Mayara.

DENILSON SANTOS/DIVULGAÇÃO

INSTAGRAM @PAOLACAROSELLA

TWITTER @THEREALBUZZ

AVISO AOS SEGUIDORES

O segundo homem a pisar na Lua, em 1966, e o mais pop dos astronautas (o personagem Buzz Lightyear, de *Toy Story*, foi criado em sua homenagem), **BUZZ ALDRIN** anunciou no Twitter, em seu aniversário de 93 anos, haver se casado, "em uma pequena cerimônia íntima", com **ANCA FAUR,** 63, sua agora quarta mulher. "Estamos animadíssimos, como adolescentes fugindo para casar", postou. Anca é romena e doutora em engenharia química, mas trocou a profissão pelo cargo de vice-presidente na empresa do marido.

CLAUDIO LAVENIA/GETTY IMAGES

MINHA FAMA DE MÁ

Implacável no *MasterChef Brasil*, programa em que não deixava panela sobre panela quando disparava suas temperadas críticas ao avaliar pratos preparados pelos concorrentes, **PAOLA CAROSELLA,** 50 anos, diz estar em fogo mais brando às vésperas de sua estreia no reality *Minha Mãe Cozinha Melhor que a Sua*, da TV Globo. Na atração, vai emitir opinião sobre iguarias feitas por celebridades em dupla com suas respectivas mães. Paola atribui o modo mais suave à filha, Francesca, de 11 anos. "Ela disse que não ia mais cozinhar do meu lado porque sentia sempre muita pressão e perdia a alegria", conta a chef, que busca na atual fase uma nova receita: "Não vou mais ser a professorinha irritada", promete.

VESTIDA PARA RUGIR

Foi com uma enorme cabeça de leão na lapela que **KYLIE KARDASHIAN,** 25, a caçula do clã Kardashian, marcou presença no desfile da Schiaparelli na Semana de Moda de Paris. Sentada na primeira fila — com leão e tudo —, Kylie viu o mesmo modelo ser exibido na passarela, onde também compareceram cabeças de leopardo e de lobo. O acessório da influenciadora combinou com o anúncio feito por ela do nome do filhinho mais novo: Aire (pronuncia-se como *air*, "ar" em inglês), 11 meses, que significa leão de Deus em hebraico. Ao nascer, os pais o chamaram Wolf (lobo), mas logo avisaram que mudariam. Kylie e o rapper Travis Scott, que estão dando um tempo, também são pais de Stormi (a tempestuosa), de 5 anos. E, por aqui, o Seu Jorge não pode chamar o filho dele de Samba... ■

O FUTURO É AGORA

O sucesso do ChatGPT, um mecanismo que escreve textos para lá de decentes, ilumina um caminho: não é o caso de temer ou condenar a inteligência artificial (IA), mas de saber usá-la

ANDRÉ SOLLITTO E **GUSTAVO SILVA**

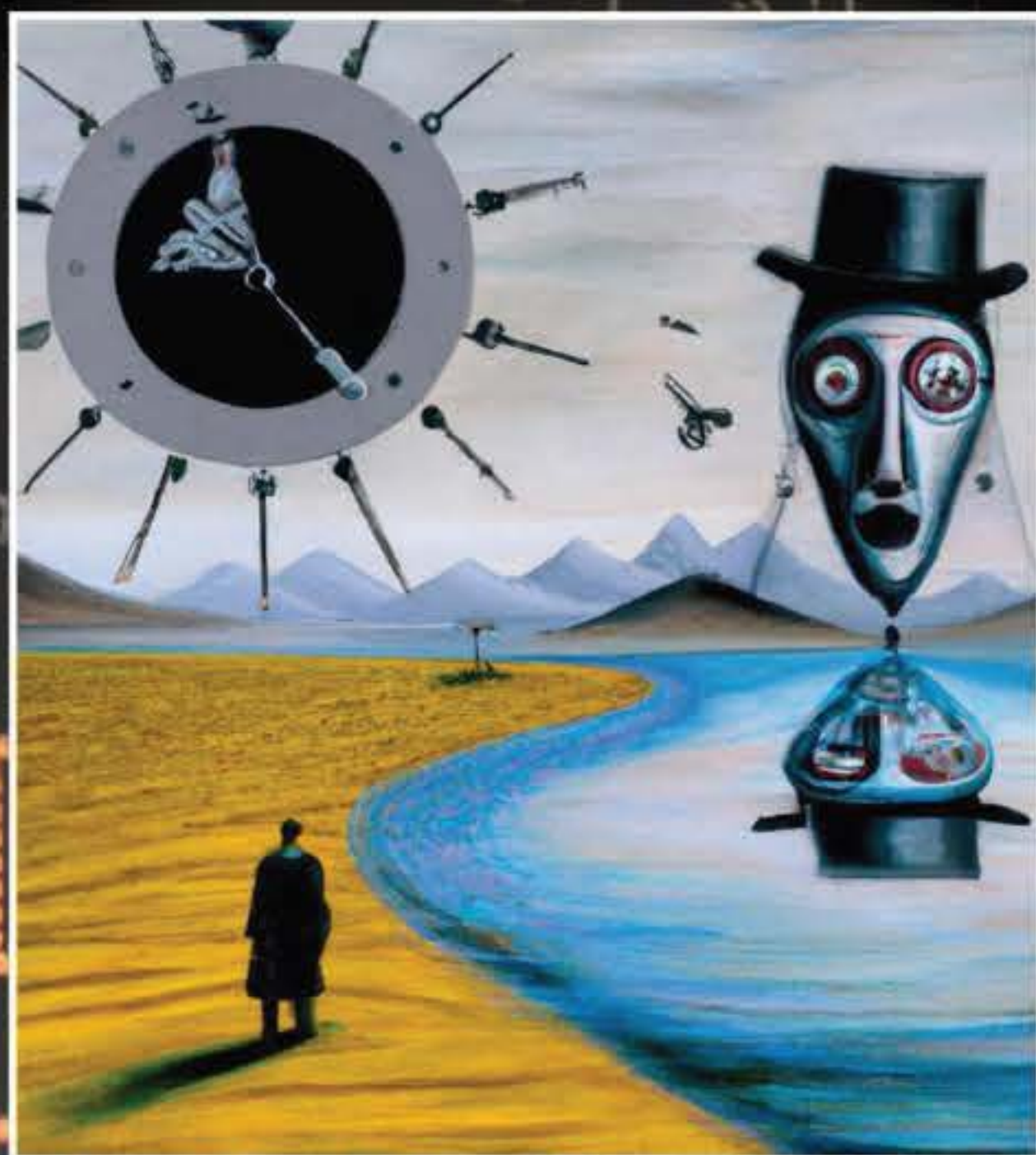
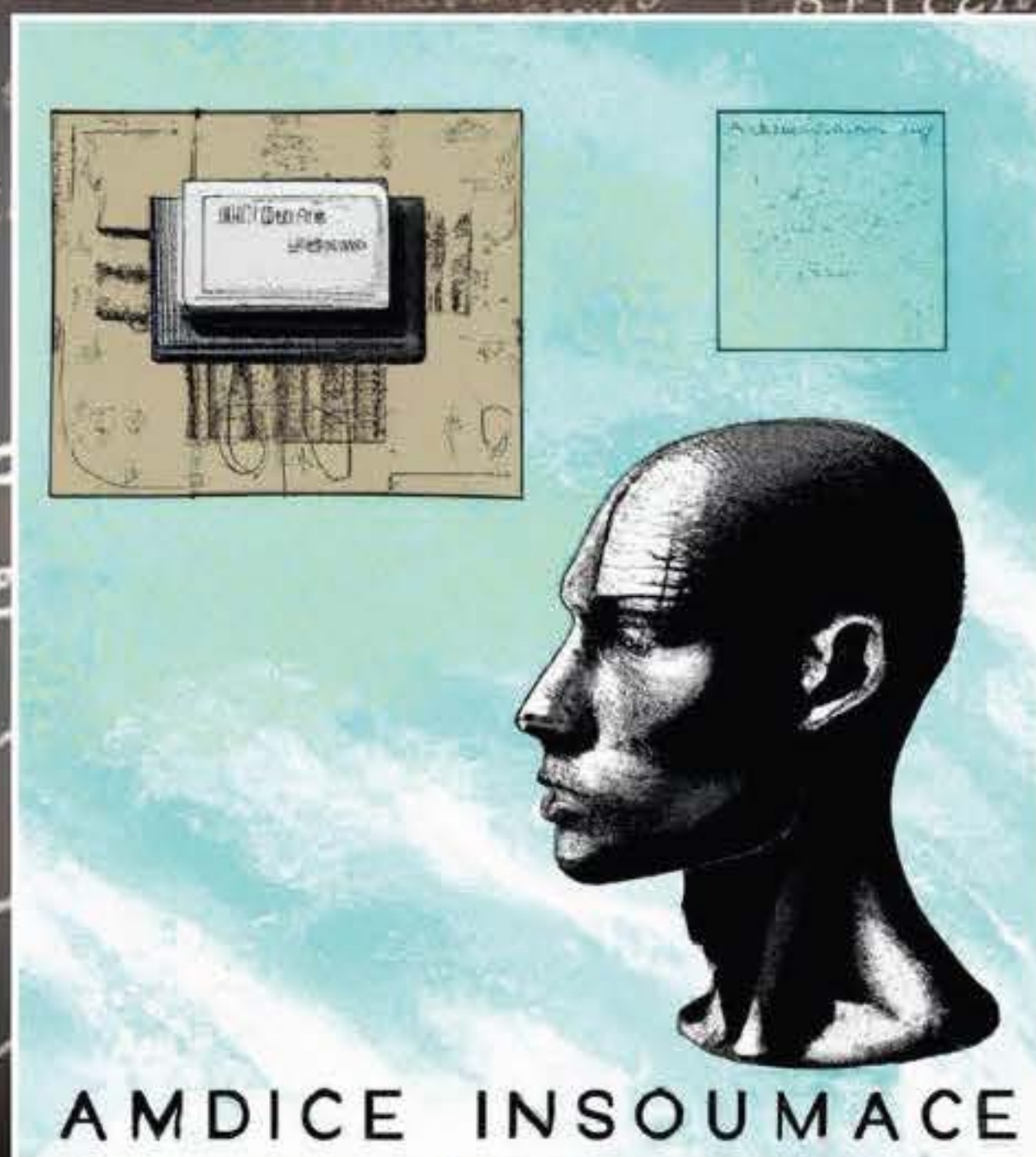
A inteligência artificial (IA) está se tornando cada vez mais presente em nossas vidas, desde aplicativos de reconhecimento facial até carros autônomos. Embora a IA possa oferecer muitos benefícios, também apresenta alguns problemas éticos. Um dos principais problemas éticos da IA é a questão da responsabilidade. Se algo der errado, quem será responsabilizado? Será o programador que criou o algoritmo? Será a empresa que o implementou? Ou será a própria IA? Essa questão ainda não foi totalmente resolvida e é algo que precisa ser considerado ao desenvolver sistemas de IA.

Outro problema é a questão da privacidade. Como os dados dos usuários são coletados, armazenados e usados por sistemas de IA? Quem tem acesso a esses dados? Como eles são protegidos? Estas são questões importantes que precisam ser consideradas ao desenvolver sistemas de IA. Além disso, a IA também pode levar a problemas relacionados à discriminação. Se os algoritmos de IA forem treinados com dados que contenham preconceitos, eles podem refletir esses preconceitos e levar a decisões injustas. Por exemplo, alguns sistemas de reconhecimento facial têm sido acusados de discriminar pessoas de cor.

Os dois parágrafos acima, em exatas 183 palavras, foram escritos a pedido de VEJA por um mecanismo de inteligência artificial, o ChatGPT, um "modelo de linguagem de grande porte" que bebe de informações na internet e aprende com o uso, enriquecendo seu vocabulário. Ao comando, em português — "escreva o início de uma reportagem sobre os problemas éticos da inteligência artificial" —, o mecanismo não demorou mais de um minuto para entregar o trabalho. Razoável, sem dúvida, com as ideias no lugar, mas repleto de lugares-comuns, expressões repetidas à exaustão e um tanto óbvio. As ilustrações ao lado também foram desenhadas por robôs, como o MidJourney e o AI Image Generator.

Somente quem esteve em Marte nos últimos dias, ou distante de um smartphone — o que parece ainda mais improvável —, não ouviu falar no ChatGPT. A ferramenta foi desenvolvida por uma companhia de São Francisco, nos Estados Unidos, a OpenAI, em 2018. Com aporte inicial de 1 bilhão de dólares de nomes como Elon Musk, agora na virada de 2022 para 2023 ganhou tração. Atrai 1 milhão de usuários por semana. Está avaliada em 29 bilhões de dólares e aguarda investimento de 10 bilhões de dólares da Microsoft. O Google, sempre preocupado com a concorrência, com algo que o tire do pedestal, declarou internamente o "código vermelho". Em paralelo ao corte recente de 12 000 funcionários, anunciou o aperfeiçoamento do sistema de busca por meio de IA e outros vinte projetos "artificiais" ao longo do ano. É como um alarme de incêndio — pode estar chegando o momento tão temido pelas empresas do Vale do Silício, o desembarque de uma mudança tecnológica que vire o negócio de cabeça para baixo.

Não demorou, é natural, para que surgissem severas dores de crescimento. O ChatGPT foi proibido em todas as escolas públicas de Nova York, dada sua capacidade de facilitar lições de casa afeitas a enganar os professores. Rapidamente, os donos da OpenAI anunciaram a confecção de uma espécie de marca-d'água eletrônica que identifique as dissertações robóticas. Em muitos outros lugares do mundo há movimento para bani-

AI IMAGE GENERATOR

PINCÉIS ELETRÔNICOS As imagens abaixo foram produzidas por robôs a partir de uma ordem: "Faça ilustrações para uma reportagem sobre IA"

lo, especialmente de entidades educacionais — embora fosse mais inteligente conviver com a inovação, em vez de levá-la ao cadafalso. Educadores mais sensatos tendem a não brigar com a tecnologia — sabem que fazer as perguntas adequadas ao sistema, colá-las de modo coerente, usando a máquina como apoio para o raciocínio, pode ter valor. Um grupo de cientistas ouvidos pela reputada revista *Nature*, porém, protesta contra uma prática insólita: o crédito ao ChatGPT como autor de artigos acadêmicos. "A atribuição de autoria acarreta responsabilidade pelo trabalho, o que não pode efetivamente ser aplicado a ferramentas como essa", diz Magdalena Skipper, editora-chefe da *Nature* em Londres. O jornal *The Washington Post* submeteu a verificadores de informações de carne e osso uma série de artigos científicos publicados pelo reputado site CNET com ajuda de IA. Havia erros graves. Uma investigação da revista *Time* revelou burrice humana na inteligência artificial: a OpenAI pagou afrontosos 2 dólares por hora a trabalhadores quenianos para alimentar rapidamente o programa e aparar as arestas.

A surpresa, como tudo o que é novo, provoca incômodo compreensível, especialmente entre artistas. O cantor e compositor australiano Nick Cave escreveu uma carta em forma de panfleto para o dono de um site que inventou de pedir ao ChatGPT refrãos no estilo de Cave. A peroração de Cave talvez seja o mais claro manifesto, um tanto mercurial, a cutucar a onda artificial (ressalve-se que não poderia ser escrito por um autômato, dada a ironia). Eis o que ele rabiscou: "Entendo que o ChatGPT esteja em seus primórdios, mas talvez esse seja o horror emergente da inteligência artificial: que permaneça para sempre nos primórdios, uma vez que sempre terá avanços a fazer, e a direção é sempre para a frente e sempre mais rápido. Ela jamais pode retroceder ou desacelerar nesse movimento rumo a um futuro utópico, talvez, ou à nossa destruição total. Quem poderá saber qual será a direção? A julgar por essa canção 'em estilo Nick Cave', a coisa não parece muito boa". Ele prossegue: "A música é um lixo. Nesse caso, o ChatGPT é uma réplica travestida. O ChatGPT pode até ser capaz de escrever um discurso, um ensaio, um sermão ou um obituário, mas não consegue criar uma canção genuína. Com o tempo, talvez possa criar uma música que, na superfície, seja indistinguível do original. Mas será sempre uma réplica, uma espécie de burlesco. As canções surgem do sofrimento, e com isso quero dizer que são baseadas no conflito humano, complexo e interno, da criação. E, bem, até onde eu sei, algoritmos não sentem. Dados não sofrem".

VEJA pediu ao ChatGPT versos como os de Caetano Veloso. O resultado é risível: "Vem meu amor, vem meu bem", repetido quarenta vezes. À guisa de Chico Buarque, o artefato também passa vergonha: "Vou me lembrar de você quando o sol se pôr / Vou me lembrar de você quando a noite chegar / Vou me lembrar de você quando o dia amanhecer / Vou me lembrar de você e meu coração se alegrar". E que tal rabiscar algo como João Cabral de Melo Neto, robô? É duro: "O homem é a me-

MEDO NAS TELAS
A menina-robô do sucesso *M3gan*, que vira má: eterno fascínio pelo tema

O TESTE DA REALIDADE

OS SETORES EM QUE A INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL JÁ É APLICADA COM SUCESSO...

DIAGNÓSTICOS MÉDICOS

Ferramentas de IA e machine learning, que definem padrões a partir de imensos volumes de dados, já auxiliam no diagnóstico de tumores e diferentes tipos de câncer

INDÚSTRIA AUTOMOTIVA

A Ford, por exemplo, já usa IA em suas linhas de montagem para encaixar peças da forma mais segura e eficiente possível – tem funcionado à perfeição e o aprimoramento é evidente

COMÉRCIO

Modelos preditivos aprendem com os hábitos de consumo individuais e sugerem itens de forma mais eficaz e certeira, ao gosto do freguês – como faz a Amazon

GEOFFREY SHORT/UNIVERSAL PICTURES

dida de todas as coisas / do infinito ao infinitesimal / do eterno ao efêmero / do sublime ao ridículo".

Como o homem é realmente a medida de todas as coisas — e ponto aqui para o ChatGPT —, é o caso de entender onde a IA funciona muito bem e onde ainda exige avanços. Não se deve tratar a inovação com olhar ludita, como se fosse o pior dos mundos, porque não é. Há imensa utilidade, que deve ser celebrada como um prêmio para a sabedoria humana. Na medicina, a avenida parece aberta. Há sistemas capazes de identificar com precisão alguns tipos de câncer. Ao analisar milhões de dados com velocidade, conseguem encontrar padrões e ajudar no diagnóstico. "E mesmo um bot razoavelmente simples como o ChatGPT pode trazer detalhes do histórico dos pacientes, ajudando a enriquecer a troca de informações sobre nomes de remédios, dosagens e terapias", diz Carlos Lopes, diretor-executivo da MEDX Tecnologia, especializada em cruzar saúde com matemática. A IA sugere compras quando navegamos pelas prateleiras virtuais de uma loja on-line e indica perfis para seguirmos nas redes sociais, muitas vezes alinhados com gostos pessoais. Robôs inteligentes também são usados em linhas de montagem para cortar custos e aumentar a eficiência *(leia no quadro abaixo)*. Contudo, e a conjunção adversativa se impõe, os nós morais se impõem, e não há como apartá-los. "O robô não tem o discernimento da verdade", diz Paulo Faltay, pesquisador do MediaLab da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). "Ele não questiona nem duvida, todo dado para ele é um número e, portanto, um fato".

Tudo somado, o bode está na sala e não há como simplesmente tirá-lo. Durante mais de setenta anos, a humanidade se debruçou no chamado teste de Turing, desenvolvido pelo matemático Alan Turing, em 1950. A ideia: medir a capacidade de uma máquina de exibir comportamento inteligente equivalente ao de um ser humano, ou indistinguível de nós, mortais.

...E AS ÁREAS EM QUE TALVEZ NUNCA VENHA A VINGAR COM EFICÁCIA

(TRADUÇÃO)

Embora seja eficiente para traduzir um punhado de frases avulsas, ainda não funciona em adaptação de obras literárias, que exigem a compreensão de metáforas e outras figuras de linguagem

(ARTES)

Muitos artistas celebram o direito legítimo de criar com o apoio de robôs – mas na música, sobretudo, o resultado soa monótono e previsível – sem emoção, incapaz de lidar com amor e dor

(DIREÇÃO AUTÔNOMA)

Era para ser a grande aposta do século XXI, mas não decolou. Os carros que dirigem sozinhos estão distantes da realidade e os motoristas humanos não devem perder seus empregos tão cedo

BERNIE NUNEZ/ALLSPORT/GETTY IMAGES

VITÓRIA DA CIVILIZAÇÃO O enxadrista Garry Kasparov enfrenta o computador Deep Blue em 1996: uma única derrota

A grande maioria dos instrumentos de IA de hoje passaria facilmente pelo exame da verdade, com sobras. É página virada. O melhor a fazer, agora, é iluminar os aspectos éticos que pavimentam o futuro — e eles são complexos. Não se trata apenas de saber se os professores devem ou não aceitar trabalhos escolares feitos roboticamente ou de acompanhar um inédito julgamento por excesso de velocidade nos Estados Unidos — nele, um réu terá o direito de ter fones de ouvidos durante uma audiência, aconselhado por uma IA da empresa DoNotPay, que analisará as acusações sugerindo defesa. O futuro, percebe-se, é muito mais amplo, com nuances e sutilezas.

Convém um olhar de admiração desconfiada, muito mais do que desapreço confiante. Um modo é seguir as novas e desenvolvidas formas de IA como fez uma geração inteira que adorou o HAL 9000 de *2001 — Uma Odisseia no Espaço*, de 1968, dirigido pelo cineasta Arthur Kubrick a partir do romance de Arthur C. Clarke. HAL 9000 era o robô que comandava as viagens da nave Discovery, de luz vermelha como um coração — uma inteligência algorítmica avançada, expressiva e emocionada, tímida, que roubou a imaginação coletiva. Houve de lá para cá extraordinários saltos e, como intuiu Clarke, "o futuro já não é como costumava ser".

Há muito barulho em torno do ChatGPT, mas ele está longe, realmente, de ser um dos programas mais sofisticados a lidar com IA. Existem estudos que usam o aprendizado de máquina (ou *machine learning*) para desenvolver métodos capazes de ajudar a combater as mudanças climáticas valendo-se de modelos preditivos. Plataformas de agricultura oferecem análises sobre como produzir alimentos de forma mais eficiente e com menor impacto ambiental a partir da análise do histórico de cada região. Os usos são variados: de segurança para impedir fraudes bancárias a dispositivos de acessibilidade que usam IA para ajudar pessoas com deficiência.

MGM

COMO NÓS MESMOS O Hal 9000 de *2001 – Uma Odisseia no Espaço*, de 1968: a beleza da máquina que pensa e sente

Os problemas começam quando a IA é usada em áreas que exigem emoções. Ou seja, aquilo que nos torna humanos. "É um tipo de inteligência diferente, que não entende a relação entre as palavras, numa barreira, até então, intransponível", diz Cezar Taurion, empreendedor que estuda tecnologia de informação. Um dia não será mais intransponível. E permanece vivo um antigo receio: o de que a criatura vá se rebelar contra seu criador. No romance *Frankenstein*, de 1818, a britânica Mary Shelley aborda a questão: após ter sucesso na construção de uma criatura artificial, Victor Frankenstein se arrepende, mas é tarde demais. A coletânea *Eu, Robô*, de Isaac Asimov, de 1950, discute as interações entre humanos e androides e a moral envolvida na construção de engrenagens capazes de pensar. Mesmo agora, décadas depois, o tema interessa. O blockbuster *M3gan* conta a história de uma boneca robótica dotada de inteligência projetada para ser babá de crianças e que se torna má ao ganhar consciência. O susto com M3gan só cabe ter diante das telas — aqui, do lado de fora, a IA deve ser tratada como companheira. Precisamos ensiná-la a pensar, e não o contrário. E não custa lembrar que numa disputa de seis partidas contra o supercomputador Deep Blue, em 1996, o enxadrista Garry Kasparov ganhou três, empatou duas e perdeu uma única. Em 1997 o desafio foi bisado, e o trambolho também só venceu uma vez. Viva a civilização que criou o computador. Nós.

Mas, enfim, cabe uma indagação: devemos temer a IA? Não necessariamente. A IA pode ser usada para ajudar a humanidade de muitas maneiras, como melhorar a saúde, a educação e a segurança. No entanto, é importante ter cuidado ao usar a tecnologia para evitar que ela seja usada de modo abusivo ou para fins maliciosos.

Em tempo: esse parágrafo anterior, de 55 palavras, nítido e correto, ainda que previsível, também foi escrito pelo ChatGPT. ■

PEDRO SALADO/QUALITY SPORT IMAGES/GETTY IMAGES

DANIEL ALVES

ANO: 2022
ACUSAÇÃO: agressão sexual
STATUS: preso preventivamente

O jogador de 39 anos foi acusado por uma mulher de 23 de tê-la agredido e estuprado no banheiro de uma casa noturna de Barcelona em 30 de dezembro de 2022. O atleta deu três versões diferentes e contraditórias antes de ser detido sem a possibilidade de fiança e teve seu contrato com o Pumas, do México, imediatamente rescindido. Ele alega que o sexo foi consensual.

CARTÃO VERMELHO

Gravíssima denúncia de estupro contra o brasileiro Daniel Alves engrossa a lista de confusões e crimes de boleiros e impõe debate sobre limites, protocolos e punições **LUIZ FELIPE CASTRO**

ASSIM COMO a maioria dos atuais pop stars da bola, Daniel Alves, 39 anos, tem o corpo coberto por tatuagens. São dezenas de traçados dos mais variados tipos e temáticas: Jesus Cristo, aros olímpicos, uma gaiola, uma rosa e até o próprio nome, imenso, cravado no peito. Como nota de ironia, foi o mais escondido dos desenhos que contribuiu para complicar a situação na qual ele próprio se instalou e que subitamente o transformou de atleta admirado no mundo todo em um homem suspeito de ter cometido estupro, um dos mais execráveis crimes perpetrados contra as mulheres.

Ele está preso na penitenciária Brians 2, na Catalunha, acusado de ter violentado uma mulher de 23 anos em uma casa noturna de Barcelona, a badalada boate Sutton. Em seu depoimento, Alves se complicou ao falar de uma discreta meia-lua tatuada entre sua cintura e a região ge-

MARCO LUZZANI/GETTY IMAGES

ROBINHO

ANO: 2013
ACUSAÇÃO: estupro coletivo
STATUS: condenado

Em 2022, foi condenado em última instância pela Justiça italiana a nove anos de prisão por participação em um estupro contra uma jovem albanesa em uma casa noturna de Milão. Ele diz que os atos foram consensuais e segue vivendo em liberdade em Santos (SP), pois o Brasil não extradita seus cidadãos.

ALESSANDRO BUZAS/FOLHAPRESS

BRUNO FERNANDES

ANO: 2010
ACUSAÇÕES: homicídio triplamente qualificado, sequestro e ocultação de cadáver
STATUS: condenado

O então goleiro do Flamengo foi condenado a vinte anos e nove meses de prisão pela participação no assassinato de Elisa Samúdio, mãe de um de seus filhos, em um dos casos mais famosos de feminicídio do país. Em 2019, ele obteve progressão de pena para regime semiaberto e desde então chegou a passar brevemente por diversos clubes pequenos do país.

MAURO PIMENTEL/AFP

NEYMAR

ANOS: 2016 e 2019
ACUSAÇÕES: assédio sexual e estupro
STATUS: casos arquivados

Uma funcionária da Nike o acusou de forçá-la a fazer sexo oral em um hotel de Nova York. O caso, de 2016, só veio à tona em 2021, quando a marca justificou o fim do contrato com o astro, pois Neymar não teria colaborado com as investigações. Em 2019, a Justiça brasileira concluiu que a modelo Nájila Trindade mentiu ao denunciar estupro em um hotel de Paris.

nital citada pela suposta vítima. O futebolista negou inicialmente ter tido relação sexual com a moça. Mas ela descreveu com detalhes a marca na pele, entre o abdome e o pênis, o que só poderia ter acontecido se o brasileiro estivesse sem roupa. Foi a primeira das mentiras e contradições.

O episódio aconteceu em 30 de dezembro de 2022. A mulher contou ter sido levada ao camarote de Alves a convite de um atendente da casa. No local, o jogador passou a cortejá-la, sem sucesso. Depois, ainda segundo o depoimento, ele pôs repetidamente a mão da moça em seu órgão e a levou para o banheiro, onde lhe deu tapas, forçou sexo oral e depois a estuprou. As câmeras de segurança comprovaram que os dois permaneceram quinze minutos no banheiro. O jogador deu três versões para o que teria acontecido. A um canal de TV, Alves, que é casado com a modelo espanhola Joana Sanz, disse desconhecer a denunciante. Já no tribunal, primeiro alegou que foi a jovem quem invadiu o banheiro onde ele estava e tentou seduzi-lo. Por fim, admitiu a relação carnal, mas garantiu se tratar de um ato "consensual". Entre as idas e vindas do relato, o atleta afirmou que estava sentado no vaso sanitário quando a moça teria se jogado sobre ele.

CRISTIANO RONALDO

ANO: 2009
ACUSAÇÃO: estupro
STATUS: caso arquivado

A modelo americana Kathryn Mayorga denunciou ter sido abusada pelo astro português em Las Vegas. Ela já havia recebido 375 000 dólares em acordo para retirar as acusações, mas cobrou nova indenização anos depois. Em 2022, a Justiça dos EUA arquivou o caso por considerar que houve má-fé e violação do processo.

AP

Em seu depoimento, no entanto, a denunciante descrevera a meia-lua. Alves, ao saber da informação, se desdisse novamente: ele teria se levantado e, por isso, a tatuagem tornara-se visível. A troca de narrativas e o risco de fuga para o Brasil motivaram a juíza Maria Concepción Canton Martín a decretar a prisão preventiva.

Entre os ídolos globais do esporte, essa é a detenção mais ruidosa desde que o pugilista americano Mike Tyson foi condenado a seis anos de prisão pelo estupro da modelo Desiree Washington, em 1992 — agora, ele enfrenta outra denúncia, feita por uma mulher que diz ter sido estuprada pelo boxeador no início dos anos 1990. O caso mais semelhante ao de Alves é o de seu amigo Robinho, condenado pela Justiça italiana por participar de um estupro coletivo. Aposentado forçadamente, com 39 anos, ele segue jogando seu futevôlei nas praias de Santos, em São Paulo, pois o Brasil não extradita seus cidadãos. Recentemente, no entanto, o ministro da Justiça, Flávio Dino, cogitou a possibilidade de Robinho cumprir sua pena no Brasil.

OLI SCARFF/AFP

RYAN GIGGS

ANO: 2020
ACUSAÇÃO: violência doméstica
STATUS: aguarda julgamento em liberdade condicional

O ex-atacante inglês foi acusado de agredir sua ex-namorada e a irmã dela com cabeçadas e cotoveladas. Ele nega. Giggs chegou a ser preso e solto posteriormente após pagar fiança. O primeiro julgamento foi inconclusivo e um novo está marcado para julho deste ano.

Um debate se impõe diante de casos inaceitáveis: o que leva boleiros consagrados a se envolver em tantas confusões e, eventualmente, em crimes? Robinho, por sinal, é reincidente. Em 2009, estampou uma capa de VEJA com o questionamento: "Por que eles não crescem?". A reportagem foi motivada por uma denúncia de agressão sexual contra o ex-jogador feita por uma inglesa que acabou engavetada. Na verdade, há um denominador comum entre as histórias. Em geral, os envolvidos são jovens de origem humilde, com pouca instrução e que, de uma hora para a outra, passam a ganhar fortunas. As circunstâncias criam um mundo ilusório feito de facilidades, tentações e uma sensação despropositada de poder.

KARIM BENZEMA

ANO: 2010
ACUSAÇÃO: prostituição de menor
STATUS: caso arquivado

O astro francês do Real Madrid e seu então colega de seleção Franck Ribéry foram acusados de solicitar os serviços de Zahia Dehar, uma garota de programa que à época tinha apenas 16 anos. Benzema negou ter tido relações sexuais, enquanto Ribéry alegou que não sabia que a jovem era menor de idade. Ambos acabaram absolvidos.

FRANCK FIFE/AFP

É o ambiente perfeito para comportamentos desprovidos de freios éticos alimentados por narcisismo. Apropriar-se do corpo de uma mulher, nesse raciocínio perverso, passa a ser um direito. "A lógica da violência contra a mulher está muito pautada na objetificação do corpo feminino e na dominação", diz Mayra Cardozo, advogada especialista em violência de gênero. "Quanto mais fama e dinheiro, o limite do que pode ou não pode tende a ser mais banalizado." No futebol, contam ainda a força do machismo e da misoginia, ainda muito presentes. Criminosos que habitam esse universo tendem a achar, também, que estão acima da lei. "Muitas vezes, pessoas abusam de seu poder econômico, cargo e posição social como se isso fosse um obstáculo à aplicação da lei", diz Gabriela Manssur, advogada e ex-promotora de Justiça. No caso de Alves, houve um fator decisivo para a tomada de medidas. A boate em questão cumpriu à risca o protocolo de atuação em denúncias do tipo. Ou seja, prontamente avisou as autoridades responsáveis e facilitou o acesso a filmagens e testemunhas. A vítima foi imediatamente levada a um hospital de referência, onde foi produzido um laudo médico constatando lesões compatíveis com a denúncia, além de restos de líquido seminal. A câmera acoplada ao uniforme do primeiro policial a atendê-la ainda ajudou a provar a consistência de seu discurso.

A Espanha é um dos países mais avançados no combate à violência sexual. No ano passado, passou a vigorar por lá uma lei, chamada popularmente de "Só sim é sim", com novas definições sobre o que configura a permissão da mulher. O trecho principal da legislação afirma que "só se entenderá que há consentimento quando este tiver sido livremente expresso por meio de atos que, diante das circunstâncias do caso, expressem claramente a vontade da pessoa". Ou seja, uma agressão sexual não implica necessariamente uso da força ou resistência da vítima, pois sua passividade pode ser condicionada por intimidação ou ingestão de álcool e drogas. A mudança é um divisor de águas. "Ela regulamenta um paradigma que pode servir de inspiração para muitos países", diz o advogado Alamiro Velludo Salvador Netto, da Universidade de São Paulo. Nesta semana, Alves contratou outro defensor, o renomado Cristóbal Martell, que já defendeu Lionel Messi e o Barcelona em casos de natureza tributária. Até a quarta-feira 25, ele preparava um recurso pedindo que o atleta respondesse em liberdade. Se condenado, o jogador pode pegar até doze anos de prisão. Mais do que isso, pode atestar a chegada de um tempo em que, definitivamente, numa relação, não é não e só sim é sim. ■

SIPA PRESS

DE NOVO Tyson preso, em 1992, por estupro: trinta anos depois, há outra denúncia de agressão contra ele

PETER DAZELEY/THE IMAGE BANK/GETTY IMAGES

EU SOU MAIS EU

Cada vez mais mulheres optam por não adotar o sobrenome do marido, ou ambos usarem dois sobrenomes, um avanço recente nas polêmicas questões de gênero **DUDA MONTEIRO DE BARROS**

CERIMÔNIA com convidados, vestido de noiva branco e assinatura de um contrato oficializando o status da relação são costumes relacionados ao casamento que remontam à Grécia de milênios atrás. Vem da mesma época a tradição de a mulher adotar o sobrenome do marido — até porque elas não eram pessoas "completas" e precisavam estar atreladas a um pai ou marido para ser reconhecidas diante do Estado. Com o tempo, a mudança de nome ganhou contornos mais palatáveis, passando a ser vista como uma manifestação de amor, sempre da esposa para o parceiro, sem vice-versa. A ascensão dos ideais feministas e do sentimento de poder entre a parcela feminina da população, no entanto, está mudando esse estado de coisas: levantamento recente da Associação dos Registradores de Pessoas Naturais (Arpen-Brasil) aponta uma queda de 24% no total de casadas que adotaram o sobrenome do cônjuge, sendo que nos contratos assinados hoje em dia mais da metade opta por manter o nome de batismo.

A liberdade para escolher o nome após o casamento é uma conquista recente no Brasil. Até 1977, quando a Lei do Divórcio foi implementada, a mulher era obrigada a adotar o sobrenome do marido e, em caso de separação — o malfadado desquite —, cabia ao homem autorizar a parceira a retirar o nome dele, a não ser que ela fosse considerada "culpada" pelo fim da união, quando a remoção era automática. A Constituição de 1988 também garantiu a igualdade de gênero em todos os escaninhos da sociedade, inclusive da vida familiar,

PODEROSA Quebrando tradições: ao manter o sobrenome, as mulheres rompem com um costume milenar

ACERVO PESSOAL

PARCERIA TOTAL

A advogada **Carolina Reikdal Conway,** 44 anos, fez um combinado incomum com o marido, Alfredo Conway Reikdal: acrescentar o sobrenome um do outro aos nomes de registro. "Queríamos criar uma identidade para a nova família, mas sem abrir mão da individualidade de cada um", explica

mas a questão permaneceu sem regulamentação por um bom tempo, porque o Código Civil em vigor, de 1916, ainda colocava os homens em posição de superioridade diante das parceiras.

Só em 2002 um novo Código foi redigido e incluiu o conceito de que homens e mulheres são livres para escolher que sobrenome usarão depois da união. "Até então, as leis refletiam os valores patriarcais do passado. Entendia-se que, ao se casar, a mulher deixava de ser propriedade do pai e passava a pertencer ao marido", explica a advogada especialista em gênero Mariana Regis. No ano passado, elas puderam cantar mais uma vitória: deixou de ser necessário entrar com um processo judicial para retirar o sobrenome do companheiro após o divórcio. Agora o procedimento é feito em um cartório, sem grande burocracia.

O movimento que põe em xeque a aparentemente inofensiva tradição de a noiva adotar o sobrenome do noivo ganhou força com a intensificação dos debates sobre pautas sociais. Em seu primeiro casamento, em 1994, a defensora pública carioca Adriana Gameiro, 53 anos, se recusou a mudar o sobrenome, mesmo enfrentando resistência do então marido. "Meu nome é uma parte de mim da qual eu nunca me dispus a abrir mão por causa de um romance", enfatiza Adriana, que está no segundo matrimônio e continua Gameiro, como quando nasceu. "A mulher não aceita mais ser figurante, a esposa de fulano. Ela busca um espaço de protagonismo na sociedade", diz a socióloga Marcela Castro.

Há também casais que, em vez de expurgar completamente o costume, resolveram adaptá-lo à modernidade. A advogada Carolina Reikdal Conway, 44 anos, conta que, quando decidiram se casar, ela e o parceiro resolveram incorporar o sobrenome um do outro nos documentos. "Entendemos que estávamos formando uma família e era importante criar uma nova identidade. Mas o cartório não está acostumado com esse tipo de dinâmica e tivemos dificuldades no processo", relata. Segundo os dados da Arpen-Brasil, apenas 7% dos cônjuges decidem fazer a troca mútua de nomes — e essa é uma porcentagem dez vezes maior do que a de homens que adotam unilateralmente o sobrenome da mulher. Para a historiadora Mary Del Priore, apesar dos progressos, ainda existe desigualdade nas questões de gênero. "Mantemos a herança de dar aos filhos só o sobrenome paterno, por exemplo, apagando a linhagem materna da família", ressalta. À primeira vista, um nome parece mero detalhe. No entanto, ele é capaz, por si só, de marcar uma posição e expressar um avanço da sociedade. ■

Com reportagem de Mafe Firpo

LUKASZ LARSSON WARZECHA/GETTY IMAGES

IMENSIDÃO AMEAÇADA

Cientistas descobrem que o aquecimento global acelerou o degelo da camada externa da Groenlândia, fenômeno que apresenta mais um risco ao planeta **ALESSANDRO GIANNINI**

PAÍS AUTÔNOMO dentro do Reino da Dinamarca, a Groenlândia é a maior ilha do planeta, localizada entre os oceanos Ártico e Atlântico. Com uma massa terrestre equivalente ao tamanho dos estados de São Paulo, Goiás, Tocantins e Pará somados, tem uma cobertura de gelo que ocupa quase 80% dessa área. É a segunda maior camada de água congelada do mundo depois da Antártica, com até 3 quilômetros de espessura em alguns lugares. Contém líquido suficiente para aumentar o nível do mar em até 7 metros, se derretesse de uma hora para outra, causando uma sequência de tragédias que inclui o deslocamento de milhões de pessoas em áreas costeiras e eliminação de fonte hídrica para muitos países próximos. Com as inegáveis mudanças climáticas em curso, esse cenário não parece mais tão hipotético, segundo um grupo de cientistas europeus.

Em um estudo publicado recentemente na revista científica *Nature*, os pesquisadores descobriram que os efeitos do aquecimento global atingiram áreas remotas e de alta altitude do centro-norte da Groenlândia. O grupo perfurou a camada externa na região e extraiu cilindros de gelo que permitiram uma reconstrução mais fiel possível das temperaturas médias do ano 1000 até 2011. Os dados foram obtidos medindo as concentrações de isótopos de oxigênio dentro das amostras, que variam em razão das temperaturas predominantes nos momentos de sua formação. A partir do levantamento, eles verificaram que, entre 2001 e 2011, o clima do manto branco foi 1,5 grau maior do que a média do século XX, tornando o período o mais quente do último milênio. "Apesar de termos essa expectativa, à luz do aquecimento global, ficamos surpresos com a diferença", afirma Maria Hörhold, glaciologista do Instituto Alfred Wegener de Pesquisa Polar e Marinha, na Alemanha, e principal autora da pesquisa.

Acredita-se que a camada de gelo da Groenlândia tenha se formado durante a última Era Glacial, há mais de 2 milhões de anos. Os cientistas entendem, depois de muito vasculhar, que as exageradas temperaturas contemporâneas são o resultado de uma combinação de efeitos naturais com

MARCAS ABERTAS Rios de águas: surgimento resulta da elevação da temperatura

HORIZONTE BRANCO

Quase 80% da massa terrestre da Groenlândia é coberta por uma camada de gelo que se expande por uma área de mais de **1,7 milhão de quilômetros quadrados**

EXAME Cilindro de gelo sob análise: pistas do clima de mais de 1000 anos atrás

os danos provocados a partir do século XVIII em razão da atividade humana. O fenômeno causou um degelo na região centro-norte e pode aumentar à medida que a camada externa vai se perdendo, numa taxa que, em 2100, pode levar ao aumento de 50 centímetros no nível do mar.

Para estabelecer nexo entre as temperaturas nas partes altas da Groenlândia e o derretimento ao longo da costa, os autores usaram um modelo matemático do clima dos anos 1871 a 2011 e observações de satélite dos anos 2002 até 2021. O conjunto de informações colhidas, segundo os pesquisadores, representa um extraordinário salto para o estudo climático de uma região do mundo que sempre foi muito enigmática e que somente agora, felizmente, começa a entregar seus segredos. "A melhor compreensão da dinâmica do derretimento da camada de gelo é um passo para ajudar a otimizar as medidas de adaptação", escreveram os autores do seminal trabalho.

Além de identificar as variações de temperatura na Groenlândia e suas consequências, o estudo mostrou que o clima da camada de gelo não tem relação com o restante do Ártico, o que pode ser considerado uma boa notícia. O degelo da Groenlândia pode não se espalhar pela vizinhança. Os pesquisadores chegaram a essa conclusão comparando as medições com a reconstrução climática do Polo Norte nos últimos 2000 anos. Fizeram isso a partir de um modelo chamado Arctic 2k. "A evolução da temperatura no centro da Groenlândia tem uma dinâmica própria", diz Thomas Laepple, pesquisador climático do Instituto Alfred Wegener, um dos coautores do levantamento. A explicação pelo andamento diferente do fenômeno de derretimento: devido à sua proximidade do polo, a ilha é mais afetada pelos padrões de circulação atmosférica do que outras partes do Ártico. Convém preservar essa imensidão e suas condições climáticas, para o bem da humanidade e do planeta — os efeitos do derretimento do manto de gelo glacial da Groenlândia vão muito além das dificuldades que podem se impor para seus 57000 habitantes. É preciso se preocupar com aquele pedaço do planeta como nos preocupamos com a Amazônia. ■

SEGUNDA CHANCE

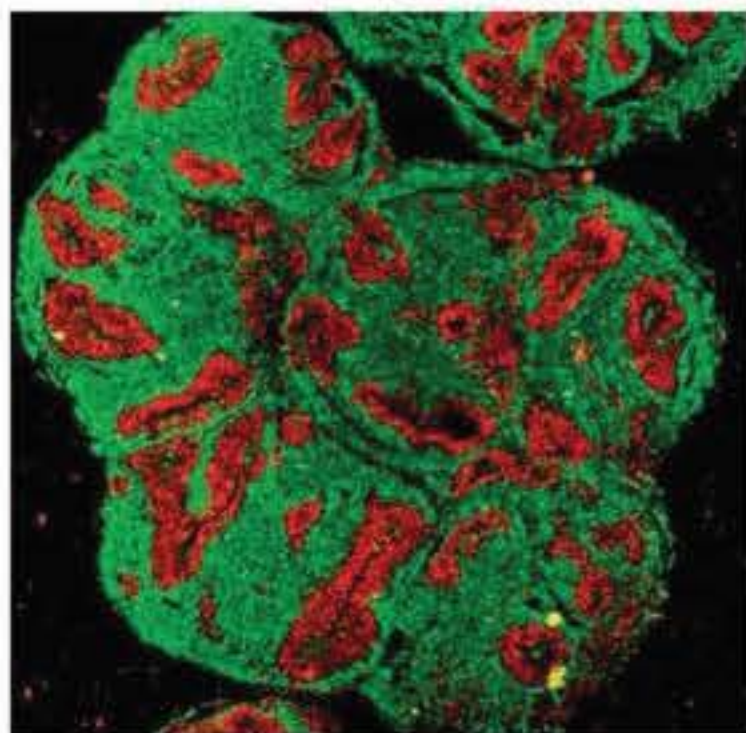
Um magnífico trabalho de pesquisadores internacionais quer tirar do risco de extinção o rinoceronte-de-sumatra, a menor e mais antiga espécie do animal asiático **ALESSANDRO GIANNINI**

O RINOCERONTE-de-sumatra já foi encontrado em grande número no leste e sudeste da Ásia, mas hoje apenas algumas dezenas de animais vagam pelas florestas tropicais da ilha e na parte indonésia de Bornéu. Conservacionistas afirmam que, das cinco espécies ainda existentes do segundo maior mamífero terrestre, esta é uma das mais ameaçadas — restam apenas cerca de oitenta no mundo — em razão da caça e da destruição de seu hábitat. Para reverter essa situação, o governo da Indonésia e especialistas de organizações independentes tentam, desde os anos 1980, reunir as populações selvagens restantes, dispersas e fragmentadas, em instalações de reprodução assistida. No entanto, os resultados, até agora, são de pouca monta. Outra iniciativa, com melhores perspectivas, busca soluções científicas para superar a atual dificuldade de acasalar machos e fêmeas.

Um dos caminhos envolve o uso de amostras de pele do último rinoceronte-de-sumatra macho da Malásia, conhecido como Kertam, que morreu em maio de 2019. A partir delas, um grupo internacional de cientistas cultivou células, com o pomposo nome de células-tronco pluripotentes induzidas (iPSCs), capazes de se dividir

BEN JASTRAM/LEIBNIZ-IZW

NA SELVA Kertam em Bornéu: células epiteliais do último exemplar macho da Malásia foram preservadas

SILKE FRAHM-BARSKE/MAX DELBRÜCK CENTER

ORIGEM Minicérebros: úteis para conhecer a evolução da espécie

RINOCERONTE-DE-SUMATRA

Espécie ameaçada de extinção

População: cerca de oitenta

Nome científico: *Dicerorhinus sumatrensis*

Altura: cerca de 1 a 1,5 metro

Peso: 600 a 950 quilos

Comprimento: 2 a 4 metros

Hábitat: Acredita-se que a espécie só sobrevive nas ilhas indonésias de Sumatra e Bornéu

São os menores rinocerontes vivos e o único rinoceronte asiático com dois chifres

Apenas duas fêmeas em cativeiro se reproduziram nos últimos quinze anos

Kertam era o último rinoceronte-de-sumatra malaio, morto em 2019

Fonte: *WWF*

infinitamente (sem morrer) e também de se transformar em qualquer tipo de corpúsculo do organismo. Trabalha-se também com um outro recurso, o de organoides da espécie. Conhecidos como minicérebros e fabricados com essas mesmas células versáteis, ajudam a conhecer a evolução do cérebro em mamíferos e podem desvendar a história pregressa da família dos rinocerontes.

A ideia do grupo, de acordo com celebrado artigo publicado na revista *iScience*, é usar as células-tronco cultivadas também para criar óvulos e espermatozoides, em fenomenal salto de conhecimento. O plano é utilizar os gametas em processos de fertilização em laboratório. O embrião resultante seria inserido em uma fêmea substituta, iniciando uma nova cadeia reprodutiva desses animais. A obtenção das células reprodutivas é vital para isso. "Como a qualidade do sêmen de rinocerontes-de-sumatra é ruim logo após a coleta e ainda pior após a preservação em gelo e descongelamento, os espermatozoides gerados *in vitro* oferecem uma ótima alternativa para a reprodução assistida", diz Vera Zywitza, cientista do Centro Max Delbrück, na Alemanha, e principal autora do estudo.

Há, contudo, muitos obstáculos pela frente, a começar pela dificuldade em encontrar a fêmea para gestar. "As fêmeas que não engravidam há muito tempo geralmente se tornam inférteis ou podem ser velhas para gerar filhotes de forma natural", diz Zywitza. Um passo para tornar ao menos essa última tarefa menos complexa já foi dado. Especialista em reprodução do Instituto Leibniz de Pesquisa em Zoológicos e Vida Selvagem e coautor da pesquisa, Thomas Hildebrandt explica que o governo da Indonésia reuniu parte dos indivíduos restantes em reservas de vida selvagem, o que facilitará a identificação das fêmeas aptas a participar do processo.

Os produtos obtidos a partir da pele de Kertam servem ainda a outro propósito: obter informações sobre a evolução do desenvolvimento de órgãos. Por isso, Silke Frahm-Barske, outra participante da pesquisa, cultivou os chamados organoides cerebrais ou minicérebros. "Até onde sabemos, eles só haviam sido obtidos de camundongos, humanos e primatas não humanos até agora", disse.

As tentativas de preservar o rinoceronte-de-sumatra, a menor e mais antiga espécie viva de rinoceronte, são louváveis, claro. Mas eles sabem que outras frentes precisam avançar. "Embora nosso trabalho esteja tentando tornar possível o que é aparentemente impossível — garantir a sobrevivência de animais que provavelmente desapareceriam do planeta —, isso deve permanecer uma exceção, e não regra", enfatiza Zywitza. "O que fazemos pode, na melhor das hipóteses, dar uma pequena contribuição para salvar esses animais da extinção." Trata-se, portanto, de proteger e conservar os poucos hábitats remanescentes desses belos mamíferos. É o mínimo que se pode fazer por eles, pelo bem da biodiversidade do planeta — em nome também da humanidade. ■

MANDARIN ORIENTAL

DIAGNÓSTICO Hotel Mandarin Oriental, em Genebra: programa de três dias, ao custo de 19000 reais, detecta distúrbios noturnos

PAGAR PARA DORMIR

Em um mundo com bilhões de insones, cresce o número de hotéis onde o objetivo principal dos hóspedes é reaprender a ter uma boa e merecida noite de sono **DIEGO ALEJANDRO**

"UM CONCEITO de estilo de vida projetado para promover o descanso, a saúde positiva e o bem-estar." É assim que o Zedwell, um hotel londrino, define sua estadia. As portas, paredes e pisos do quarto têm isolamento acústico, o ar é purificado, não há TV, os cartões eletrônicos de acesso não emitem sinal sonoro e a iluminação é suave. Os elementos são um pouco peculiares, mas não únicos do estabelecimento inglês. Eles são a base de um novo tipo de turismo que se expande neste mundo que aos poucos sai de uma pandemia sedento por usufruir novamente de um dos maio-

FRANCISCO RIVOTTI PHOTOGRAPHY/HÄSTENS SLEEP SPA

FEITO A MÃO Quarto do Hästens Sleep Spa, de Coimbra: leito fabricado por artesãos

PARK HYATT NEW YORK

PARK HYATT NEW YORK

AROMAS E TECNOLOGIA Cama restauradora e óleos de banho: receita do Sleep Suite do Park Hyatt, de Nova York

res prazeres — e necessidade — da vida: dormir. Em lugares como o Zedwell, paga-se para reaprender a desfrutar das delícias do sono.

Parece estranho pensar em reservar um hotel com a finalidade de nele cair nos braços de Morfeu. No entanto, quando se sabe que bilhões de pessoas lutam todas as noites para descansar ao menos algumas horas, a proposta faz sentido. No Brasil, são pelo menos 73 milhões de insones, segundo a Associação Brasileira do Sono, padecendo das consequências de não pregar os olhos adequadamente: alteração de humor, baixa na capacidade cognitiva, pouca disposição física e maior risco a doenças graves, como obesidade e diabetes.

A emergência de um turismo do sono, portanto, não soa assim tão despropositada. E o nicho vai muito bem, obrigado. A maioria dos hotéis abriu depois de 2020, como o inglês Zedwell e o Hästens Sleep Spa, inaugurado em Coimbra, Portugal. Com quinze quartos e pacotes a partir de 3 000 reais a diária, o local pertence à marca homônima de camas listadas entre as melhores do mundo. Elas são feitas por artesãos que usam métodos tradicionais e materiais naturais desde 1852, com cada móvel levando mais de 300 horas para ser produzido. O processo gera "condições perfeitas para que o corpo relaxe ergonomicamente apoiado e sem pontos de pressão", garante a fabricante.

ASSAF PINCHUK/SIX SENSES HOTELS

RELAX Six Senses, em Ibiza: sessões na praia ao pôr do sol e exames médicos

O foco dado à cama é esperado. Os hóspedes que reservam a Sleep Suite do Park Hyatt, em Nova York, pagam a partir de 4 000 reais de diária para aproveitar principalmente a *restorative bed* (cama restauradora, em tradução livre do inglês), invenção da empresa Bryte, que usa inteligência artificial para acomodar o corpo do hóspede com perfeição. Outros resorts levaram o turismo do sono a um patamar acima. Em Ibiza, na Espanha, o Six Senses possui estadias com direito a exames e consultas de saúde e monitoramento do sono, além de sessões de relaxamento na praia. O Hotel Mandarin Oriental, em Genebra, uniu-se ao Cenas, clínica privada suíça, para criar um programa de três dias — e 19 000 reais — que inclui diagnóstico de distúrbios do sono. Estadias em lugares assim, contudo, não devem ser encaradas como a redenção da insônia. "O sono perdido não é recuperado em poucos dias de hospedagem", afirma a neurologista Marcia Assis, vice-presidente da Associação Brasileira do Sono. Por outro lado, a experiência gera informações valiosas. "A vivência pode ensinar novos hábitos a ser levados para a rotina diária", avalia a especialista. Na bagagem de volta, portanto, em vez de objetos locais estará a matéria-prima para o merecido, sagrado e saudável descanso. ■

CHAPADA, MAS SEM EXAGERO

Este verão marca a volta do interesse em exibir a chamada barriga negativa. Porém, atenção: nada de deixar à mostra os ossos dos quadris e costelas **PAULA FELIX**

INSPIRE, EXPIRE, prenda o ar, faça o "vacuum" e solte a barriga sem estufá-la. As instruções, fundamentos da febre da chamada barriga negativa, quando há cerca de dez anos celebridades e modelos exibiam o abdome chapado, estão de volta neste verão. A proposta da técnica, batizada de Low Pressure Fitness (LPF), é eliminar medidas da cintura com ritmados exercícios respiratórios, sem exigir do praticante esforços gigantescos. Nessa estação, no entanto, o objetivo não é mais alcançar aquele ventre tão para dentro que fazia saltar aos olhos os ossos do quadril e das costelas, como se viu durante a primeira onda. A meta está mais sintonizada com os tempos atuais, nos quais beleza de verdade é a mais natural possível. Isso significa que a silhueta pode ficar lisinha, mas não precisa de tanto exagero.

O LPF, conhecido como abdominal hipopressivo, tem sua origem relacionada com a união de diferentes práticas e surgiu na década de 80. Da ioga, há a inspiração com foco no diafragma, trabalhado por meio do travamento desse músculo tão importante para a respiração. O vacuum, com seu movimento de recolhimento abdominal, não deixa de ser uma versão do Uddiyana bandha, um dos movimentos mais conhecidos da prática oriental. Da fisioterapia veio a contribuição dos exercícios de postura.

Ele ficou famoso no início dos anos 2010, quando a modelo sul-africana Candice Swanepoel, então Angel da Victoria Secrets, surgiu sem um grama de gordura na barriga e creditou à técnica a forma espantosa. À época, houve uma profusão de conteúdo sobre como conquistar a "barriga negativa" e, em meio às dietas e exercícios, lá estava o método que ganhou a mesma alcunha. Nos últimos anos, ao mesmo tempo que ganhava adeptos, multiplicaram-se as investigações científicas sobre suas limitações e benefícios. Por enquanto, a conta está positiva. Diversos estudos demonstram eficácia inclusive em relação a questões não meramente estéticas. Em 2021, o *International Journal of Environmental Research and Public Health* publicou uma pesquisa com 125 mulheres de 18 a 60 anos que fizeram duas sessões de treinamento de trinta minutos por semana durante dois meses. A conclusão foi a de que o treino melhora a postura e a musculatura do tronco. No mesmo ano, pesquisadores da Universidade de Vigo, na Espanha, verificaram que os exercícios estabilizam a musculatura mais profunda do abdome e reduzem o inchaço na região, o que ajuda a explicar a perda de centímetros de circunferência abdominal após três meses de prática consistente. "Eles funcionam como se fossem uma cinta, só que natural", explica Carol Lemes, especialista na aplicação do LPF.

Para as puérperas, outro público adepto, as evidências também são animadoras. No pós-parto, algumas mulheres experimentam o afasta-

ISTOCK/GETTY IMAGES

NA MEDIDA
Abdome sem gordura: exercícios respiratórios reduzem centímetros de cintura

O SEGREDO ESTÁ NA RESPIRAÇÃO

Práticas diárias de cinco minutos dos exercícios abaixo ajudam a chegar ao efeito desejado

1. MASSAGEIE A REGIÃO DO ARCO DAS COSTELAS APENAS COM OS DEDOS PARA DEIXAR O DIAFRAGMA MAIS FLEXÍVEL
2. EM PÉ, AFASTE OS PÉS A UMA DISTÂNCIA DE UM PALMO, MANTENHA A CABEÇA RETA E OS QUADRIS ENCAIXADOS
3. INSPIRE PELO NARIZ E EXPIRE PELA BOCA PARA FAZER UM AQUECIMENTO
4. VOLTE A MASSAGEAR AS COSTELAS, INSPIRANDO EM DOIS SEGUNDOS E SOLTANDO EM QUATRO
5. REPITA TRÊS OU QUATRO VEZES
6. APÓS A PRÓXIMA EXPIRAÇÃO, SEGURE O AR E FAÇA UMA SUCÇÃO COM A BARRIGA
7. SAIA DA SUCÇÃO SOLTANDO O AR SEM ESTUFAR A BARRIGA
8. A TÉCNICA TAMBÉM PODE SER FEITA DEITADA OU SENTADA
9. UMA VEZ POR SEMANA, É POSSÍVEL FAZER O TREINO POR VINTE MINUTOS

Para qualquer tipo de treino, tenha o acompanhamento de um profissional

mento dos músculos abdominais, a diástase. Isso leva a desconfortos e ao enfraquecimento do assoalho pélvico, podendo resultar em escapes de urina. Em 2020, um estudo da Universidade Camilo José Cela, em Madri, demonstrou que dois meses do exercício foram suficientes para reduzir os episódios de incontinência urinária em mulheres com a condição. Foi depois da segunda gravidez que a educadora física Verônica Motta resolveu se aprofundar no treino para tentar reverter a diástase. Deu tudo tão certo que ela se tornou uma especialista. “Combinado a outras atividades físicas e boa alimentação, é um ótimo recurso”, diz. Ressalve-se: desde que não seja visto como instrumento para uma beleza inatingível. ■

MODELITO WANDINHA

Estilo gótico da nova versão da famosa filha de Morticia Addams monopoliza o mundo fashion. Mesmo sendo verão, a ordem é usar preto **SIMONE BLANES**

QUANDO o preto invadiu as passarelas internacionais da temporada verão 2023 em Nova York, Londres, Milão e Paris, em setembro do ano passado, houve algum estranhamento. A cor não costuma aparecer durante os meses mais quentes do ano, mas, nos desfiles, surgiu onipresente nas coleções de grifes como Dior, Balenciaga, Schiaparelli e Versace. Não demorou para que estrelas como Rihanna, Madonna e Selena Gomez exibissem modelitos no melhor estilo "bruxas modernas" nos tapetes vermelhos e nas redes sociais.

A consagração da tonalidade para a estação veio com o sucesso do visual de Wandinha, personagem central da série da Netflix, dirigida por Tim Burton, sucesso imediato desde a estreia, em novembro de 2022. O estilo meio gótico da protagonista encarnado com perfeição pela atriz Jenna Ortega caiu no gosto popular e as hashtags associadas ao nome da personagem (Wednesday, em inglês, Wandinha, em português) explodiram: ultrapassam 29 bilhões de visualizações no TikTok e batem recordes sucessivos em sites de pesquisa como o Pinterest, que nos últimos três meses registrou um aumento de mais de cinquenta vezes para a busca "roupa de Wandinha Addams".

A versão atual de Wandinha, a famosa filha de Morticia Addams, é reverenciada pela turma da moda. Assinado por Colleen Atwood, o figurino vai do minivestido preto de mangas compridas com gola branca pontiaguda, característico da personagem cria-

STEPHANE CARDINALE/CORBIS/GETTY IMAGES

NETFLIX

ÍCONE Jenna Ortega: a artista aderiu à moda promovida pela bruxinha de Tim Burton

BRUNA LUCENA/GLORIA COELHO

da em 1938 pelo cartunista Charles Addams, até o longo de chiffon Alaïa usado por ela no baile da escola. "Nenhum detalhe é irrelevante", diz Atwood. "Tudo no look de Wandinha é intencional."

Jenna, a atriz, abraçou na vida real o jeito gótico de Wandinha. Na terça-feira 17, em Paris, ela surgiu com um pretinho nada básico desenhado por Anthony Vaccarello, diretor da Saint Laurent, no desfile masculino da grife. No Brasil, a moda aparece adaptada ao clima tropical. As produções priorizam a pele em evidência por meio de fendas, rendas e transparências e conquistaram fãs como Bruna Marquezine e Maria Fernanda Candido, que, aliás, desfilou em São Paulo para a estilista Gloria Coelho em uma coleção com peças pretas de estilo urbano. "Wandinha é uma inspiração", afirma Gloria. Mesmo com as altas temperaturas, as bruxinhas estão soltas, quer você acredite ou desdenhe delas. ■

INSTAGRAM @BRUNAMARQUEZINE CHRISTIAN DIOR

ONIPRESENTE Maria Fernanda *(à esq.)*, Bruna e modelo da Dior: cor dominante nas passarelas

CULINÁRIA PARA GRANDES CAUSAS

Chefs se unem no Irã pelos direitos humanos

"WOMAN, LIFE, FREEDOM!", *"Woman, Life, Freedom!"*. Escutei esse coro em uma passeata em Nova York, nas proximidades do arranha-céu One Vanderbilt, onde manifestantes tremulavam bandeiras do Irã. Com o frio do inverno americano, todo mundo estava agasalhado. Mas nenhuma mulher ali usava o véu islâmico. O ato que testemunhei em pleno coração de Manhattan, a quase 10 000 quilômetros de Teerã, capital iraniana, cobrava vida e liberdade para as mulheres de um dos principais países do Oriente Médio.

Era uma resposta à morte da iraniana Mahsa Amini, em setembro de 2022, que sucumbiu depois de ser detida e ficar sob custódia da chamada "polícia moral" daquele país por não vestir corretamente o hijab, o véu muçulmano que cobre a cabeça das mulheres. A jovem de apenas 22 anos não estaria, na avaliação dos seus algozes, escondendo adequadamente os cabelos. Em resposta a esse ato, uma onda de indignação e solidariedade se espalhou por todo o mundo.

Essa corrente inspirou diversos formatos de protesto. No movimento #HairForFreedom (cabelo pela liberdade), atrizes francesas gravaram vídeos cortando mechas de seus cabelos, ação repetida por mulheres de vários países, inclusive brasileiras. Personalidades do mundo inteiro também cantaram canções na língua persa. Mas o que mais me chamou a atenção foi o movimento #CookForIran (cozinhar pelo Irã), que envolveu chefs de origem iraniana para estimular pessoas do mundo todo a conhecer a realidade do país por meio de sua comida. A atividade segue a ideia do #CookForSyria e do #CookForUkraine, de promover receitas e visitas a restaurantes típicos como forma de engajamento em causas humanitárias.

"Quando as notícias se repetem, as pessoas pensam: 'Ah, outro grande protesto no Irã. Mais jovens mortos no Irã', e começam a ficar insensíveis", explicou ao diário britânico *The Guardian* uma das idealizadoras da iniciativa, a americana-iraniana Layla Yarjani, para quem comida e cultura são as formas mais eficazes de conectar os povos. Concordo plenamente. Falar dos países e das causas que movem sua gente por meio da gastronomia ajuda a reavivar a energia dessas lutas e a trazer novos públicos para o debate. Comida, tradições e hábitos sempre serão ferramentas eficazes de conexão e empatia. No caso do Irã, com sua cultura e culinária milenares, que se desenvolvem desde a fantástica civilização persa, isso é ainda mais verdadeiro.

"Comida, tradições e hábitos sempre serão ferramentas eficazes de conexão e empatia"

Por que não envolver adeptos à causa *"Woman, Life, Freedom!"* em torno de um ghormeh sabzi, cozido de carne, ervas e favas, que é um dos principais pratos típicos do Irã, seja comendo, ensinando ou aprendendo sua receita? Ou incorporar mais romã, hortelã e chás — alguns dos ingredientes que não podem faltar no dia a dia iraniano — a atividades culinárias e culturais de outros países, tendo o debate com especialistas e autoridades no cardápio? Ou ainda usar eventos do tipo para arrecadar fundos para essas causas humanitárias — como ocorreu no #CookForIran?

O Irã jamais será o mesmo depois da mobilização que nasceu no país e espalhou uma centelha de esperança pelos quatro cantos do mundo. O governo iraniano anunciou que reavalia a obrigatoriedade do uso do véu. Não sabemos o que acontecerá com o regime. Mas já está claro que a aspiração que empolgou mulheres e homens por toda parte não foi em vão. ■

INSTAGRAM @ANDRESASOUSAOFICIAL

A CONDENAÇÃO NÃO APAGA O RACISMO

A cantora Andresa Sousa, 36 anos, foi atacada por ser negra num show em Brasília e processou sua agressora

DESDE CRIANÇA, meu sonho sempre foi ser cantora. Por isso, fiquei feliz ao ser contratada para interpretar clássicos de jazz e bossa nova em um restaurante de Brasília, em outubro de 2021. Mas a alegria deu lugar a um pesadelo. Sou uma mulher negra e já sofri inúmeros casos de racismo implícito, como ser seguida por seguranças em lojas de shopping. Em meus 36 anos de idade, porém, nunca havia sido vítima dessa odiosa violência de maneira tão explícita como ocorreu durante um de meus shows no local. O restaurante já estava quase fechando quando um grupo de amigas chegou. Muito animadas, elas pediram ao garçom para eu cantar *Fly Me to the Moon,* clássico de Frank Sinatra que estou acostumada a interpretar em minhas apresentações e já tinha, inclusive, cantado naquela noite. Atendendo ao pedido, repeti a canção e as amigas se levantaram para dançar perto do palco, o que achei bem divertido. Ao final, duas delas voltaram para a mesa, mas a publicitária Valkíria Tavares de Moraes subiu no palco e veio conversar comigo. Achei que ela ia elogiar a música ou pedir outra canção. Na realidade, ela queria me dizer que eu havia errado a letra. Fiquei constrangida e minha reação foi esboçar um sorriso nervoso. Pedi desculpas, disse que iria revisar a letra no tablet para não cantar errado novamente. A mulher, no entanto, não se acalmou e insistiu várias vezes que eu havia errado a palavra *words.* Como não reagi, ela bateu duas vezes no meu braço bem forte e disse: "Aprende a cantar, sua negra". Fiquei em choque. Quando ela desceu do palco, continuou batendo palmas de maneira debochada e falou para mim: "Você tem que ter respeito".

Sou nascida e criada em Brasília, para onde meus pais emigraram do Maranhão e de Minas Gerais para trabalhar. Cresci na cidade-satélite de Ceilândia, no subúrbio do Distrito Federal, e cursei direito graças uma bolsa integral que consegui por meio do Enem. Apesar do curso superior, não desisti da meta de ser cantora. Hoje, eu e meu marido, que também é músico, conseguimos nos manter assim. Amo cantar jazz justamente por ser uma música negra que também veio da periferia. Isso só aumentou minha revolta com o que estava acontecendo naquele dia. Após a agressão, eu olhei para o músico que me acompanhava e comecei a chorar. A gerente do restaurante, que viu tudo, veio falar comigo e disse que eu poderia terminar o show. Apesar de ter consciência de que havia sofrido uma agressão racial, fiquei sem reação. Outra cliente que testemunhou tudo perguntou se eu queria chamar a polícia e eu disse que sim. Quando os policiais chegaram, contamos o que aconteceu e fomos para a delegacia registrar queixa. Eles também ouviram a mulher, mas não a prenderam. Uma das amigas chegou a dizer que era delegada, mas eu não sei se era verdade.

Após um ano de processo, a Justiça condenou recentemente a publicitária a um ano e quatro meses de prisão em regime aberto e multa de 5 000 reais por injúria racial. Fiquei feliz com o resultado, mas esperava uma pena maior. A condenação não apaga o racismo. A boa notícia é que desde o dia 11 de janeiro uma nova lei equiparou o crime de injúria racial ao de racismo — cuja pena é maior, de dois a cinco anos. Infelizmente, a lei não entrou em vigor a tempo para atingir minha agressora, mas punirá de agora em diante outros casos semelhantes ao meu e que, tristemente, continuam a acontecer no país. Depois disso, fiquei conhecida em Brasília e surgiram oportunidades para eu cantar em outros eventos. Fiz desse limão uma limonada. Desejo cantar em todos os lugares e não vou deixar esse caso me anular, porque, do contrário, a gente acaba se sentindo inferior para ocupar nosso espaço na sociedade. Eu posso e tenho o direito de estar onde eu quiser. ■

Depoimento dado a Felipe Branco Cruz

NÃO É O QUE PARECE

Com o foie gras entre os itens politicamente incorretos, buscam-se substitutos — e até a versão de castanha-de-caju já se passa pelo original **AMANDA PÉCHY**

"OS PATOS que me perdoem, mas eu amo foie gras", disse certa vez o aclamado chef espanhol José Andrés, que coleciona estrelas Michelin em seu pequeno império de restaurantes nos Estados Unidos. O carro-chefe de seu The Bazaar, em Los Angeles, eram "pirulitos" de foie gras, "fígado gordo" em francês, até que a Califórnia aprovou uma lei em 2012 barrando a venda da iguaria, por acusações de maus-tratos às aves. Dinamarca, Austrália e Reino Unido, entre outros países, proibiram a produção — militante da causa ambiental, o rei Charles III expurgou o prato das 22 residências reais. No Brasil, um projeto de lei que tramita na Câmara dos Deputados quer fazer o mesmo. Ciente da má fama universal adquirida pelo delicioso patê inventado na França, o espanhol Javier Fernández, CEO da startup Hello Plant Foods, pegou carona na crescente aceitação das alternativas à base de plantas para proteínas animais e lançou em dezembro o mais bem-sucedido foie gras vegano do mercado. Na primeira leva, as 5000 unidades se esgotaram em doze horas. Na segunda, de 30000, a demanda seguiu intensa.

HELLO PLANT FOODS

MARATONA DE TESTES
Fuah!: resultado de mais de 800 receitas

Ao contrário de outras opções de foie gras sem fígado existentes no mercado, em geral de baixa qualidade, a Hello Plant Foods garante que testou mais de 800 receitas ao longo de um ano antes de lançar seu Fuah!, através de parcerias com dezenas de restaurantes na Espanha. "O objetivo era que o cliente não conseguisse distinguir o foie gras original do vegano. E conseguimos", afirmou Fernández a VEJA. O resultado final é um produto à base de castanha-de-caju, óleo de coco, farinha de lentilha e fécula de batata, com extrato de beterraba e especiarias, em duas versões: um patê no clássico vidrinho francês para conservas e uma peça inteira de meio quilo. A novidade

SARAH MEYSSONNIER/REUTERS/FOTOARENA

ARTESANAL
Borgel e seu Faux Gras: "As pessoas querem alternativas"

fez o faturamento da empresa subir 400% em relação a 2021. Segundo Fernández, a capacidade de produção foi aumentada para 16 000 unidades por dia e, além dos mais de 200 restaurantes espanhóis que já compram o produto, a empresa está selando parcerias com revendedores nos Estados Unidos, Portugal, Itália e França.

Entre as imitações comercializadas antes do Fuah!, apenas o Voie Gras (v de vegetal), da Nestlé, tinha boa aceitação na Europa, mas sua produção é limitada e não atende à demanda. Segundo pesquisa da Nielsen, 75% dos millennials e da geração Z favorecem produtos ecologicamente corretos — e o foie gras definitivamente não se encaixa na definição. Para produzir a iguaria, patos e gansos são submetidos a confinamento e alimentação forçada, através de uma cânula inserida em seu pescoço, para que adquiram um fígado até doze vezes maior do que o normal e com 65% do peso em gordura. Na França, responsável por 80% da produção de foie gras do mundo, o chef Fabien Borgel passou a oferecer uma versão vegana — batizada de Faux (falso em francês) Gras — em seu restaurante 42 Degrés, no elegante 9º arrondissement de Paris. "As pessoas querem mudar a forma de comer e estão buscando alternativas", diz Borgel. Outro substituto deve chegar às lojas dentro de um ano: a startup francesa Gourmey planeja lançar um foie gras sintético, cultivado em laboratório.

Alguns fatores vêm contribuindo para impulsionar as vendas do foie gras do B, mais barato do que o original. Um é a alta global de preços devido às crises energética e logística causadas pela guerra na Ucrânia, que resultou em uma inflação acima de 10% na Europa, o dobro da de 2021. Além disso, o continente foi afetado no ano passado por uma vasta epidemia de gripe aviária que diminuiu o número de aves — e fígados — disponíveis. Na França, projeta-se que a produção de foie gras em 2022 tenha caído 35%, com a contrapartida de uma alta de preços de 20%, passando de 60 euros (340 reais) o quilo. O produto da Hello Plant Foods, por exemplo, custa um terço disso. "Quem mais consome o Fuah! não são os vegetarianos, são os carnívoros conscientes", afirma Fernández.

Nada disso quer dizer que o foie gras tradicional vá desaparecer. Originário do Egito Antigo, onde se descobriu que gansos e patos migratórios armazenavam gordura no fígado, o legado culinário foi transmitido aos romanos e aos judeus na Idade Média, antes de conquistar a França no Renascimento. A tradição é tão arraigada que, mesmo com preços decolando, uma pesquisa recente mostrou que 77% dos franceses não estão dispostos a trocar a versão tradicional por substitutos. "Da mesma forma que os brasileiros nunca deixarão de comer picanha, os franceses não vão abandonar o foie gras. É um artigo de desejo de luxo", diz Alberto Landgraf, chef do premiado Oteque, no Rio de Janeiro. Aos poucos, porém, o foie gras sem *foie* vai se introduzindo na culinária europeia, com pretensão de ganhar o mundo. Patos e gansos agradecem. ■

MONSTRO DA BA

Numa conferência da influente revista *The New Yorker,* Lydia Tár é questionada sobre a função do maestro diante da orquestra. O movimento da batuta e das mãos, cutuca o entrevistador, não seria uma mera marcação de compassos substituível por aquele aparelhinho chamado de metrônomo? Ela discorda, e pontifica: reger é controlar o tempo — não há poder maior do que ditar quando uma sinfonia começa e termina. Por boa parte das duas horas e meia do intrigante ***Tár,*** já em cartaz no país, sua protagonista encarna com voracidade esse papel de senhora do tempo. Credenciais não lhe faltam: após reger grandes orquestras americanas, ela se tornou titular da mítica Filarmônica de Berlim; é respeitada por estudos musicais de povos indígenas e pela formação de regentes femininas; pertence, por fim, ao seletíssimo clube das personalidades EGOT — aquelas que somam os quatro maiores prêmios do showbiz americano: Emmy, Grammy, Oscar e Tony.

Vivida com energia mesmerizante pela australiana Cate Blanchett, Lydia Tár não é uma pessoa de verdade, mas resume certa categoria que o mundo conhece bem: os humanos que chegam ao topo e, de tão inflados, tornam-se intimidadores, ditatoriais — ou coisas piores. É um posto, claro, quase sempre masculino. Mas calha de Tár ser a primeira mulher a mandar na orquestra que já foi regida por machos alfa como o austríaco Herbert von Karajan — e pode se equiparar aos antecessores com feitos como uma gravação da *Quinta Sinfonia* de Gustav Mahler, única das nove completas criadas pelo compositor que ainda não registrou com o conjunto berlinense. Do alto de seus louros, Tár jura que ela nunca teve problemas com o machismo: "No que diz respeito ao preconceito de gênero, não tenho do que reclamar".

Ocorre que, ao contrário do mundo em que viveu Karajan, as questões de gênero são um ponto sensível na realidade de hoje — inclusive na Filarmônica de Berlim, onde tudo agora é decidido democraticamente pelos músicos. Daí vem a provocação que faz de *Tár* — primeiro trabalho do diretor americano Todd Field desde o memorável *Pecados Íntimos*, lá se vão dezesseis anos — o filme mais divisivo do Oscar 2023, com seis indicações *(veja à dir.)*. A regente é lésbica assumida e manipuladora contumaz — a ponto de usar o casamento com a *spalla* Sharon (Nina Hoss) como trampolim para chegar aonde chegou. Tár é, acima de tudo, uma predadora sexual que trans-

ATUTA

Tár provoca furor ao fazer de Cate Blanchett uma regente superpoderosa e abusiva, mas o filme do diretor Todd Field revela-se muito maior que a polêmica: é um quebra-cabeça fascinante que demole certezas e celebra a música clássica

MARCELO MARTHE

SINFONIA DA QUEDA Blanchett como Tár: em transe diante da orquestra

OBSESSÃO A jovem russa e a regente assediadora: fetiche pela virtuose do violoncelo

AS INDICAÇÕES

FILME DO ANO

ATRIZ
CATE BLANCHETT

DIREÇÃO
TODD FIELD

ROTEIRO ORIGINAL

FOTOGRAFIA

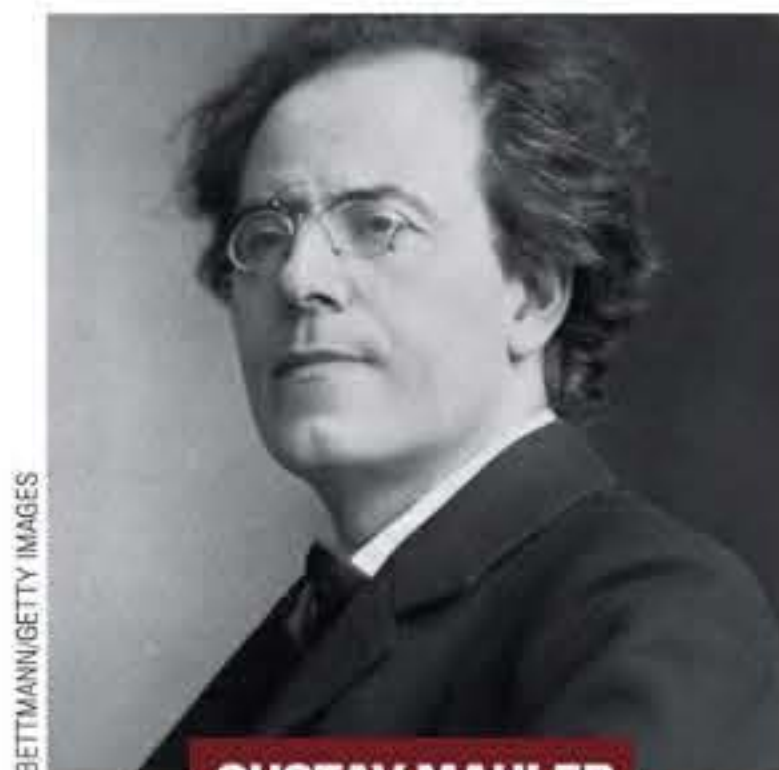
MONTAGEM

forma as vítimas em zumbis à sua volta, da assistente Francesca (Noémie Merlant), que se exaspera com uma promoção que nunca vem, à desesperada ex-pupila Krista, caída em desgraça por alguma razão obscura. A jovem violoncelista russa Olga (Sophie Kauer) é seu novo objeto de desejo, e a regente dá bandeira ao escolher uma peça em que ela brilha, o *Concerto para Violoncelo* do inglês Edward Elgar (1857-1934), para completar o menu da gravação de Mahler. Mas Olga surge bem no ponto de inflexão em que Tár vai desabar do céu ao inferno.

Na contramão das produções no espírito do #MeToo, *Tár* introduz elementos incômodos ao tratar do assédio. Obviamente, colocar uma mulher como abusadora é a maior causa de furor. A maestrina americana Marin Alsop se disse ofendida e acusou o filme de sabotar a luta feminista. Na di-

FOTOS FOCUS FEATURES

DESAFIO MUSICAL

Os quatro sujeitos (nada) ocultos que são a chave para entender a trama de *Tár*

BETTMANN/GETTY IMAGES

GUSTAV MAHLER

Pano de fundo do filme, a singular *Quinta Sinfonia* de Mahler (1860-1911) resume o espírito do compositor de origem checa: a meio caminho entre a tradição romântica e a subversão modernista, ela introduz dubiedade (e mistério) na miríade de sentimentos que a música consegue provocar

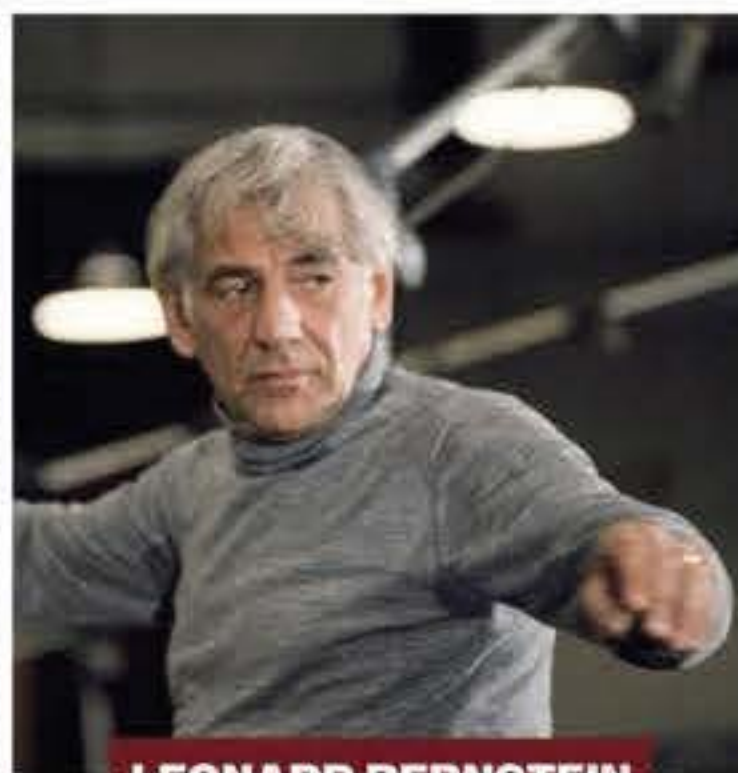
ERICH AUERBACH/HULTON ARCHIVE/GETTY IMAGES

JACQUELINE DU PRÉ

Virtuose do violoncelo, a inglesa (1945-1987) teve destino trágico: saiu de cena no auge em razão de uma esclerose múltipla – que a levaria à morte catorze anos depois. Sua célebre versão do *Concerto para Violoncelo*, de Edward Elgar (1857-1934), tem lugar de realce no filme

RUDI BLAHA/AP/IMAGEPLUS

HERBERT VON KARAJAN

O austríaco que regeu a Filarmônica de Berlim como ditador por 33 anos inspira a abusiva personagem de Cate Blanchett. Ex-membro do Partido Nazista, Karajan (1908-1989) era invejado pela ex-premiê inglesa e amiga Margaret Thatcher por razão singela: ninguém ousava desobedecê-lo

SANTI VISALLI/GETTY IMAGES

LEONARD BERNSTEIN

Mentor da protagonista de *Tár*, o maestro (1918-1990) rompeu a fronteira entre clássico e popular – são dele composições de musicais como West Side Story. Ao conduzir o *Adagietto* da *Quinta Sinfonia* de Mahler no funeral do político americano Robert Kennedy, em 1968, tornou a peça inescapável

reção oposta, há quem denuncie o longa pela suposta defesa da cultura do cancelamento, já que a queda de Tár passa pela propagação de vídeos virais e campanhas nas redes sociais.

O nível de desorientação nas críticas só ilumina a maior virtude de *Tár*: a de torpedear com sutileza certezas preestabelecidas. Field criou um fascinante quebra-cabeça em que muito do que acontece não é dito ou mostrado — e a trama ganha uma riquíssima segunda vida na imaginação do espectador e na internet. Fica no ar a verdadeira natureza da relação da regente e suas assistentes. Ao se ligar os pontos, contudo, os pecados de Tár surgem cristalinos e se adivinha sua via-crúcis pública.

O diretor cria, sobretudo, uma desafiadora celebração da música clássica. As referências *(leia à esq.)* vão do cenário à estrutura do filme. A estranha opção de iniciar a narrativa pelos créditos finais é um modo de lembrar que, assim como maestros, cineastas exercem um poder avassalador sobre centenas de anônimos. Mas é também uma alusão à *Quinta Sinfonia* de Mahler: o compositor de origem checa, afinal, abre sua obra singular de forma igualmente anticlimática, com uma marcha fúnebre.

Se Field é um mestre das nuances, a oscarizável Cate Blanchett é quem torna Lydia Tár assustadoramente humana. A atriz estudou regência e piano para filmar, e teve um choque quando Field avisou que começariam pelas cenas de concerto com uma orquestra alemã de verdade. Decisão sábia: bastam suas expressões no púlpito para captar tudo sobre Tár. A princípio inquebrantável como a arquitetura brutalista da Berlim que a cerca, ela aos poucos deixa entrever fissuras. Enquanto se desdobra entre a tentativa de se defender e os preparativos da sinfonia de Mahler, Tár encara seu maior fantasma: na madrugada, é assombrada por seu metrônomo funcionando desgovernado dentro de um armário. É o tempo avisando que lhe escapou das mãos. ■

DIVULGAÇÃO

EXPLOSIVO Lee no filme: os dramas de um país dominado por um governo opressor — e com vizinho bem perigoso

O JOGO CONTINUA

Estrela da série *Round 6*, o ator Lee Jung-jae impressiona como diretor, roteirista e protagonista em *Operação Hunt* — filme de ação sobre os horrores da ditadura militar na Coreia do Sul

SÃO MUITAS as feridas históricas recentes da Coreia do Sul. Há pouco mais de 100 anos, o país ainda era uma península unificada e foi violentamente dominado pelos japoneses. Após uma escabrosa guerra civil nos anos 1950, acabou dividido entre Norte e Sul — herança que ainda atormenta. De lá para cá, os sul-coreanos passaram por décadas de governos ditatoriais, sendo os anos 1980 o período mais dramático: sob a Presidência do general Chun Doo-hwan (1931-2021), o regime militar chegou ao ápice da opressão, com embates violentos da polícia contra estudantes lutando pela democracia. É nesse cenário que o ator Lee Jung-jae, que ganhou fama mundial com a série da Netflix *Round 6*, ambienta o thriller de ação ***Operação Hunt*** (*Heon-teu*; Coreia do Sul/ 2022), que estreia nos cinemas em 2 de fevereiro.

Ex-modelo e agora ator requisitado por Hollywood, Lee, de 50 anos, demonstra o domínio de novas habilidades: ele assina o roteiro e a direção do longa, enquanto assume o protagonismo. Na pele de Park Pyong-ho, chefe da Unidade Estrangeira da KCIA, o serviço de inteligência da Coreia do Sul, ele se apresenta como um homem durão e frio, mas que pisa em ovos com o colega Kim Jung-do (Jung Woo-sung), chefe da Unidade Doméstica. Quando um plano para assassinar o presidente vem à tona, surge também a informação de que existe um infiltrado norte-coreano no alto escalão da KCIA — e os dois agentes logo se tornam suspeitos.

Misturando fatos e ficção, Lee encontrou um caminho para apresentar uma história indigesta sem repelir o espectador. Retratar uma ditadura militar demanda falar de tortura, de luto, medo e paranoia. Esses pontos estão no filme, mas ladeados por sequências de ação exuberantes e um mistério hipnótico. O jogo de cintura é exemplo de como a vasta produção sul-coreana se tornou universal nos últimos anos. Do primoroso *Parasita* à série *Round 6*, que ganhará uma segunda temporada em 2024, a produção local encontrou o difícil equilíbrio entre uma narrativa relevante mas que sabe entreter ao mesmo tempo.

Na história real que inspirou o filme, um policial de fato assassinou um presidente, mas nos anos 1970: o ditador Park Chung-hee (1917-1979) foi morto num jantar pelo diretor da KCIA. Em seguida, Chun Doo-hwan deu um golpe no sucessor de Park e tomou o poder. Chun também foi alvo de atentados, mas nenhum bem-sucedido — ele morreu aos 90 anos, em Seul. Seus crimes contra os direitos humanos foram perdoados, já que, durante sua "gestão", a economia decolou. Como em *Round 6*, o jogo da vida real é perigoso — e nunca para. ■

Raquel Carneiro

O ASTRO INCANSÁVEL

Gigante absoluto de *Star Wars* e *Indiana Jones*, Harrison Ford prova sua vitalidade aos 80 anos com papéis notáveis em duas séries que estreiam no streaming **KELLY MIYASHIRO**

A HISTÓRIA é bem conhecida e comprova o poder mágico de Hollywood em transformar vidas — e surpreender. Em meados da década de 60, então aos 20 e poucos anos, um jovem Harrison Ford se mudou do Meio-Oeste americano para Los Angeles em busca da carreira artística. A aventura teve largada nada palpitante: como primeiro emprego, só conseguiu um contrato genérico de 150 dólares por semana com a Columbia Pictures. A estreia se deu com uma ponta de menos de um minuto no longa *O Ladrão Conquistador* (1966). No dia seguinte à filmagem, um produtor aconselhou o rapaz a procurar outro ofício — a seus olhos, o novato não exibia talento para ser astro de cinema. O sabichão tinha um faro meio esquisito, para dizer o mínimo, mas foi ouvido: com mulher e dois filhos para criar, Ford chegou a desistir e seguiu a vida como um frugal (embora exímio) carpinteiro. Até ser resgatado por George Lucas em *Loucuras de Verão* (1973) e quatro anos depois, também pelas mãos do diretor, explodir como o Han Solo de *Star Wars* (1977).

Ford hoje ri disso tudo, claro, mas conserva algo intacto da experiência difícil do início de carreira: a humildade de um operário incansável das telas. É com essa arma que o ator, aos 80 anos e mais de setenta filmes no currículo, desbrava uma seara curiosamente ainda virgem em sua trajetória: as séries de TV. Enquanto tantos medalhões do cinema correram para protagonizar tramas feitas sob medida para eles na TV e no streaming nos últimos anos, Ford não se sensibilizou com a onda. Só agora entra no jogo, no seu ritmo, e mesmo assim na modesta posição de, por assim dizer, zagueiro.

Na comédia dramática ***Falando a Real***, já disponível na Apple TV+, ele faz um papel de franco coadjuvante. O personagem Paul é um psiquiatra calejado, ranzinza e mentor involuntário do atrapalhado herói Jimmy (Jason Segel) — colega mais jovem que implode em meio ao doloroso processo de luto pela morte da esposa num acidente de carro. No drama de época ***1923***, que chega à plataforma Paramount+ a partir do domingo 5, Ford compõe ao lado de Helen Mirren o casal central da saga de fazendeiros que lutam por sua terra no interior americano. Respeitável, mas é como se Ford se contentasse com um carro de segunda mão: a nova série é mais uma derivada — a segunda — do sucesso *Yellowstone*, de Kevin Costner.

Ainda que assumindo posições discretas, o astro chama atenção, em especial pela capacidade de se desdobrar nos universos tão distantes das duas séries. Profissional ponderado e zeloso dos protocolos da terapia, o psiquiatra Paul é a voz que tenta chamar o personagem de Segel à razão quando, devastado pelo luto, o protagonista de *Falando a Real* quebra um postulado básico da psiquiatria — o distanciamento dos pacientes. Aos poucos, o tiozão vivido por Ford se

JAMES MINCHIN/PARAMOUNT+

DAVID JAMES/LUCASFILM

HERÓI Como Indiana Jones: clássico

GIGANTES NA TELA Ford e Helen Mirren em *1923*: veteranos vivem drama e guerra no faroeste

solta, e até faz rir. "O que mais me impressionou foi que ele não se prendia à aura de ser Harrison Ford. Queria ser engraçado. Para mim, é um dos maiores comediantes que já vi", disse Segel em entrevista a VEJA.

Em contrapartida, o drama *1923* coloca o ator na pele do imponente Jacob Dutton, tio-tataravô do personagem de Costner em *Yellowstone*. Dono de terras disposto a tudo para proteger sua família e seu rancho dos rivais, Dutton faz de Ford um caubói clássico. O ator, aliás, já disse que aceitou o convite para o papel apenas para trabalhar novamente com Helen Mirren, sua parceira em *A Costa do Mosquito* (1986). Em *1923*, os dois ofuscam inevitavelmente até o belíssimo cenário montanhoso. "Eu quero contar histórias que elevem nossas vidas, nos mudem, nos deem experiências que nos tornem mais humanos", explicou Ford em um vídeo.

Se o psiquiatra Paul e o fazendeiro Dutton guardam algum fiapo de semelhança, é a de serem homens maduros lutando para manter de pé a ordem das coisas em seus domínios. Ou seja: no fundo eles são Harrison Ford sendo Harrison Ford — e difícil achar um artigo mais reconfortante que esse em qualquer tempo. As duas séries são um excelente prelúdio para o grande evento que vem por aí nesse sentido: o retorno do ator à pele do antológico explorador Indiana Jones. O quinto filme da franquia estreia em 30 de junho, após atrasos causados pela pandemia e até um acidente com o astro, que teve de passar por uma cirurgia após fraturar o ombro num ensaio de luta. "Não desejo me reinventar. Eu só quero trabalhar", disse Ford em entrevista recente, negando qualquer chance de aposentar-se. Que seu desejo seja uma ordem. ■

APPLE TV+

MENTOR Com Jason Segel em *Falando a Real:* terapeuta experiente e guia

GWR/STAR MAX/IPX/AP/IMAGEPLUS

FIGURA POP Versão robô de Kusama na vitrine da Louis Vuitton em Nova York: peças com bolinhas beiram 30 000 reais

CORES LUCRATIVAS

Uma parceria da japonesa Yayoi Kusama com a grife Louis Vuitton galvaniza o mercado da moda, mas reacende o debate sobre a exploração dos artistas como marca **AMANDA CAPUANO**

UMA DAS MARCAS de luxo mais famosas do mundo, a Louis Vuitton atrai milhares de curiosos para suas lojas. Na última semana, a filial de Nova York, localizada na movimentada Quinta Avenida, ganhou uma atração extra: uma versão robótica da popular artista japonesa Yayoi Kusama, de 93 anos, substitui os tradicionais manequins na vitrine e chama a atenção dos transeuntes com movimentos que simulam pinceladas. A ação divulga a nova parceria ambiciosa da marca com Kusama: lançada em janeiro, pouco mais de dez anos depois de seu primeiro trabalho em conjunto, em 2012, a coleção leva para os mostruários de luxo mais de 400 peças inspiradas no trabalho da japonesa, marcado por uma explosão de bolinhas coloridas e esferas metálicas que agora decoram bolsas, óculos e vestimentas.

Com um padrão de estampa repetitivo e peças luxuosas que beiram os 30 000 reais, a coleção reacende um debate antigo: até que ponto a obra de um artista pode ser explorada como marca sem que se torne meramente um item comercial? O brasileiro Romero Britto ganhou status global com quadros coloridos e geométricos pueris, hoje repetidos à exaustão em produtos licenciados, entre eles bolsas, canecas e pequenas esculturas. Na Inglaterra, o tema foi motivo de troca de farpas: em 2012, o britânico David Hockney alfinetou o compatriota Damien Hirst pelos quadros que reproduzem pontos coloridos em fileiras, pintados por assistentes do artista e vendidos por milhões — na época, o jornal americano *The New York Times* contabilizou que Hirst havia pintado apenas cinco dos 1 400 quadros produzidos até então.

No caso da parceria de Kusama com a Louis Vuitton, as bolas são reproduzidas por uma serigrafia espe-

cial e aplicadas nas peças. O que vale, no final, não é a habilidade da artista em si, mas a assinatura que acompanha os itens. É como se ela, por si só, fosse um selo de autenticidade reproduzido em série. A marca francesa, inclusive, radicalizou a ideia criando não apenas itens personalizados e caríssimos inspirados em Kusama, mas também investindo numa divulgação que se estende dos ensaios de supermodelos a filtros para as redes sociais, e até um joguinho que guia o cliente na descoberta da coleção. Tudo, é claro, "instagramável" o suficiente para surfar na efervescência digital que hoje pauta as grandes marcas.

Alçada ao cenário global como inovadora e prolífica, Kusama usa as cores e materiais para criar um universo próprio em intervenções e esculturas famosas pelo mundo afora. Sua obsessão pelas bolas e pontos tem uma razão triste: é fruto da esquizofrenia que a atormenta desde a infância. Kusama mora em uma instituição psiquiátrica há mais de quarenta anos, e costuma ligar sua obra às visões causadas pela doença. Nascida em Matsumoto, em 1929, a artista se mudou para Nova York em 1957, circulando com figuras consagradas como Andy Warhol — mentor da arte pop e ele próprio um mestre da produção em série e exploração comercial da arte.

Desde então uma figura pop, a artista fez a primeira parceria com a marca francesa em 2012. Foi um sucesso, transformando as peças em artigos colecionáveis e a "arte Kusama" em item cobiçado não só pelo teor artístico, mas como fetiche fashion. Agora, a nova investida intensifica ainda mais a aposta. Bolsas de bolinhas podem não se confundir com arte de verdade — mas dão um lucro inspirador. ■

WALCYR CARRASCO

PALAVRAS QUE FEREM

Um pronome errado destrói a construção de vida de alguém

A VELOCIDADE do mundo às vezes me atropela. A linguagem muda, e muda rapidamente. É preciso atualizar palavras, expressões. Juro, isso é difícil. Quando era menino, palavras do cotidiano hoje seriam consideradas discriminatórias, racistas, machistas, sexistas, transfóbicas... No passado o termo "traveco" era usado às pampas. É claramente pejorativo. Até hoje em alguns locais discute-se que banheiro uma transexual deve usar. Homem ou mulher? Já se falou em construir um terceiro. Mas também se rebateu: isso seria reforçar a exclusão, como no passado obrigavam os negros a usar banheiros diferentes dos brancos. (Origem do famoso "banheiro de empregada", ainda presente nos projetos das construtoras, herança discriminatória na sociedade brasileira.) Se a pessoa tem o direito de ser considerada homem ou mulher no papel, de acordo com sua identidade de gênero, pode usar o banheiro correspondente, não é? Mas ainda existe muita confusão em torno. Drag queen, por exemplo, é uma expressão artística, não uma identidade. Trans é perceber-se em um gênero diferente do corpo biológico. Muitos acham que trans feminina é aquela que se operou. Bobagem. Vale como a pessoa se sente e se posiciona na vida. Se você acaba de conhecer alguém que é transgênero ou transexual, talvez tenha medo de se expressar de forma inadequada. A dica: trate a pessoa como ela própria se define. Use os mesmos termos e pronomes que ela usa para descrever a si mesma. Chame-a pelo pronome correto, que ela usa. E não pelo sexo que lhe foi atribuído no nascimento. E se conheceu o indivíduo antes da transição, não fale sobre isso durante a conversa, não fique perguntando seu nome de batismo, segure sua curiosidade. Enfim, não exponha a pessoa. Imagine as lutas de quem passou a vida se buscando, se adequando, tomando medicações, enfrentando família, sociedade e o escambau. E que de repente tem de dar satisfação de tudo que fez, ao conhecer alguém. Cisgênero é quem se identifica com o sexo biológico com o qual nasceu. Mas gafes ainda acontecem muito... As trans passam a vida explicando aos antigos amigos que agora são "ela" e não "ele". A própria Linn da Quebrada, que fez sucesso no *BBB* anterior, tatuou "ela" na testa. Mesmo assim há quem erre e a chame de "ele". Se você cometer uma gafe desse tipo, peça desculpas imediatamente. O mundo mudou, a transexualidade ganhou espaço, lugar de fala, lugar na sociedade. Ainda falta muito, principalmente no Brasil, que é o país onde mais se matam trans no mundo. Essas pessoas correm risco de vida. Um bom passo para respeitar sua identidade é usar os termos corretos.

> **"As pessoas trans ganharam espaço, e um bom passo para respeitar sua identidade é usar termos corretos"**

Nada fere mais alguém do que ser chamado pelo que não é. Ser trans costuma ser uma saga. Em geral começa com uma guerra na família e continua em uma batalha na sociedade. Usar as palavras certas é uma questão de respeito, de civilidade. Transexuais estão em um lugar de extrema vulnerabilidade. Usar uma vogal errada destrói toda a construção da vida de alguém. ■

ANA CARBALLOSA/LIONSGATE

DISCO

LATE DEVELOPERS, **de Belle and Sebastian (disponível nas plataformas de streaming)**

Ao surgir, nos anos 1990, os escoceses do Belle and Sebastian não acreditaram no sucesso que atingiram. Suas baladas despojadas tinham a cara do público indie, mas foi a qualidade melódica que expandiu a banda para outros universos. Essa mesma qualidade está presente no novo trabalho e prova que a criatividade do septeto continua afiada. A nostalgia dos anos 2000 surge em *When We Were Very Young*. Em *I Don't Know What You See in Me*, um refrão cativante é emoldurado pela melodia de sintetizadores.

ANNA ISOLA CROLLA

INDIE Belle and Sebastian: as baladas despojadas da banda escocesa estão de volta

TELEVISÃO

CASAMENTO ARMADO ***(Shotgun Wedding*; Estados Unidos; 2023. No Amazon Prime Video)**

Darcy (Jennifer Lopez) não sonha com uma festa de casamento tradicional — afinal, ela já é uma mulher madura que não precisa se vestir de princesa e passar dos braços do pai para o do marido. Mas Tom (Josh Duhamel), seu noivo, está obcecado pela festa perfeita. Ele diz que é um presente para sua mãe (vivida pela ótima Jennifer Coolidge). Fica claro, porém, que é ele o romântico incurável da relação. A cerimônia em uma ilha nas Filipinas é interrompida por um grupo de piratas que faz o grupo de refém para roubar um dos convidados ricaços. Os noivos escapam e, entre uma DR e outra, dão tudo de si para salvar os familiares. A divertidíssima trama de ação tira o melhor do timing cômico do elenco, especialmente da cantora JLo — que se joga no ridículo sem vaidades (mas continua belíssima aos 53).

COMÉDIA ÁCIDA Jennifer Lopez e Josh Duhamel: noivos enfrentam piratas em casório nas Filipinas

LIVRO

QUANDO OS PÁSSAROS VOLTAREM, **de Fernando Aramburu (tradução de Ari Roitman e Paulina Wacht; Intrínseca; 544 páginas; 99,90 reais e 69,90 em e-book)**

Aos 54, Toni, um professor de filosofia, está cansado de tudo e de todos. Ele marca no calendário: em 31 de julho, vai tirar a própria vida. Faltam doze meses até a fatídica data, período no qual ele tece um diário de sua trajetória até ali, da relação familiar conturbada na infância até o casamento falido e o filho problemático. Novo romance do autor de *Pátria* (adaptado pela HBO), o espanhol transita entre a melancolia e o humor em uma narrativa espirituosa sobre o valor da vida. ■

OS MAIS VENDIDOS

FICÇÃO

1. **É ASSIM QUE COMEÇA** Colleen Hoover [1 | 12] GALERA RECORD
2. **É ASSIM QUE ACABA** Colleen Hoover [2 | 74#] GALERA RECORD
3. **A MANDÍBULA DE CAIM** Edward Powys Mathers (Torquemada) [4 | 4] INTRÍNSECA
4. **A BIBLIOTECA DA MEIA-NOITE** Matt Haig [3 | 22#] BERTRAND BRASIL
5. **TODAS AS SUAS IMPERFEIÇÕES** Colleen Hoover [5 | 57#] GALERA RECORD
6. **VERITY** Colleen Hoover [7 | 40#] GALERA RECORD
7. **TORTO ARADO** Itamar Vieira Junior [10 | 89#] TODAVIA
8. **A REVOLUÇÃO DOS BICHOS** George Orwell [8 | 211#] VÁRIAS EDITORAS
9. **TUDO É RIO** Carla Madeira [9 | 22#] RECORD
10. **A HIPÓTESE DO AMOR** Ali Hazelwood [0 | 23#] ARQUEIRO

NÃO FICÇÃO

1. **O QUE SOBRA** Príncipe Harry [1 | 2] OBJETIVA
2. **MULHERES QUE CORREM COM OS LOBOS** Clarissa Pinkola Estes [2 | 140#] ROCCO
3. **O REI DOS DIVIDENDOS** Luiz Barsi Filho [3 | 5] SEXTANTE
4. **SAPIENS: UMA BREVE HISTÓRIA DA HUMANIDADE** Yuval Noah Harari [5 | 306#] L&PM/COMPANHIA DAS LETRAS
5. **PEQUENO MANUAL ANTIRRACISTA** Djamila Ribeiro [8 | 112#] COMPANHIA DAS LETRAS
6. **RÁPIDO E DEVAGAR** Daniel Kahneman [0 | 180#] OBJETIVA
7. **MENTES PERIGOSAS** Ana Beatriz Barbosa Silva [6 | 136#] PRINCIPIUM
8. **QUARTO DE DESPEJO – DIÁRIO DE UMA FAVELADA** Carolina Maria de Jesus [7 | 35#] ÁTICA
9. **COMO EVITAR UM DESASTRE CLIMÁTICO** Bill Gates [0 | 1] COMPANHIA DAS LETRAS
10. **O DIÁRIO DE ANNE FRANK** Anne Frank [0 | 298#] VÁRIAS EDITORAS

AUTOAJUDA E ESOTERISMO

1. **CAFÉ COM DEUS PAI** Junior Rostirola [1 | 4] VIDA
2. **MAIS ESPERTO QUE O DIABO** Napoleon Hill [2 | 191#] CITADEL
3. **OS SEGREDOS DA MENTE MILIONÁRIA** T. Harv Eker [3 | 401#] SEXTANTE
4. **O HOMEM MAIS RICO DA BABILÔNIA** George S. Clason [4 | 110#] HARPERCOLLINS BRASIL
5. **PAI RICO, PAI POBRE** Robert Kiyosaki e Sharon Lechter [5 | 104#] ALTA BOOKS
6. **ESPECIALISTA EM PESSOAS** Tiago Brunet [0 | 26#] ACADEMIA
7. **O PODER DA AUTORRESPONSABILIDADE** Paulo Vieira [0 | 82#] GENTE
8. **COMO FAZER AMIGOS & INFLUENCIAR PESSOAS** Dale Carnegie [6 | 72#] SEXTANTE
9. **DO MIL AO MILHÃO** Thiago Nigro [7 | 176#] HARPERCOLLINS BRASIL
10. **QUEM PENSA ENRIQUECE** Napoleon Hill [0 | 110#] CITADEL

INFANTOJUVENIL

1. **O HERDEIRO ROUBADO** Holly Black [0 | 1] GALERA RECORD
2. **ATÉ O VERÃO TERMINAR** Colleen Hoover [1 | 48#] GALERA RECORD
3. **VERMELHO, BRANCO E SANGUE AZUL** Casey McQuiston [4 | 89#] SEGUINTE
4. **O PEQUENO PRÍNCIPE** Antoine de Saint-Exupéry [5 | 357#] VÁRIAS EDITORAS
5. **EU E ESSE MEU CORAÇÃO** C. C. Hunter [3 | 16#] JANGADA
6. **MALALA – A MENINA QUE QUERIA IR PARA A ESCOLA** Adriana Carranca [9 | 23#] COMPANHIA DAS LETRINHAS
7. **NOVEMBRO, 9** Colleen Hoover [6 | 39#] GALERA RECORD
8. **HARRY POTTER E A PEDRA FILOSOFAL** J.K. Rowling [7 | 373#] ROCCO
9. **MANUAL DE ASSASSINATO PARA BOAS GAROTAS** Holly Jackson [0 | 6#] INTRÍNSECA
10. **AMOR & GELATO** Jenna Evans Welch [8 | 75#] INTRÍNSECA

Pesquisa: **Bookinfo** / Fontes: **Aracaju**: Escariz, Saraiva, **Balneário Camboriú**: Curitiba, **Barra Bonita**: Real Peruíbe, **Barueri**: Saraiva, **Belém**: Leitura, Saraiva, SBS, **Belo Horizonte**: Disal, Leitura, SBS, Vozes, **Bento Gonçalves**: Santos, **Betim**: Leitura, **Blumenau**: Curitiba, **Brasília**: Disal, Leitura, Livraria da Vila, Saraiva, SBS, Vozes, **Cabedelo**: Leitura, **Cachoeirinha**: Santos, **Campina Grande**: Leitura, **Campinas**: Disal, Leitura, Livraria da Vila, Loyola, Saber e Ler, Vozes, **Campo Grande**: Leitura, Saraiva, **Campos dos Goytacazes**: Leitura, **Canoas**: Santos, **Capão da Canoa**: Santos, **Caruaru**: Leitura, **Cascavel**: A Página, **Caxias do Sul**: Saraiva, **Colombo**: A Página, **Confins**: Leitura, **Contagem**: Leitura, **Cotia**: Prime, Um Livro, **Criciúma**: Curitiba, **Cuiabá**: Saraiva, Vozes, **Curitiba**: A Página, Curitiba, Disal, Evangelizar, Livraria da Vila, SBS, Vozes, **Florianópolis**: Curitiba, Livrarias Catarinense, Saraiva, **Fortaleza**: Evangelizar, Leitura, Saraiva, Vozes, **Foz do Iguaçu**: A Página, Kunda Livraria Universitária, **Franca**: Saraiva, **Frederico Westphalen**: Vitrola, **Goiânia**: Leitura, Palavrear, Saraiva, SBS, **Governador Valadares**: Leitura, **Gramado**: Mania de Ler, **Guaíba**: Santos, **Guarapuava**: A Página, **Guarulhos**: Disal, Livraria da Vila, Leitura, SBS, **Ipatinga**: Leitura, **Itajaí**: Curitiba, **Jaú**: Casa Vamos Ler, **João Pessoa**: Leitura, Saraiva, **Joinville**: A Página, Curitiba, **Juiz de Fora**: Leitura, Saraiva, Vozes, **Jundiaí**: Leitura, Saraiva, **Limeira**: Livruz, **Lins**: Koinonia Livros, **Londrina**: A Página, Curitiba, Livraria da Vila, **Macapá**: Leitura, **Maceió**: Leitura, Saraiva, **Maringá**: Curitiba, **Mogi das Cruzes**: Leitura, Saraiva, **Natal**: Leitura, Saraiva, **Niterói**: Blooks, Saraiva, **Nova Iguaçu**: Saraiva, **Palmas**: Leitura, **Paranaguá**: A Página, **Pelotas**: Vanguarda, **Petrópolis**: Vozes, **Olinda**: Saraiva, **Osasco**: Saraiva, **Poços de Caldas**: Livruz, **Ponta Grossa**: Curitiba, **Porto Alegre**: A Página, Cameron, Cultura, Disal, Leitura, Santos, Saraiva, SBS, **Porto Velho**: Leitura, **Recife**: Disal, Leitura, Saraiva, SBS, Vozes, **Ribeirão Preto**: Disal, Livraria da Vila, Saraiva, **Rio Claro**: Livruz, **Rio de Janeiro**: Blooks, Disal, Janela, Leitura, Saraiva, SBS, **Rio Grande**: Vanguarda, **Salvador**: Disal, Escariz, LDM, Leitura, Saraiva, SBS, **Santa Maria**: Santos, **Santana de Parnaíba**: Leitura, **Santo André**: Disal, Leitura, Saraiva, **Santos**: Loyola, Saraiva, **São Bernardo do Campo**: Leitura, **São Caetano do Sul**: Disal, Livraria da Vila, **São João de Meriti**: Leitura, **São José**: A Página, Curitiba, **São José do Rio Preto**: Leitura, Saraiva, **São José dos Campos**: Curitiba, Leitura, **São José dos Pinhais**: Curitiba, **São Luís**: Leitura, **São Paulo**: A Página, CULT Café Livro Música, Cultura, Curitiba, Disal, Drummond, Leitura, Livraria da Vila, Loyola, Megafauna, Nobel Brooklin, Saraiva, SBS, Vozes, WMF Martins Fontes, **Serra**: Leitura, **Sete Lagoas**: Leitura, **Sorocaba**: Saraiva, **Taboão da Serra**: Curitiba, **Taguatinga**: Leitura, **Taubaté**: Leitura, **Teresina**: Leitura, **Uberlândia**: Leitura, Saraiva, SBS, **Umuarama**: A Página, **Votorantim**: Saraiva, **Vila Velha**: Leitura, Saraiva, **Vitória**: Leitura, SBS, **Vitória da Conquista**: LDM, **Internet**: A Página, Amazon, Americanas.com, Authentic E-commerce, Boa Viagem E-commerce, Bonilha Books, Cultura, Curitiba, Leitura, LT2 Shop, Magazine Luiza, Saraiva, Shoptime, Submarino, Vanguarda, WMF Martins Fontes

[A|B#] – A] posição do livro na semana anterior B] há quantas semanas o livro aparece na lista #] semanas não consecutivas

JOSÉ CASADO

SEM SOCORRO

COMPLETAVA-SE um ano de ordens judiciais nunca cumpridas para assistência e proteção às vítimas. O governo continuava imóvel numa liturgia de burocracia rígida, centralizada e deliberadamente paralisante. Preparava uma nova versão do plano de socorro à população indígena no noroeste de Roraima, na fronteira com a Venezuela.

O quinto rascunho em doze meses era evidência de que a fome e as mortes dos isolados na selva não estavam na lista de prioridades do Palácio do Planalto naquele outono de 2021. Relevante para o governo era seu projeto (nº 191) de abertura das terras indígenas à exploração de ouro, cassiterita e petróleo, com uso dos rios para geração de energia.

Desde o início da pandemia, duas centenas de comunidades definhavam por doenças evitáveis como desnutrição, malária e verminoses. Estavam sitiadas pela violência de invasores, milhares de garimpeiros, financiados e escoltados por milícias do crime organizado. O Supremo Tribunal Federal, novamente, determinara intervenção emergencial, com uso de força policial, mas isso dependia da mobilização militar na região.

Sob pressão, o então ministro da Justiça e Segurança Pública, Anderson Torres, relatou ao STF dificuldades com o "apoio logístico a ser prestado pelas Forças Armadas". Exemplificou com a correspondência que recebera do Ministério da Defesa: "Esse Estado-Maior Conjunto informa que aguarda a disponibilização de recursos extraordinários (...) Dessa forma, o apoio previsto necessitará ser postergado, condicionado ao recebimento dos referidos créditos".

As Forças Armadas tinham 102 bilhões de reais reservados no orçamento federal, mas o então ministro da Defesa, Walter Braga Netto, alegava não ter dinheiro para ajudar no socorro aos ianomâmis em Roraima.

A renovação da negativa do governo foi remetida ao juiz Luís Roberto Barroso, no Supremo. Na terça-feira 1º de junho de 2021, ele escreveu 29 palavras no processo: "Registro com desalento o fato de que as Forças Armadas brasileiras não tenham recursos para apoiar uma operação determinada pelo Poder Judiciário para impedir o massacre de populações indígenas".

> "Uma rede de cumplicidades no morticínio dos ianomâmis"

Na sequência, Bolsonaro e os ministros da Defesa e da Justiça viajaram a Roraima para reuniões com garimpeiros. Braga Netto e Torres agora estão no centro de investigações sobre a tentativa de golpe de 8 de janeiro.

As digitais dos ex-ministros da Defesa e da Justiça estão espalhadas na crise humanitária dos ianomâmis. Morreram duas crianças por inanição e doenças evitáveis a cada semana dos últimos dois anos. Pela conta oficial, foram mais de 570 vítimas no governo Bolsonaro.

Na cadeia de comando dessa tragédia se destacam outros ministros além de Braga Netto e Torres. Um deles é Augusto Heleno, antigo chefe do Gabinete de Segurança Institucional (GSI) da Presidência, que autorizou a expansão do garimpo de ouro na Amazônia.

Damares Alves, senadora eleita, admitiu que durante sua estadia no Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos acumulou denúncias de violações aos direitos dos ianomâmis. Denunciada por conivência no morticínio na floresta, atribuiu aos ex-ministros da Justiça, Educação e Saúde toda a responsabilidade pela "política indigenista".

Na lista de coautores também está um assessor de Bolsonaro, o empresário Nabhan Garcia, descrito pelo ex-presidente da Funai Franklimberg Ribeiro como personagem que "saliva ódio aos indígenas". Garcia ajudou a derrubar Ribeiro, general da reserva, para nomear Marcelo Augusto Xavier da Silva, policial reprovado em exame psicotécnico, na execução da "política indigenista".

Inquéritos e estudos acadêmicos demonstram há tempos como a rede de negócios obscuros na Amazônia prospera com vínculos políticos, entrelaçando atividades ilícitas no garimpo, na pesca, no desmatamento, na grilagem de terras públicas com narcotráfico e lavagem de dinheiro.

A proteção avançou sob Bolsonaro, cuja visão de "política indigenista" ele já havia resumido em discurso na Câmara, na quinta-feira 15 abril de 1998: "Realmente, a Cavalaria brasileira foi muito incompetente. Competente, sim, foi a Cavalaria norte-americana, que dizimou seus índios no passado e hoje em dia não tem esse problema em seu país".

Enrolados em processos domésticos, Bolsonaro e aliados agora devem enfrentar ações penais fora do país. Na Corte de Haia, por exemplo, que costuma surpreender políticos quando estão na planície, bem longe do poder. ■